# Stylus

Link do Espaço Escola

# *O passe: uma experiência brasileira*



Associação Fóruns do Campo Lacaniano
abril de 2000 - nº 1

PREFEITURA
BELO HORIZONTE
TRABALHO PELA VIDA
DESENVOLVIMENTO SOCIAL

# Stylus

**Link do Espaço Escola**

...rum do Campo Lacaniano em São Paulo FCL - SP
CNPJ 04.723.258/0001-77

# *O passe: uma experiência brasileira*



**FÓRUM DO CAMPO LACANIANO**
RUA ASPICUELTA, 131
CEP 05433 - 010 SÃO PAULO - SP

EPFCL-Fórum do Campo Lacaniano
Biblioteca
Luiz Carlos
Nogueira

**Associação Fóruns do Campo Lacaniano**
**abril de 2000 - nº 1**

**© Stylus, link do Espaço Escola da Associação Fóruns do Campo Lacaniano**
**nº 1 - Abril - 2000**
**E-mail: afcl@alternex.com.br**

**Diretora da AFCL -** *Sonia Alberti*
**Coordenador do Espaço Escola (EE) -** *Antonio Quinet*
**Editoras de** *Stylus* **N.º 1 -** *Edméia Nogueira Toledo* e *Rosana Baccarini*

**Comissão de Publicação**
*Angela Diniz Costa, Alexandre Simões, Rosângela Corgosinho, Bárbara Guatimosim, Clícia Magalhães, Sueli Miranda, Zilda Machado*

**Revisão** - *Berenicy Raelmy Silva* - SJPMG - 4.182/MG

**Criação da Arte e Editoração -** *Kleber Nogueira*

# SUMÁRIO

Apresentação Stylus - Link do Espaço Escola - *Antonio Quinet* ..... 5
Editorial - *Edméia Nogueira Toledo* e *Rosana Baccarini* ..... 7

**PASSE E TRANSFERÊNCIA**

O desejo do analista e o termo da transferência - *Antonio Quinet* ..... 11
A transferência depois do passe - *Marie-Jean Sauret* ..... 21

**O PASSE - UMA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA**

O CARTEL DO PASSE, O PASSADOR E A ESCOLA - CLÍNICA DO PASSE

A propósito da expressão "passe sob transferência" - *Graça Pamplona* ..... 33
Passe sob transferência - *Roseli Maria Rodella de Oliveira* ..... 37
Mesa-redonda do Fórum Nacional do Campo Lacaniano
Lições do cartel do passe - *Jairo Gerbase* ..... 45
O cartel do passe na EBP - *Antonio Quinet* ..... 49
O passe é o passador - *Nilda Deiró* ..... 53
A Escola como jogo político do passe - *Marie-Jean Sauret* ..... 57
Debate - Fórum Nacional do Campo Lacaniano - 1999 ..... 61

CLÍNICA DO PASSE I

Passe sob transferência - "Rainha do Conga" - *Rainer Melo* ..... 69
Passe na AMP - *Maria Anita Carneiro Ribeiro* ..... 77
A – Mor ( te ) pelo pai ao a – mor de transferência - *Nilda Deiró* ..... 83
A marca do analista - *Maria Anita Carneiro Ribeiro* ..... 87

CLÍNICA DO PASSE II

Mesa-redonda do Fórum Nacional do Campo Lacaniano - 1999
Passe ao desejo do analista - *Sônia Campos Magalhães* ..... 91
Venda de olhos - *Graciela Bessa* ..... 97
A experiência do passe na EBP - *Elizabeth Rocha Miranda* ..... 103
Um dispositivo furado - *Dominique Fingermann* ..... 109
Debate - Fórum Nacional do Campo Lacaniano - BH ..... 117

**ASSOCIAÇÃO FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO**

Associação Fóruns do Campo Lacaniano - *Sonia Alberti* ..... 133
A atualidade do cartel na AFCL - *Clarice Gatto* ..... 135
Estatuto ..... 139
Seminários ..... 147

**PROGRAMAS E PROJETOS DA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE**

Apresentação - *Rosana Baccarini* ..... 155

# Apresentação

## *Stylus* - Link do Espaço Escola

*Stylus* em grego significa instrumento pontiagudo de metal, punção que serve para furar ou gravar. É de onde se origina o termo estilo que nos indica sua característica de risco, furo, corte que marca o estilo do analista cujos escritos esperamos aqui publicar.

do movimento analítico, que centra seu debate atual em questões relativas à Escola proposta por Jacques Lacan. Tendo muitos de seus membros participado da constituição de outra Escola com a qual romperam por não concordarem com os desvios efetuados em relação à proposta original, este número traduz o momento atual de crítica da experiência, a retomada dos textos de fundamentos, a elaboração de doutrina e a reflexão sobre novas propostas.

Assim, este nº 1 de *Stylus* reúne os trabalhos daqueles que participaram ativamente da experiência do passe efetuada no Brasil: como passante, passador, participante do secretariado do passe ou membro do cartel do passe.

O Espaço Escola é uma instância da Associação Fóruns do Campo Lacaniano constituído por grupos de trabalho que se reúnem em *Seminários de Escola* que visam extrair propostas, comentários e estudos escritos objetivando uma futura Escola de Psicanálise. *Stylus* se propõe a favorecer o intercâmbio e a difusão dos trabalhos dos diversos Seminários de Escola e trazer a público a produção individual de seus componentes dentro de uma perspectiva de elaboração coletiva. Ele é o link dos que estão interessados nessa reflexão.

A edição de cada número de *Stylus* está a cargo de um Fórum do Campo Lacaniano, sob a direção do coordenador do Espaço Escola. Este número foi efetuado pela equipe de Belo Horizonte.

*Antonio Quinet*

Coordenador do Espaço Escola – AFCL

# Editorial

## Passe: uma experiência brasileira

"A Escola de Lacan, como instituição psicanalítica que garante a formação dos analistas, é solidária da concepção de que se tornar psicanalista não é uma escolha profissional, mas uma virada ou uma passagem que se realiza no interior de um processo analítico que pode ser verificado por um dispositivo institucional"[1]. Lacan chama de *passe* esse dispositivo, mesmo nome do momento de virada em uma análise, que determina seu final. Com este, o que se pretende é responder à questão: o que é um analista?, questão que se renova em cada percurso de análise. A verificação da emergência desse desejo novo, inédito, denominado por Lacan *desejo do analista*, designado por ele como uma função - no sentido matemático desse termo - está no cerne da escola tal como propôs.

No passe o sujeito produz um saber sobre sua própria análise, sendo possível, através deste, verificar e articular a direção do tratamento a uma instituição. Segundo Lacan, no passe há "a irrupção do privado ao público", e isso se dá graças a uma análise, a um analista e a uma instituição que escute isso.

Tal dispositivo foi apresentado aos membros de sua Escola em 1967, e a importância que lhe conferia demonstra-se no fato de ter proposto, por ocasião da criação de uma Escola na Itália, que esta fosse constituída somente por analistas, nomeados enquanto tais pelo passe, o que colocava em cena o risco de ela não vir a existir[2]. A Escola italiana, ao final, não se constituiu assim, e, anos depois da morte de Lacan, foi proposto aos membros associados de escolas de orientação lacaniana recém-criadas, uma delas no Brasil, uma variação desta proposta, que ficou conhecida como *passe na entrada* na escola.

O dispositivo, que não nomearia analistas, seria oferecido, ali, a quem desejasse ser membro dessas escolas entrando por esta via. Colocá-lo em funcionamento nesses termos, sem que ficasse muito claro o que se propunha a verificar, fez sobrepor à verificação da emergência do desejo do analista questões políticas e institucionais, o que não foi sem conseqüências. Dentre estas, agora, a aposta de recolocar em funcionamento o dispositivo na Escola que pretendemos construir, tendo em conta os efeitos produzidos por esses desvios.

O que verifica o passe quando feito antes do término da análise, antes do termo da transferência; por que se dispor a realizar o passe sob transferência, e que incidências passar pelo dispositivo nesse momento traz à análise do passante; e, é possível a emergência do desejo do analista antes do final de análise – são questões que vêm sendo discutidas pelos Fóruns do Campo Lacaniano e apresentadas neste número inaugural de *Stylus*, que traz, também, os depoimentos de quem se dispôs a passar pela experiência do passe, de entrada ou de final, fato que ocorre pela primeira vez na história do movimento psicanalítico: falar da experiência fora do dispositivo, *a*

---

[1].QUINET, Antonio. *As 4+1 condições da análise*; Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1991.
[2].LACAN,J., Carta aos italianos, *Letra Freudiana* n0. Rio de Janeiro, 1987.

*posteriori* e a céu aberto, apresentando o particular e o inédito que tal experiência produz em um sujeito.

Os textos que abrem a presente edição, na seção Passe e Transferência, retomam, em Lacan, os fundamentos da invenção deste dispositivo. A seguir, em Passe: uma experiência brasileira, o produto do trabalho dos integrantes da Comissão Crítica do Passe, dos Fóruns do Campo Lacaniano, ao longo do ano de 1999 , que no Fórum Nacional do Campo Lacaniano, ocorrido em outubro do mesmo ano, em Belo Horizonte, foi discutido em duas mesas-redondas, é apresentado nesta edição, nas sessões: O Cartel do Passe, o Passador e a Escola, e Clínica do Passe.

*Stylus* apresenta, finalmente, a seção da Associação Fóruns do Campo Lacaniano, fundada, também, em Belo Horizonte, durante o Fórum de outubro/99, onde são apresentadas as diretrizes de funcionamento para esta gestão, que tem no cartel um de seus enfoques centrais. Anexos, os estatutos de nossa recém-criada Associação.

Este número inaugural de *Stylus*, produzido por Belo Horizonte, segundo a "lógica itinerante" que regerá sua publicação, contou com a colaboração da Prefeitura de Belo Horizonte, através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SMDS, imprimindo a parte interna desta publicação em sua gráfica. Um resumo dos programas e projetos que essa Secretaria vem implementando é apresentado no final desta edição, demonstrando que em BH a Psicanálise é convocada a escutar e a intervir nas questões cruciais da cidade. E bem acolhida, o que muito nos alegra.

*Edméia Nogueira Toledo* e *Rosana Baccarini*
Coordenadoras desta edição

# Passe e transferência

# O desejo do analista e o termo da transferência*

Comentário do Discurso à Escola Freudiana de Paris de Jacques Lacan

*Antonio Quinet*

## Cortesia e confraternidade

Gostaria de começar meu comentário ao Discurso à Escola Freudiana de Paris referindo-me a um binômio presente nesse texto e colocado por Lacan como o que deve marcar a comunidade de Escola dos analistas: a cortesia e a confraternidade. São elas que devem nortear a relação entre colegas que discutem a Escola, como estava ocorrendo na Escola Freudiana de Paris, nesse momento de dezembro de 1967 com a discussão da Proposição lançada por Lacan dois meses antes.

Não pretendo estar à altura do comentário detalhado e exegético que esse texto necessita; minha leitura foi norteada pelas questões que me habitam atualmente a partir do que tem sido discutido não só na Comissão Crítica do Passe mas também em nossa comunidade a nível local e também internacional.

A primeira questão: o passe antes do final da análise, como o passe na entrada que foi instaurado na Escola Brasileira de Psicanálise, é o passe de Lacan? A segunda: a emergência do desejo do analista é contemporânea ao final de análise? E a terceira: qual o destino da transferência em uma análise?

## A solidão do ato e o narcisismo da solidão

Esse texto é uma resposta de Lacan, dada no dia 6 de dezembro de 1967, às opiniões da sua comunidade, chamada de rede, suscitadas pela "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o analista da Escola". Não vou me deter nas respostas pessoais, que mereceriam certamente um estudo, pois minha escolha é a de tentar avançar alguns pontos de doutrina aqui presentes. São pontos positivos (mais do que respostas a acusações) sobre o que Lacan esperava do passe, que – já posso adiantar – não é o testemunho e a demonstração do final de análise, como parece ter-se tornado a doxa da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), e sim "que o ato analítico possa ser aprendido no tempo em que se produz".

A "Proposição" é aqui considerada por Lacan, e ele insiste muito sobre isso, um ato (como a Ata da fundação da Escola) que não estavam querendo avalizar. Entretanto, como ato, ela não depende de nenhuma audiência como, por exemplo, a banca universitária de uma tese. Fazendo a oposição entre tese e ato, Lacan aponta que a Proposição do passe não é uma tese a ser defendida e demonstrada e sim um ato posto no escrito, como que na parede para ser lido, ela é, digamos, um "textoato". Lacan não a diferencia do ato analítico, que é o ato em que o analisante se torna

---

* Trabalho apresentado em Lições de Lacan no Rio de Janeiro no dia 6 de agosto

analista. Como ato, a Proposição implica solidão, pois o ato é de um só, um sozinho – não há ato coletivo. Se o ato implica estar só (*seul*), isso não significa que quem o efetua seja o único (*le seul*). Lacan adverte sobre a equivocação entre *seul* e *le seul*, entre o "sozinho" de solidão e "o único" do Um da exceção. Trata-se da referência a sua frase "só (*seul*) como sempre estive em minha relação com a causa analítica", da Ata de fundação da EFP, e ele se defende da acusação de que ele quisesse ser *le seul*, o único a ter relação com a causa analítica. Considerar-se o único "é uma carapaça ao estar só". Aquele que tem a impressão de ser o único, na verdade, está se defendendo contrafobicamente da solidão do ato analítico, de estar só com a causa analítica. Essa carapaça tem como correlato a enfatuação, o que poderíamos considerar como uma doença do analista: o analista fóbico da solidão do ato [a] veste-se com essa carapaça da autonomia do eu [i(a)] e se crê enfatuadamente o único. O só do ato corresponde ao objeto *a* e o considerar-se o único corresponde ao matema do eu, i(a), como "carapaça de a".

Esse único se refere a quê? A um tipo de narcisismo, que podemos chamar de "o narcisismo da solidão", que não é muito diferente do narcisismo da pequena diferença, que Lacan chama de terror conformista e que tem como resultado o isolamento. Podemos nos perguntar se a tendência do "analista independente" não seria uma escolha determinada por esse narcisismo da solidão. A solidão do ato analítico se distingue do estar isolado pois é um ato que implica o laço social: o discurso do analista. Mas há algo que pode vir suportar a solidão do analista: a Escola.

A Escola é o suporte dessa solidão, ela pode acolhê-la e Lacan diz que, na verdade, renunciou à solidão ao fundar a Escola. Isso quer dizer que ele não estava isolado e tampouco que era o único a ter relação com a causa analítica. Mas será que isso significa que a Escola é o lugar em que se pode dizer "Ah! Que bom! Então não estou mais só?". Estarmos juntos significa não estar mais só? A meu ver não, pois a Escola não é o lugar da cola. Em primeiro lugar, porque cada um se vira sozinho com a experiência analítica e a Escola não escamoteia nem supera isso. Também significa dizer que tampouco há supervisão que possa vir a suprir esse virar-se sozinho com o ato analítico. Em segundo lugar, o ato analítico é de um só, de um sozinho, cuja responsabilidade não pode ser dividida. Em terceiro lugar, a relação com a causa analítica é uma relação solitária que não se partilha como uma herança.

## Dispor do ato analítico

A Escola não é portanto a partilha da relação com a causa analítica nem é a partilha da causa analítica. A Escola é o lugar onde cada analista, diz Lacan, pode "dispor da relação com o seu ato analítico". Eis a definição que esse texto apresenta de Escola. O que quer dizer isso?

Em primeiro lugar, dispor da relação com o ato analítico não é uma coisa evidente e automática, pois o ato analítico se dá no interior de uma análise, sendo necessário um lugar para que o analista tenha à sua disposição essa relação, que por si mesma é solitária. O analista, apesar de ser o único a ter relação com seu ato

analítico, não dispõe dela, ele precisa de uma Escola.

Dispor da relação com o ato analítico, interpreto eu, significa estabelecer, falar, escrever, restituir, transmitir o ato analítico para que dele o analista possa dispor. Esse dispor se conjuga com expor. Assim como o ato da Proposição necessitou um escrito para ser lido, da mesma forma o ato analítico precisa passar pelo relato para ser escutado. É o que Lacan nomeia nesse texto "a aporia do seu relato", do seu *compte-rendu*, aporia de prestar contas do ato analítico, pois trata-se de relatar o ato que se dá, como todo ato, no "eu não penso", portanto, fora do significante.

É só ao expor, nesse lugar que é a Escola, o ato analítico que o analista vai dispor dele. A Escola é portanto esse lugar do Outro da disposição do ato analítico. A Escola é o Outro como lugar dessa aporia; é o lugar da dificuldade lógica em relatar o ato analítico. Não é o Outro consistente que goza, não é um Outro que possa ser encarnado. É o Outro como lugar, o Outro para a averiguação do desejo do analista, que por definição é um desejo em que o Outro falta.

É uma aporia porque se trata de transformar em relato aquilo que se dá em ruptura com tudo o que foi a análise do sujeito, ou seja, em ruptura com a cadeia do pensamento inconsciente – o corte do ato psicanalítico. A aporia implica marcar o que é êxito e o que é fracasso no relato do ato. O êxito do ato analítico pode não refletir no êxito de seu relato, ou seja, pode haver êxito no ato analítico e fracasso em sua transmissão no dispositivo do passe. Há um aporia relativa tanto ao desejo do analista quanto ao ato analítico, que é a resistência de passar ao dito, que é própria do real que está em jogo na formação do analista.

Qual a relação entre o ato analítico e a Escola? Há uma diferença em considerar o ato analítico como agente da Escola e a Escola como agente do ato analítico. Este se institui como agente – como podemos ler no lugar do agente do discurso do analista – onde está o analista semblante de objeto *a*, é ele que agencia a Escola como lugar de se dispor desse ato. O que seria a Escola, enquanto instituição, como agente do ato? Não terá sido isso que ocorreu com as Escolas da AMP, quando o Delegado Geral se torna o Outro do passe, determinando direta ou indiretamente quem deve ser nomeado?

Quando a Escola é o lugar onde o Outro agencia o ato, não se trata mais do ato do analista, mas de passagem ao ato, e, nesse caso, o fracasso em canto algum é êxito, aí o fracasso é garantido. A diferença entre o ato falho e o ato analítico é o ponto a partir do qual podemos interpretar esse trecho onde Lacan fala do fracasso e do sucesso. Podemos entender o fracasso do ato como equivalente a um ato falho. Por um lado, o ato falho é bem-sucedido porque ele produz a falta e põe o sujeito em causa – abertura do inconsciente. Quando o ato analítico fracassa, ele é ato falho, ou seja, bem-sucedido para o analisante na via do deciframento do inconsciente, ao ser considerado no *a posteriori* do desejo do analista, o qual, este sim, implica o ato analítico. Temos um ato que é interpretado na hora como um ato analítico, mas que se verifica adiante (quando há efetivamente o ato analítico e a emergência do desejo do analista) ter sido um ato falho. Esse ato, que foi malsucedido como ato analítico, é bem-sucedido como formação do inconsciente na via psicanalisante.

## A saída

"É somente a partir do ato psicanalítico que é preciso situar o que articulo como desejo do analista". Este não tem nada a ver com o desejo de ser analista o qual Lacan diferencia muito claramente nesse texto, onde ele nos fornece uma definição preciosa do desejo do psicanalista: trata-se de um lugar. O desejo do psicanalista é um lugar do qual "estamos fora sem pensar nisso", ou seja, é um lugar que está fora da cadeia significante, está do lado do "não penso", fora da cadeia significante, fora do inconsciente, topos de real. Porém, "ao se encontrar aí já se saiu dele" – eis sua aporia sob forma de charada. Ao ser achado, ele já escapou. Na análise, a saída do desejo do analista implica na entrada do desejo inconsciente como via analisante.

Ao tentarmos articular o desejo do analista dentro da cadeia significante, nós não estamos mais no desejo do analista, estamos no desejo inconsciente. È fundamental, portanto, a distinção entre desejo inconsciente e desejo do analista: o desejo do analista é um lugar "num percurso de infinitivos" que são os infinitivos da demanda: pedir, chorar, sofrer, falar, amar, esperar, abandonar, expulsar. Infinitivos que se conjugam com seus particípios passados: ser falado, ser amado, ser esperado, ser abandonado, ser expulso. O desejo do analista é um lugar nesse percurso que, embora não seja articulável pelos significantes dessas demandas que o analisante percorre, se encontra articulado.

O desejo do analista é articulado ao "*sens-issue* da demanda", ou seja, ao sem-saída da demanda, pois não há saída possível da demanda quando se fala. Porém, ao invés de Lacan escrever sem-saída como era de esperar, *sans-issue,* ele escreve *sens-issue* (no lugar do sem ele coloca o sentido). Como podemos ler isso? O *sens-issue* evoca, por um lado, o sem-saída: a via psicanalisante da articulação dos infinitivos da demanda não tem saída para o desejo do analista. O sem-saída da demanda mostra que a saída pela via da demanda equivale à saída pelo sentido, que não é uma saída para o desejo do analista. Não é a partir da saída pelo sentido que vamos encontrar o desejo do analista, isto é um impasse para ele. Podemos contrapor a demanda ao desejo do analista: a saída pelo sentido se contrapõe ao sentido da saída que é o desejo do analista. Este indica o sentido da saída do âmbito da demanda, ele é a porta de saída do domínio do Outro da demanda, que é a saída do âmbito do sentido. Da demanda de ser analista, a única saída é o desejo do analista.

Qual o *sens*, o sentido do desejo do analista? *C'est l'issue*. É a saída. Saída no "não penso" do ato analítico. O sem-saída dos infinitivos da demanda tem uma solução que é promovida pelo desejo do analista: trazer de volta a demanda à pulsão, fazer valer o real em jogo na demanda, fazer o sujeito passar do jugo dos significantes da demanda para o âmbito pulsional. O impasse da demanda é desvelado como o impossível do real: esse é o topos do desejo do analista, saída do sentido.

O desejo do analista se encontra na saída do sentido no percurso das demandas, ou seja, ele é impossível de ser demandado e muito menos de ser satisfeito. "A demanda do neurótico", diz Lacan mais adiante, "dá o ponto em que o desejo do analista não é articulável". Há portanto uma diferença estrutural entre o desejo do

analista e o desejo de ser analista. Este equivale à demanda de uma qualificação profissional, não sendo portanto diferente da demanda do neurótico que é demanda de amor, demanda de reconhecimento. Assim existe a oposição entre o desejo do analista e a demanda infinitiva, nesse mesmo texto ele opõe o ato analítico e a via psicanalisante. Uma das grandes aporias do ato analítico é que o sujeito na análise fazendo o deciframento do seu inconsciente não desemboca necessariamente no ato analítico, no ato em que há decisão de ser analista. O ato analítico é atópico em relação à via analisante do deciframento inconsciente. Sua lógica se articula com essa via, mas não é a mesma. O desejo do analista se encontra em escansão, corte, ruptura, hiância em relação à cadeia significante.

## Desejos diferenciados

Para avançarmos proponho diferenciar o desejo do analista do desejo inconsciente.

O desejo inconsciente é articulado à lei: "a lei e o desejo recalcado são uma única e mesma coisa" . Desejo articulado à significação fálica produzida pela metáfora paterna, é o desejo articulado pelo Édipo. É o desejo do inocente que vem à análise e que não se acovarda diante da perspectiva de destituição subjetiva, pois ele segue unicamente a "lei do seu desejo", como diz Lacan na Proposição. Desejo articulado à lei inscrita no Outro, ele é desejo do Outro.

O desejo do analista não é equivalente à lei, ele não é edipianamente constituído, mas se situa para-além do Édipo, para-além da lei. Ele é articulado à "significação de um amor sem limites" pois ele está fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver. O desejo do analista não é desejo do Outro pois ele advém do encontro com a não consistência do Outro, ele é correlativo à ausência do Outro. É um desejo sem Outro: ele vem no lugar do desamparo

O desejo inconsciente é articulado a uma questão (*Che vuoi*?) e sustentado pela fantasia, que constitui a principal resposta do sujeito à questão do desejo. Resposta articulada pelas coordenadas simbólicas do Outro cuja via analisante cabe decifrar para, a partir delas, construir a frase da fantasia fundamental. Enquanto o desejo inconsciente é uma pergunta, o desejo do analista é uma resposta. É uma resposta do analisante ao sem-saída da via da demanda, uma resposta à ausência de resposta do Outro, uma resposta ao desamparo.

O desejo do analista é um desejo para-além da fantasia, que não se sustenta em nada: ele é lugar vazio, que o analista oferece ao analisante. Ele é uma vaga para que aí possa se instalar o desejo do analisante como desejo do Outro. Ele é como uma vaga de garagem. O desejo do analista é a vaga onde o bonde chamado desejo do analisante pode estacionar pelo tempo necessário de uma análise.

O desejo inconsciente é metonímico – é metonímia da falta-a-ser. É o que Lacan chama desejo puro que é desejo de nada, de nada que seja palpável pelo significante ou pelo imaginário. O desejo do analista não é um desejo puro, ele é articulado à causa – ao objeto causa de desejo que se fez causa analítica para o analisante

que disso fez ato. Eis por que ele é desejo de obter a pura diferença a ser produzida por outro sujeito. A pureza não está mais no desejo mas na diferença que esse desejo visa obter em sua radicalidade. Não é obrigatório que em toda análise ocorra o advento da causa analítica como destino da causa de desejo. Daí Lacan fazer equivaler o desejo do analista ao próprio ato analítico, que assinala essa virada do desejo inconsciente ao desejo do analista, virada da causa de desejo à causa analítica.

| Desejo inconsciente | Desejo do analista |
|---|---|
| $[S - S_1]$ <br> $\xrightarrow[d]{}$ <br> $\uparrow$ | $[a \xrightarrow[d]{} ( )]$ |
| desejo ávido de significantes <br> falta-a-ser <br> *want-to-be* | desejo de uma causa: <br> a causa analítica |

O desejo inconsciente se articula com a demanda, circula nos significantes da demanda. O desejo do analista está para-além da demanda. O desejo de ser analista é uma demanda de ser, de ser nomeado por um significante do Outro, que se articula com o desejo inconsciente vinculado aos ideais do sujeito [I(A)]. O desejo do analista não é articulável à demanda do neurótico, é inédito. O desejo de ser analista, que condiciona a demanda de análise para fins de formação, é equivalente à demanda do neurótico que "condiciona o ponto profissional, a comédia social com que a figura do analista é forjada". A Proposição de Lacan sobre o analista da Escola pretende incidir nessa demanda, modificando-a.

O desejo de ser analista, sim, ele se interpreta, se analisa e podemos inclusive dizer que talvez esse desejo de ser analista não desapareça completamente no final da análise, apesar de ele não se confundir com o desejo do analista. Todos os ideais desaparecem com a análise? Não, inclusive o desejo de ser analista, que é da ordem da demanda, talvez não desapareça. O desejo de ser analista atrapalha muito o desejo do analista, e ele pode vir justamente fazer irrupção na comunidade dos analistas lá onde o desejo do analista falha, ou seja, quando aparece a demanda de reconhecimento desse "ser analista", ou então no narcisismo da solidão que se presentifica nas figuras mais obscenas que ele pode revestir. O "eu sozinho dou conta", fruto do narcisismo da pequena diferença, é a transformação do sentimento da exclusão, que se fundamenta no objeto *a*, na enfatuação imaginária contrafóbica.

## Um desejo epistêmico em ato

O desejo do analista é inédito em relação ao desejo inconsciente. Lacan nos dá algumas referências do desejo do analista como operador de uma análise. No *Seminário XI*, ele nos indica que "se a transferência é o que, da pulsão, desvia a demanda, o desejo do analista é aquilo que a traz ali de volta" . O desejo do analista remete a demanda do sujeito à sua vertente pulsional pois a transferência, como amor que demanda amor, escamoteia a realidade sexual do inconsciente ao subsumir o objeto *a* pelo Ideal do eu, em que situa o analista como Outro do amor, $\left(\frac{I(A)}{a}\right)$. O desejo do analista vai contra a tapeação da transferência. O desejo do analista é a verdadeira "contratransferência" (e não o que esse termo se tornou no sentido de efusões sentimentais do analista em relação ao paciente).

Como desejo impuro, ele é desejo de "obter a diferença absoluta", aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem pela primeira vez à posição de se assujeitar a ele . O que podemos escrever: $[d \longrightarrow S_1]$. O que se desdobra em $a \longrightarrow (d) \longrightarrow S_1$. É o desejo de obter o desassujeitamente ao mandamento do Outro, desejo que só pode surgir se esse desassujeitamento adveio para o próprio sujeito para que ele deseje levar um outro (sujeito) a esse ponto. Trata-se de um descompromisso com o poder, de uma liberdade em relação ao mandamento, pois o imperativo do comando caiu ($S_1 \downarrow$). Essas indicações podem ser lidas no matema do discurso do analista.

$$\frac{a}{S_2} \xrightarrow{\quad d \quad} \frac{\not{S}}{S_1}$$

Na Proposição encontramos o desejo do analista definido como um enigma, uma incógnita, um (x) equivalente à enunciação do analista, que se pode encontrar no estilo de cada analista. É a partir dessa incógnita que o analisante qualifica seu ser como (-φ) ou (α). E na Nota italiana, temos a afirmação de Lacan de que só existe analista se o desejo, rejeitado pela humanidade, lhe advém . Eis por que ele, o analista, é rebotalho da humanidade. O analista não está do lado do humano pois o saber vinculado a seu desejo está para além do humano. É o saber sobre a Coisa, ela própria desumana, saber sobre o objeto *a,* que constitui sua desgraça e também sua graça.

O passe no interior de uma análise corresponde ao advento desse desejo, que é um desejo de saber para além do humanismo das boas intenções, do desejo de ajudar o próximo, de tratar ou de cuidar. Trata-se pois de um desejo para além do desejo *sanandi*, do qual Freud aconselha os analistas a se precaverem. Esse desejo tem a marca de uma escolha: marca do desejo correlativo ao saber que vai no sentido contrário à civilização.

Trata-se da marca de um desejo inédito. Em relação a quê? Ao desejo inconsciente e ao saber já constituído. Lacan lança um desafio a ser verificado: é preciso que surja esse desejo inédito para fazer (constituir) o analista. Lacan não

utiliza na Nota italiana o sintagma desejo do analista, ele se refere ao desejo de saber, que se distingue tanto da ciência quanto da civilização. Trata-se de um desejo por um lado vinculado a um saber inédito e por outro lado desvinculado tanto da ciência, que foraclui o sujeito, quanto do discurso do mestre, ou seja, da lei que constitui a civilização propriamente dita.

A redução do desejo do analista ao desejo de saber é uma interpretação "aemepeísta", aliás constatada por vários autores como Claire Harman (AE) e Daniele Silvestre (Membro de um cartel do passe). Que o desejo do analista seja um desejo epistêmico é uma indicação que encontramos nessa Nota italiana, mas ele não se define só pelo saber e sim pelo ato. O desejo do analista, como falta, equivale ao não-saber que enquadra o saber sobre o real pulsional formalizado em significantes. O desejo do analista equivale topologicamente ao furo no Inconsciente definido como rede de saber. Mas essa relação de não saber com o saber não é suficiente por defini-lo.

No Discurso à EFP, Lacan aponta que não há desejo do analista sem ato e na Nota italiana ele acrescenta ainda outro atributo que o caracteriza, o entusiasmo. O desejo do analista não é um desejo triste, conformado com a falta, não é a resignação do conformista, apesar de ser um desejo que assume a falta como consentimento à castração. Trata-se, antes, de um desejo que empolga, anima, vertendo afeto para o âmbito do saber que ele enquadra, conferindo-lhe a conotação de um saber alegre — gaio saber (que em francês designa a poesia dos trovadores). Trata-se de um entusiasmo que se diferencia da militância, expansionismo ou conquista territorial.

O desejo de saber implicado no desejo do analista não é um desejo de querer saber. O desejo aqui não é sujeito, e sim objeto do saber. O desejo é uma característica do saber, mas de um saber que é desejante ($S_2 \longrightarrow d$). O saber está, com efeito, do lado da causa como podemos ler no discurso do analista $\left[\frac{a}{S_2} \xrightarrow{d}\right]$. É um desejo derivado do saber que não há relação sexual, que não há o Outro do Outro, que não há o ato do ato.

## O termo da transferência

Uma questão importante que esses dois textos, a Proposição e o Discurso à EFP, nos colocam é o destino da transferência. Lacan utiliza a palavra *terme* (termo) para se referir ao final da relação transferencial.

*Terme* tem exatamente a mesma acepção que termo em português: é o limite, a raia ou o marco divisório que estrema uma área circunscrita no âmbito espacial. E fim, conclusão, remate, final, no âmbito temporal, são alguns sinônimos dados a termo por Caldas Aulete.

Lacan se refere na Proposição ao termo da relação da transferência quando o desejo não espera mais nenhum objeto que o satisfaça, o que corresponde à queda

do $\$$ da fantasia e à destituição subjetiva. Trata-se da queda do sujeito suposto saber, a desvinculação do desejo do sujeito do desejo do Outro, suportado pelo analista, tendo como resultado que o analista não ocupa mais o lugar de objeto na fantasia do sujeito, e o desejo é então experimentado como pura falta.

Por outro lado, Lacan fala da futilidade do termo "liquidação" em relação à transferência. Ele interpreta a liquidação da transferência como uma denegação do desejo do analista. Como entendê-lo? Senão pelo fato estrutural de que a causa da transferência não se liquida, na medida em que ela é o fundamento do desejo do analista.

O que ocorre ao termo da relação da transferência?

"Quando o desejo tendo se resolvido [quem sustentou o psicanalisante em sua operação], ele não tem mais vontade *d'en lever l'option*", diz Lacan na Proposição. Em francês, *option* é a promessa unilateral de venda pela qual uma pessoa se compromete a vender uma coisa a um preço determinado a uma outra pessoa que aceita a promessa, sem comprometer-se a comprar imediatamente e nem mesmo a *lever l'option*. A expressão *la levée d'option* é a confirmação ulterior de uma tal opção. Em termos analíticos, o desejo, ao termo da transferência, não espera mais nada, não espera a promessa de satisfação, de realização – é pura falta. O que significa que antes ele esperava receber – receber um complemento de ser para satisfazer o sujeito em sua falta de ser, o sujeito como falta-a-ser. Quando o desejo se "resolve", nesse momento, a causa da transferência, longe de se liquidar, se desaloja do analista e se torna causa analítica.

A causa não foi liquidada mas houve resolução da transferência.

Há portanto um termo da relação de transferência analítica que equivale à queda do sujeito suposto saber e nada indica que essa transferência se tornará transferência de trabalho, como reza a doxa "aemepeísta". A relação transferencial enquanto analítica tem um termo que é estrutural e lógico. Sustentar que ela nunca termina é uma impostura equivalente a sustentar que após encontrar a inconsistência do Outro na análise, o sujeito reconstitui o Outro na Escola através da transferência de trabalho. Isso é um modelo carreirista. Pois nem é obrigatório que a transferência analítica se transforme em transferência de trabalho nem que sua contemporaneidade e concomitância sejam impossíveis. Pelo contrário, verificamos como a transferência analítica se não favorece e provoca, pelo menos não impede a transferência de trabalho.

O significante empregado por Lacan para designar o que ocorre com o analista no termo da relação transferencial é o des-ser – perda de ser do analista desvelando o inessencial do sujeito suposto saber. Enquanto para o analisante trata-se de destituição subjetiva. De que destituição se trata? Em primeiro lugar, da destituição dos significantes mestres $S_1$ aos quais o sujeito se encontra assujeitado (o $S_1$ institui o sujeito e sua queda o destitui). Mas como a fantasia institui o sujeito como parceiro de um objeto de gozo, sua travessia equivale à destituição do sujeito da fantasia. Trata-se também da destituição da suposição do saber equivalente à separação do saber inconsciente. Do lado do analisante, não há des-ser e sim "efeito de ser" que corresponde

à destituição subjetiva. Lacan utiliza seu próprio exemplo para ilustrá-la: em 1961 quando era atacado na IPA, quando seu ensino foi proscrito, ele afirma não só ter continuado mas se ocupado intensamente dele. Ele não estava aí como sujeito dividido, sofredor, sujeito patológico, mas destituído de subjetividade e avançando em nome de uma causa: a causa analítica. Eis um efeito de ser, ser analista e, no exemplo, Lacan aparece como um guerreiro aplicado, não sujeito às oscilações das paixões do ser.

Para terminar, eu gostaria de evocar a diferença que encontramos na Proposição entre o final de análise e o passe, que é propriamente a virada ao desejo do analista, que corresponde à passagem do analisante a analista. Após os dois exemplos de final de análise para ilustrar a resolução da transferência (termo preferível a liquidação), Lacan diz o seguinte: "Assim o fim da psicanálise conserva em si uma ingenuidade sobre a qual coloca-se a questão de saber se ele deve ser considerado uma garantia na passagem ao desejo de ser analista" (aqui Lacan ainda não distinguia o desejo do analista do desejo de ser analista como o fará no Discurso à EFP). Isso implica em colocar em suspenso a própria afirmação de Lacan de que toda análise levada a seu termo produz um analista, pois pode haver final de análise sem que haja produção de analista, ou seja, sem que tenha havido o ato analítico, ato correspondente ao advento do desejo do analista.

Essa distinção é essencial para redimensionarmos o passe. O passe de Lacan diz mais respeito à passagem ao desejo do analista do que propriamente ao final da análise. Sendo o nosso vetor do passe o desejo do analista, não tem sentido falar de passe de entrada ou passe de final de análise pois trata-se de um só passe: o que verifica o desejo do analista.

# A transferência depois do passe

## Trabalho de transferência, transferência de trabalho, laço social

*Marie-Jean Sauret*

Não é certo que tratar da transferência de trabalho nos dê os meios de trabalhar a psicanálise e de partilhar essa atividade com os outros. Na melhor das hipóteses, esta exposição contribuirá com o trabalho de vocês... se vocês trabalham. Na pior, ela constituirá um embaraço ou um álibi à nossa preguiça ou ao nosso retorno a nós mesmos. Se o trabalho não suscita espontaneamente o entusiasmo, sem dúvida ele está ligado àquilo que testemunha o que se depôs na língua de seus valores de uso (cf. também Freud, O Mal-Estar..., nota p.25-26). A etimologia deriva a palavra francesa "trabalho"( eu suponho que a tradução espanhola e portuguesa igualmente) do latim popular *tripalium* que designa literalmente uma máquina composta de "três pés". Mas "trabalho" se apresentou, pelo menos uma vez (em 578), no sentido de instrumento de tortura, que é reencontrado, sem dúvida, no "trabalho" de parto: o tormento, o sofrimento, a dor. Sem dúvida, toda produção é neste sentido assimilada a um parto: não sem trabalho. Mas eu queria sublinhar uma última acepção que deveria fazer pensar ao chegar às orelhas dos "(ex?) trabalhadores decididos" da psicanálise: o trabalho ainda hoje é "uma máquina à qual são sujeitados os bois, os cavalos, etc., para ferrá-los". Retenhamos este uso do "trabalho" como meio de "sujeição" dos animais de traço ou de soma da psicanálise!

## Da transferência ao passe

A transferência é um fenômeno que não é propriamente psicanalítico. Exceto pelo fato de que Freud foi quem a isolou enquanto tal e a desviou para o "uso" do tratamento. A transferência como fenômeno geral é a do amor endereçado ao saber, mesmo se ela toma a aparência de um amor endereçado à pessoa que deteria este saber com os efeitos que se sabe: nas sessões o analisante paga com sua presença, seus sentimentos, suas negações... De maneira que as duas primeiras questões dizem respeito ao que torna o saber amável e, além disso, ao que é o amor.

Que o sujeito corra atrás do saber é resultado da sua estrutura. O sujeito da fala só é representado na linguagem que ele habita. É suficiente para se convencer disso responder à questão que, apenas depois que a ciência tenha feito parar todos os objetos com os quais se ocupa, ele pode fazer a si próprio: "Que sou (como objeto)?". Para responder o sujeito substitui subrepticiamente a resposta "que" por "quem sou eu?": ele enumera significantes – nome, sobrenome, profissão, etc. – que ele escreverá sobre um papel, e até mesmo sobre uma carteira de identidade. Ele pode rasgar seu caderno, perder seus documentos, que não fica mutilado, no entanto. É que ele não

---

Tradução: Rosângela Corgosinho

está aí nesses significantes que o representam. Ele encontra aí, pois, ao mesmo tempo, uma falta-a-ser e uma falta-a-saber, ligadas ao simples fato de falar. Este saber que falta corresponde ao saber que apreenderia seu ser se fosse possível homologá-lo ao saber.

Freud identificou a falta-a-ser à essência do humano sob o nome de desejo e Lacan batizou a "substância negativa"(por ter sido reencontrada desde que anteriormente perdida) correspondente de "gozo". O sujeito está separado do gozo pelo fato de falar e todo saber é, desde então, a promessa de recuperar-lhe uma parte (aproveitando da substituição metafórica do "quem sou eu?" ao "que sou eu?"). Se a linguagem não permite reencontrar este ser de gozo, ela produz em seu lugar sentido, de maneira que a busca de saber é secundada pelo que Lacan chama de gozo substitutivo do sentido – o *jouis-sens*. Nós suspeitamos que uma boa parte da corrida ao saber (diploma, profissão, posição hierárquica, busca de garantia, etc.) se deve ao fato de que o sujeito espera uma resposta mais ou menos definitiva sobre o que ele é (valeria a pena nos interrogarmos aqui por que Marx situa a essência do homem precisamente do lado do trabalho e não do desejo, mesmo quando coloca Lacan na via do mais-de-gozar causa do desejo com a mais-valia).

E o amor? Para dizer a verdade, encontra-se esclarecida uma proposição de Lacan: "o amor, é dar o que não se tem". É claro que o sujeito não dispõe do saber que ele demanda sobre o seu ser. Mas justamente trata-se para ele, não de dar o que ele teria, o que ele saberia, mas literalmente o que ele é: é seu ser, atrás do qual ele corre, que ele oferece ao saber, que ele apresenta como objeto a simbolizar ou que ele supõe já estar localizado em alguma resposta. Uma resposta em termos de "quem" ("quem eu sou?") prestaria conta do "que" ("que sou eu como objeto?"), o qual toca no objeto pulsional. O sujeito não duvida que exista um Outro que disponha do saber que lhe faz falta, ou, se ele duvida, está próximo de tentar a experiência de um debate com este Outro: tal é a transferência em operação até no amor do parceiro suposto nos identificar como homem ou como mulher...

Para dizer a verdade, o psicanalista, com a oferta da cura, dá um presente igualmente do que ele é sob a forma de sua presença – é claro resistente – àquilo que o analisante imagina, supõe: o amor ainda. De maneira que a contratransferência já está aí como constitutiva da experiência, contratransferência que Lacan conduzirá à sua estrutura essencial sob o nome de "desejo do psicanalista".

Qual é então a especificidade da transferência analítica mais além do desejo do psicanalista, seu ponto de partida? O sintoma denuncia os saberes – as identificações também – de que se sustenta o sujeito, e este último se interroga: "Quem sou eu, eu que... Por que é que isso acontece comigo? Estou morto ou vivo? Sou homem ou sou mulher?" O específico não reside nas questões mas no fato de tomar ato de que elas são suscitadas precisamente pelo sintoma. Em seguida o caráter particular do saber suposto ao psicanalista: a falta-a-saber, constitutiva do sujeito, é o inconsciente como buraco no saber ligado ao fato de que o sujeito é apenas representado – logo ausente – na cadeia significante( $\frac{S_1}{S}$ ). Específico ainda é, claro, o manejo da transferência, em

que o desejo do psicanalista, principalmente com a interpretação, tem o papel principal (*O seminário* – Livro VIII: A transferência, p.208).

Mas é sobretudo o destino da transferência no tratamento que convém sublinhar. Ao final de uma análise, o sujeito se vê reduzido ao que ele é como gozo ineliminável pelo fato de carregar vivo o significante no real. Este gozo – fixação traço de perversão, satisfação pulsional, etc. – elevado à categoria de sintoma é aquilo sobre o que se demonstra a heterogeneidade do significante e do gozo, isto sobre o que o Outro do saber se desfaz, aquilo sobre o que se "mostra" que nenhum saber jamais homogeneizará o ser de gozo do sujeito e o significante que o representa (marcando o fim da tentação da representação), que o sujeito está condenado à representação significante... e que ele tem ao menos isso! Fim do Outro ao qual o sujeito pedia a restauração do saber em falta ou de uma identificação que se mantenha: a transferência se resolve e o "inessencial do sujeito suposto saber" se revela sobre o mesmo osso "desmentido (vindo) do real".

Aí se situa o passe como momento clínico: momento em que o sujeito apreende o que ele é como gozo ineliminável sobre o qual o Outro se desfaz, até se identificar com isso (identificação ao sintoma), mas também momento em que o sujeito consente o caso que destitui ao colocar o que ele descobre ser como objeção, pelo fato de esburacar (e não completar) o Outro do saber ao qual se endereçaria um novo analisante. Isabelle Morin fez este consentimento equivaler ao desejo do psicanalista: o analista consente "em se fazer semblante" do objeto que o analisante ignora ser e do qual ele pensa que o "saber do psicanalista" restaurará. "Se fazer semblante" (e não "fazer semblante"), assim como o observa Claire Armand, diz que a presença do psicanalista se sustenta desse objeto que ele é em torno do qual circula a pulsão, e que é este objeto que ele visa em seu analisante: não se trata de "fazer semblante", de imitar as figuras da fantasia do analisante.

Com o passe se verifica que a psicanálise não é um delírio desde que o real do sujeito se apresenta ao encontro. Uma mutação opera-se de uma só vez: a que ramifica o campo freudiano – o que decorre da introdução por Freud do inconsciente como significante mestre no campo social – sobre o campo dos gozos, para constituir o campo lacaniano, assim como Colette Soler levantou o termo.

## A transferência de trabalho

O trabalho de transferência, insisti pouco nisso, consiste nas conseqüências da instalação e do manejo da transferência. O psicanalista usa da suposição de saber inicialmente para levá-la a uma pura suposição (pela "retificação subjetiva", escreve Lacan), em seguida para fazer falar o analisante que declina os significantes aos quais está agarrado um pouco de ser, os $S_1$ da fixação de gozo (cf. a acepção do amor "como dar o que não se tem"). É por aí que a transferência é a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente. Nesse trabalho, o sujeito toma emprestado aos significantes do discurso do Outro... até o momento em que esse Outro não pode fornecer nenhum significante, nenhum $S_2$, porque o sujeito lhe opõe o que ele é como

objeção. Com essa objeção, fabricada a partir do pouco de ser de gozo ao qual o sujeito tem acesso, é o fim do amor endereçado ao Outro do saber...

A partir daí, se o sujeito deseja se explicar com o silêncio do Outro, se ele quer sustentar sua posição de psicanalista, se ele busca impedir o esquecimento de sua descoberta, ele deve poder contar com o desejo que seus companheiros possam ter de escutá-lo. Sem dúvida ele mesmo contribui para, ou cria este desejo. O sujeito se esforça, então, para inventar, ele próprio, uma resposta frente à ausência estrutural de resposta, uma solução que sustente o fato de que não há resposta: com o risco de amar, não mais o Outro que se desfaz, mas sua própria construção, seu próprio saber e ir contra a descoberta desse ponto onde o Outro não responde (Ⱥ).

O psicanalista criaria o desejo de seus companheiros, assim como suscita o do analisante. Se o desejo é bem o desejo do Outro, somente a mobilização de (Ⱥ) evita a esse psicanalista ser um canalha: o canalha é precisamente aquele que se arvora como o Outro do desejo. É por aí que Lacan faz a única contra- indicação da psicanálise (*Télévision*, p. 67): na falta de Ⱥ, ele se tornará bobo, "melhoria sem esperança", enquanto que ele poderia prestar outros serviços! O amor de sua construção (de seu ensino, de sua própria doutrina) não é uma forma de bobagem?

A transferência de trabalho designa o que sustenta este trabalho de explicação quando o Outro do saber não é mais suposto fornecê-la, o que relança o trabalho contra o fechamento de sua própria resposta. O bem-dizer da explicação com o silêncio do Outro supõe o encontro do que o reduz definitivamente ao silêncio? Não, não o encontro necessariamente, mas a existência deste ponto de silêncio. O bem-dizer da explicação se distingue pelo apoio encontrado neste vazio do Outro, do bem-dizer do analisante endereçado ao sujeito suposto saber. Nesse sentido, transferência de trabalho e transferência analítica são antinômicas. O que não significa nem que a resolução da transferência analítica deva preceder a transferência de trabalho, nem que elas são incompatíveis (antes de mais nada, as contribuições teóricas dos pioneiros da psicanálise, pouco ou não analisados, o provam).

A transferência de trabalho acompanha o passo que vai do simbólico ao real por um ganho de saber suscetível de colocar em causa os saberes existentes, inclusive os da psicanálise. Nesse sentido, há transferência de trabalho em todos os domínios da ciência: o cientista alarga os limites do saber, incentivado pela *docte ignorance*. Não está excluído que o desejo do cientista esteja apoiado sobre a convicção de que o saber já existe aí, perto de Deus, ou numa natureza constituída como um grande livro assim como a Idade Média o afirmava (um exemplo recente dessa posição é constituída pela gnose de Princeton). Lá, na ciência, não existe psicanalista para levar essa convicção a uma pura suposição. O que não impede a esta transferência quase analítica, anônima, facilitar – com uma condição – a transferência de trabalho: os resultados o demonstram. Essa condição é que, por um artifício ou outro, seja mantida a exclusão do sujeito fora do saber ou toda outra modalidade da impossibilidade para o Outro de responder ele mesmo às questões do sábio. Descartes viu muito bem que se o saber perfeito e infinito se encontrava perto de Deus, se Deus era a ciência, isso implicava que a criatura, imperfeita e acabada, era rejeitada fora desse saber. "Uma

prática não precisa ser esclarecida para operar!" Mesma observação sobre a concepção da natureza como um livro a decifrar. A natureza não o fornece decifrado: é preciso um desejo para realizá-lo.

Existem duas diferenças que seria necessário considerar se elas modificam a natureza da transferência de trabalho entre a ciência e a psicanálise. A primeira se atém ao fato de que não se trata do mesmo real: real da ciência de um lado, real do sujeito do outro. A outra diferença, que se vê mal a psicanálise se transmitir em toda ignorância do ponto em que o outro afirma seu limite estrutural. Talvez, essas duas diferenças não existam: de um lado, porque se explicar com o real é ... explicar-se com o real! E, nos dois casos, é preciso um sujeito que consinta a se franquear ao saber tomando apoio em seu desejo. Por outro lado, a ciência moderna nasceu precisamente do encontro com um real que veio revelar de alguma maneira que, desde então, o saber tem um limite: o que polariza precisamente o desejo do sábio. A diferença se deveria, então, ao simples fato de que alguns sujeitos participam de uma transferência de trabalho com ou após uma experiência analítica. Mas Lacan chegará até a escrever que se há pessoas às quais faríamos bem em prescrever uma análise, é aos que exercem a profissão da ciência (a de ensiná-la, acredito eu)! Trata-se explicitamente de contaminar com a transferência analítica sujeitos tomados pela transferência de trabalho no domínio particular da ciência: será necessário voltar sobre a razão.

Na psicanálise, o analisante não espera o fim do tratamento para se colocar a trabalhar. Inicialmente porque o mais freqüentemente ele trabalha para pagar suas sessões, mas igualmente porque se dedica aos textos de Freud, Lacan, e de alguns outros. Todo mundo sabe que Freud – que praticava tratamentos de alguns meses apenas – recomendava a seus pacientes se absterem de ler obras psicanalíticas porque temia que essa leitura se colocasse a serviço da resistência e tornasse a análise difícil, senão impossível – direi: "cimentando o Outro". É verdade que, hoje em dia, a duração das análises... e a existência de passes, sem os quais esta duração não teria nenhum sentido, fazem mudar esse perigo para os problemas que se tratam em análise.

Mas quando o analisante terminou o seu tratamento, a transferência analítica somente se resolveu no ponto em que são verificados os limites do Outro. O que significa que o sujeito continua à mercê de encontros contingentes – suscetíveis de tocar a seu fantasma mesmo após sua travessia – aos quais ele responderá no caso de destituição por um apelo renovado ao suposto saber... sem cessar forçosamente de trabalhar por isso. O que significa ainda que a transferência analítica, que se sustenta nessa suposição de saber, é perfeitamente compatível com a existência de uma transferência de trabalho que se sustenta, ela própria, num limite do saber, verificado ou não: não está excluído, então, que a transferência analítica se coloque a serviço da transferência de trabalho, permitindo ao analista se tornar não apenas analisante (numa outra vertente) mas passante; não está excluído também que a transferência de trabalho se coloque a serviço... do tratamento – aquele no qual o sujeito se compromete como analista, por definição, mas também o seu próprio, se ele o retoma, o que é menos enfatizado.

## O laço social

Como fazer laço social com sujeitos que "pariram" (a fórmula casa com transferência analítica e transferência analisante) o que eles são como objeção ao Outro? Freud percebeu muito cedo que o analisante se debatia com um elemento heterogêneo não apenas do sujeito, mas do campo social. Do lado do sujeito, ele o isolou sob as espécies da fixação, da pulsão de morte, de certos sintomas, do masoquismo, da culpabilidade, do mais além do princípio do prazer, da reação terapêutica negativa, etc... Ele demarcou o laço entre esse elemento de gozo e o fato de que nenhuma identificação se mantém, no ponto em que o sujeito faz um apelo ao pai morto (o Complexo de Édipo o obriga) para responder à questão do que ele é. No lado do campo social, é a tese do mal-estar ineliminável que decorre disso, na civilização.

Para prestar contas, ao mesmo tempo, dos fundamentos da solução pelo pai de seu elo com o mal-estar na civilização, Freud constrói o mito da horda primitiva: os "neo-humanos" só se reconhecem como da mesma comunidade porque isolam o que não é da comunidade – a besta do gozo e o gozo, ele mesmo, pelo qual eles mataram e ao qual eles renunciam. Freud, aliás, deduz disso que se cada sujeito deve tornar a passar pelo Complexo de Édipo para se assegurar dos fundamentos de sua pertinência à comunidade dos humanos, é porque a dita besta é inquebrantável, é que o dito gozo ameaça sempre o sujeito com o seu retorno, que apagaria o desejo.

O campo social assim definido repousa sobre a exclusão do gozo e a identificação correlativa ao Totem ou ao que o representa: ideal, chefe, etc. Esta lógica das classes está em obra nas explicações de especialistas – e talvez mesmo ela corresponda exatamente à própria realidade social – segundo os quais tal sujeito ou tal grupo se assegura de sua identidade designando tal outro o estrangeiro, o diferente, como não pertencendo à "minha" comunidade. A designação vai da denúncia discreta à violência explícita, passando por todas as formas de racismo. Retorna a um que não pertence ao grupo, encarnar a exceção ao meu grupo de pertinência: o que me permite traçar entre ele e mim a fronteira da minha comunidade e de resolver assim o problema insolúvel de minha identificação. Evidentemente, é preciso procurar no interior do grupo o que fornece o traço positivo, a bandeira, o ideal, o $S_1$, de onde, por definição, o estrangeiro é despojado. Está foracluído da comunidade o significante do Outro (e pois a própria idéia de um Outro) que não pode responder à questão do que eu sou: ele faz retorno no real sob a forma do outro despojado. Neste sentido esta construção se revela, qualquer que seja a sua eficácia, pelo que ela é: a invenção datada do neurótico obsessivo Freud... de quem, eu o afirmo, gosto ainda.

Apenas, desde Freud, o campo lacaniano modificou o dado do campo freudiano: modificou a lógica das classes extraindo um tratamento das impossíveis bodas do significante e do gozo pelo laço social. Sem expor exaustivamente a teoria, o tratamento pelo laço social consiste em localizar a impossibilidade e em deixar aos sujeitos, que aí se inscrevem, a oportunidade de simbolizar a falta do gozo de cada um (ligado ao fato de falar) pelos meios da castração (demarcada por Freud) e não pelos meios da exclusão. O sujeito que constitui o eixo do laço social é o neurótico, não

apenas porque ele é capaz dessa operação simbólica – a castração – que permite simbolizar a falta de gozo, mas porque ele é igualmente capaz de localizar o gozo no sintoma e de se apoiar sobre essa localização para se inscrever num laço social que repousa sobre a impossibilidade que mencionamos. Além disso, acontece eventualmente torná-lo habitável pelo psicótico: se ele consegue isso, ele será melhor habitável para todo mundo! Esta solução não desembaraça nem o amor nem o ódio, mas nem o amor nem o ódio são, de ora em diante, necessários ao laço social. De uma só vez, tornam-se tratáveis. Sem dúvida alguma, essa fórmula propõe aí um início de resposta ao que há de novo no amor – após a psicanálise.

Num sentido, toda associação funciona num laço social em que o agente é o significante mestre que reagrupa tudo aquilo que é de sua jurisdição, inclusive as associações de psicanálise. Lacan apenas notou, de um lado, a existência de quatro laços sociais e de outro lado a emergência do discurso analítico a cada mudança de discurso, desde que uma mudança é, no fundo, comandada por uma irrupção do real do gozo incompatível com o discurso então dominante: a irrupção que mobiliza ao mesmo tempo os limites do saber concernido por esse discurso e a impossibilidade de uma resposta. Ele deduziu disso não apenas a distinção entre associação (ao mestre) e Escola (à causa), mas a idéia (que ele não teve o tempo de experimentar) de descompletar a primeira pela segunda. Se o significante mestre coloca os associados (os trabalhadores decididos) em situação de interrogar o saber da psicanálise e de se colocar a trabalho, a Escola é constituída em torno da colocação de um lugar, o passe, onde se possam verificar os limites do saber – sobretudo psicanalítico –, e recolher as demonstrações de que para além desse limite não há... nada.

Belo ideal, dizem alguns, que acaba sempre em cisão. De acordo com os fatos, se examinarmos a crise da AMP, vemos que é totalmente o contrário. A crise não marca a queda de um ideal, mas ao contrário a eleição de um novo ideal que engoma a distinção entre associação e Escola, que coloca a segunda sobre a primeira, apagando assim a função que cada uma preenche para o outro. É porque de repente é recusada a suplementação do discurso do mestre pelo discurso analítico que a crise explode. Alguém é elevado à categoria de garantia encarnada do saber, de mestre do Outro, de tapa buraco, de exceção ideal (espécie de holófrase do totem e do gozo tabu), e a Escola e a associação se colocam a marchar no mesmo passo do ideal da Escola una (a holófrase da "escoluna – escritura sugerida por Dimitris Sakellariou –, vem aí onde Lacan escrevia des-colar e di-solução").

É falso dizer que nessa "escoluna" não se trabalha mais. Mas, de ora em diante, o trabalho se efetuará em nome do ideal, da vontade do Outro: o supereu psicanalítico encontra seu peso e sua ferocidade; e será necessário contar com os efeitos de "debilização" engendrados pela completude do Outro que essa operação realiza. O associado é condenado a recitar os clássicos, a correr atrás do mestre; se ele se afasta, é taxado de herético; se sua argumentação é desimpedida, ele é acusado de plagiário. Impossível pensar "um ponto fora da linha"!

Não é claro que, neste caso de figura, regressamos da lógica dos discursos – do campo lacaniano – à lógica da horda, que é menos que o campo freudiano o qual

está potencialmente aberto sobre o campo dos gozos? Trata-se de um neocampo freudiano, um campo freudiano fechado, depois de e sem o campo lacaniano. Não é a mesma coisa que criar o campo freudiano e aí retornar para acampar depois de Lacan. Um pouco como o retorno à solução religiosa após a ciência moderna, o que não é a mesma coisa que a adoção da mesma solução religiosa antes da ciência moderna: a integração de todas as religiões e o aumento das seitas estão aí para nos demonstrar isso.

Uma precisão. Este grupo funciona como a horda com os que ele designa, de ora em diante, como estranhos ao discurso rigoroso do mestre: de onde a adoção injuriosa do significante "nebulosa" para designar isto de fora. Mas é possível aproximar um pouco mais o funcionamento. Inicialmente a exclusão do discurso analítico e da possibilidade de mudar de discurso, foracluída a castração como solução à falta de gozo. Em seguida, o mestre continua a fazer trabalhar sozinho o saber até produzir o que falta ao sujeito. O passe é banalizado no sentido estrito: são expressos ao sujeito os critérios clínicos, políticos e epistêmicos aos quais ele deve conformar o seu ser. Está mesmo indicado que o critério clínico não poderia ser nem suficiente nem necessário. Enfim, esta organização promete a restauração, pelos meios doutrinais, do gozo de que os sujeitos faltam em falar... e alguns dentre eles, sensíveis ao disfuncionamento assim descrito, repetem que eles não deixam o campo freudiano porque eles... perderiam tudo (títulos, reconhecimento, clientela). Este funcionamento é o do discurso capitalista: $S_1 \rightarrow \}S_2 \rightarrow \}a \rightarrow \} \not S \rightarrow \} S1 \rightarrow \}$... E para não perder tudo, o sujeito que aí se inscreve renuncia nem mais nem menos que à psicanálise! Lacan havia previsto que a psicanálise, na seqüência do seu discurso, poderia bem se colocar inteira a serviço do capitalismo. "Trabalho" reencontra aí sua etimologia: máquina de assujeitar os animais de carga (o francês permite um triplo equívoco: animais que carregam peso, os que acumulam e os que... dormem!).

## O que é que a psicanálise traz de novo?

Inicialmente ela mesma, pois por falta de se transmitir – limite de seu próprio saber – ela deve se reinventar a cada tratamento! É claro, ainda, ela traz uma teoria inédita até Freud. Uma teoria do desejo como buraco no saber e uma definição do sujeito como o passo que vai do simbólico ao real – desejo e sujeito nos quais não haveria ciência! Mas ela acarreta, ainda, uma teoria. Graças ao que ela é como prática e como laço social, mantém em ato a existência desse desejo e desse sujeito. Se a ciência não pode se constituir sem um sujeito que a fabrique, sabemos que ela "*s'avère définie par la non issue de l'effort pour le[le sujet] suturer*" – se afirma definida pela não saída do esforço para o [o sujeito] suturar (cf. *La Science et la Vérité in Écrits*, p. 861: uma única frase para criticar o artigo que Jacques-Alain Miller dedica à "sutura" nos *Cahiers pour l'Analyse*). Em outros termos, ela designa o sujeito como aquilo que não é da ciência, podendo assim definir os limites do saber objetivo, generalizável e universal que a constitui, mas ela só se renova ao fracassar nessa tentativa de foraclusão.

É verdade que se a ciência fracassa na foraclusão do sujeito, ela não fracassa na foraclusão da causa: ela não quer saber nada sobre o que causa o desejo do sábio que ela solicita para fabricá-la. É porque ela continua a designar o sujeito como exceção do qual ela pode dizer: isto não é ciência. E essa rejeição lhe permite merecer objetividade, generalização e universalidade para o saber. De repente, ele ameaça os sujeitos, aqueles que pertencem ao laço social que ela dominaria, de erradicação, por exemplo por um tratamento de redução a suas determinações biológicas: campo de concentração generalizado. A psicanálise vem fazer a teoria desse ponto que permite definir a ciência, mas acrescenta a essa teoria o que a esburaca a ela própria: a causa do desejo – feita desse gozo no qual se desfaz todo saber, inclusive o seu. De onde o fato que nenhum ponto exterior é localizável, a partir do qual seria possível dizer o que é a psicanálise: ela deve ser reinventada em cada tratamento.

No que ela permite, ao mesmo tempo, à ciência fazer seu trabalho enquanto contribui para manter o laço social vívido – entre outras, ao romper com a possibilidade da segregação pois que é impossível isolar a exceção no modo à lógica das classes, e reintroduzindo a consideração "das coisas do amor"(Lacan)! É por isso que Lacan desejava, a justo título, que a psicanálise pudesse ser prescrita aos sábios! [Se eu soubesse construir esquemas com um computador, eu desenharia o campo da ciência como um círculo de Euler, cuja borda seria esburacada pela presença do sujeito: $\not S$; eu colaria na borda exterior, do outro lado da fronteira da ciência, o campo da psicanálise sob a forma de um outro círculo de Euler, de um lado esburacado pelo mesmo $\not S$, como a ciência, do outro por *a*: "o valor da psicanálise é operar sobre o fantasma"].

Lacan, com efeito, nos ensinou de que é feita a primícia que o sujeito introduz no saber, esta causa do desejo: de seu ser de gozo. A presença da psicanálise e do passe, que conduz tal sujeito até obter uma visão sobre o gozo ao qual ele se reduz, é o sinal de que uma das condições da ciência e da transferência de trabalho é mantida: $\not A$ – condição igualmente de um laço social. Mesmo se para outros, aqui ou em outro lugar, esta relação com $\not A$ é mais ou menos velada.

Sobretudo, a psicanálise sustenta em ato o tratamento do gozo pelo discurso: a partilha entre o gozo que passa à castração e o que não passa por aí, condiciona a própria possibilidade de um laço social que escapa à lógica fundada sobre a exclusão e a segregação. É verdade que a psicanálise opera no um a um, artesão da construção do laço social a partir do seu sintoma, dando chance a um outro de se inscrever a partir do seu. O gozo desfaz o saber... mas sua localização pela identificação ao sintoma se articula ao discurso, impulsiona à criação. Sem dúvida, isto não é absolutamente entusiasmante, a não ser para alguns, assim como o sugere Lacan en *Télévision* (p. 29). É justamente em que a associação das redes dos Fóruns (Freud com Lacan etc.) e o Espaço Escola revestem uma importância política.

Passe - Uma experiência brasileira

O cartel do passe, o passador e a escola

Clínica do passe

# A propósito da expressão "passe sob transferência"

*Graça Pamplona*

A expressão *passe sob transferência*, hoje adotada no âmbito do Campo Lacaniano no Brasil para designar a experiência de se aplicar o dispositivo do passe para entrar como membro nas Escolas da AMP, método denominado usualmente como passe de entrada, leva-me a escrever essas pequenas considerações, buscando, de um lado, situar o surgimento dessa expressão e, de outro lado, localizar seu propósito inicial, pelo menos quanto ao que dela me concerne.

Propus o termo *passe sob transferência*, no início deste ano, 1999, a Roseli Rodella, quando, em nome do 2º Cartel de Coordenação do FCL do Rio de Janeiro[1], convidei-a a apresentar um testemunho sobre sua experiência de passante na EBP e assim iniciar o programa de trabalho que, desde março/99, tem consistido em exposições de colegas que, hoje estando no Campo Lacaniano, tiveram a experiência do passe na AMP, e particularmente na EBP.

Registro que Roseli Rodella entrou como membro da EBP pelo passe e que seu depoimento foi escutado pelo primeiro cartel do passe, constituído por Antonio Quinet, Jairo Gerbase, Jorge Forbes, Bernardino Horne e Antonio Godino Cabas (+1) e um êxtimo indicado pelo Delegado Geral da AMP. Esse cartel indicou-a para membro da Escola. Ela fez, portanto, o *passe de entrada*, para usarmos a antiga expressão, tendo sido uma das primeiras pessoas a encaminhar ao Secretariado do Passe seu pedido de passar pelo dispositivo, pouco depois da fundação da EBP.

Com o termo *passe sob transferência* aludo diretamente à expressão *clínica sob transferência* que é o modo como se define, desde Freud, a clínica psicanalítica. A Psicanálise é um tratamento sob transferência. É esta que o estrutura, do início ao fim. Mola, pivô, obstáculo, articulando os progressos e as detenções do tratamento, quando é então chamada de *resistência*, a transferência é condição de análise posto que é a atualização da realidade do Inconsciente. É disso que se trata. Ela está no início – " no começo da psicanálise está a transferência" (Lacan, 1967)[2] – assim como no final da partida, quando chega a termo a relação da transferência, com a solução dada a ela pelo analisante.

Com a expressão *passe sob transferência* – termo que foi aceito por Roseli Rodella para intitular sua exposição no FCL do Rio e, em seguida, adotado pela Comissão Crítica do Passe de onde reverberou para as discussões, até tornar-se tema de uma das plenárias sobre o passe no Fórum Nacional do Campo Lacaniano em Belo Horizonte –, visei, tão-somente, ressituar em um nível conceitual o que foi a experiência de oferta do dispositivo de passe para um fim diverso de sua concepção por Lacan. O *passe de entrada*, sabemos, foi oferecido para sujeitos que ainda estivessem no percurso de suas análises, ou que não as julgavam concluídas ou que tampouco pretendessem uma nomeação de AE – este último às vezes chamado de passe de final e até mesmo de passe pleno. A meu ver, a expressão *passe de entrada*,

tal como foi e ainda é usada na AMP, não remete a nenhum dos conceitos fundamentais da Psicanálise. E pode-se interrogar se remete ou não a noções psicanalíticas. *Passe de entrada*, como expressão e prática institucional, na verdade, reduz a passagem pelo dispositivo – a qual é da ordem da experiência e enquanto tal a serem, dela, extraídas conseqüências teóricas e clínicas que façam avançar a Psicanálise – ao ingresso na Escola. Ingresso no sentido em que se pode dizer um ingresso para o cinema ou teatro. Entendo que não possa ser reduzida assim. É claro que podemos tentar pensar sobre a noção de entrada em análise como o momento em que o sujeito ultrapassa o umbral das entrevistas preliminares com a constituição da transferência analítica e, nesse caso, estaríamos opondo dois momentos lógicos do tratamento analítico, a entrada e o final. Antonio Quinet, em seu texto "As três entradas"[3], desenvolve seriamente essa questão, buscando, a partir dos relatos dos passantes que chegaram ao 1º cartel do passe, formalizar algo dessa experiência.

Mas não eram propriamente estas as questões do *passe de entrada*. Vemos hoje que, mesmo a Carta aos Italianos[4], tomada como o texto institucional de Lacan para justificar o passe de entrada, veio na verdade como uma manobra política e muito distante da radicalidade que a proposição do passe alcança nesse texto. Se hoje podemos fazer a crítica quanto ao uso político do passe– de final ou de entrada –, cabe no entanto notar que a oferta do passe de entrada, lançada em novembro 1990 com a Questão de Madri por J.-A. Miller, provocou um intenso debate sobre o passe, o aumento crescente de demandas do dispositivo tanto para entrar nas Escolas como para nomeação de AE e, finalmente, uma intensa produção teórica sobre a conclusão das análises. Ou seja, houve um efeito institucional e também clínico. A *Questão de Madri* veio no bojo de uma crise institucional sobre o passe e vale dizer que então a EBP não havia ainda sido fundada, mas teve também efeitos sobre o que se pensava e debatia visando sua construção.

A pergunta de Miller em Madri – " Vocês querem, sim ou não, levar a sério, colocar em prática a segunda proposição do passe? – isto é, a proposição feita por Lacan aos italianos em 1974, de entrar na Escola pela via do passe" – recebeu aprovação.

O sim, o consentimento, a resposta afirmativa veio da Escola da Causa Freudiana e da Escola Européia de Psicanálise desde logo. Mais que isso, muitos de nós, hoje integrantes dos FCLs, fomos buscar nos textos de Jacques Lacan os meios para legitimar a modificação introduzida na Proposição de Jacques Lacan, o qual, na Carta aos Italianos, tornara-a mais rigorosa. Foi um esforço justo e no qual estava em jogo o que há de transferência, enquanto transferência de trabalho, com o que ela implica de confiança.

Na EBP, o sim do consentimento à instalação do dispositivo do passe, com a finalidade única de proporcionar o passe de entrada, foi dado por seus membros, entre os quais eu me encontrava, na sua primeira Assembléia realizada em 01 de maio de 1995, no Rio de Janeiro, dia seguinte à sua fundação. Ainda que fosse uma proposta proveniente dos Conselhos da AMP e da EBP, onde circulavam nossa confiança e nossas transferências, tenho um compromisso ético com sua implantação,

razão pela qual hoje, no Campo Lacaniano, cabe-me buscar extrair suas conseqüências, embora jamais tenha participado diretamente do dispositivo do passe.

O retorno da experiência do passe ao campo conceitual, sua incidência sobre a clínica, parece-me ser a via principal com a qual podemos nos situar, no eixo institucional, na via do rigor esperado com respeito ao que se faz em Psicanálise. Ou seja, poder retornar sobre a prática do dispositivo do passe, seja qual for a finalidade com a qual ele foi aplicado.

A expressão *passe sob transferência* talvez não seja a mais justa para designar tal experiência, sobre ela há muito por trabalhar, até que seja para refutá-la ou pelo menos modalizá-la. Todavia foi uma expressão que nos pôs ao trabalho no plano conceitual – o conceito da transferência.

A título do que pareceria anedótico se não fosse sério quando tomado *a posteriori*, vale a pena trazer uma reflexão que tem por base o momento em que os membros da EBP afirmaram sua concordância com o passe de entrada. À pergunta então trazida por J. A. Miller, que aqui sintetizamos – " sim ou não, vocês querem colocar em prática o dispositivo do passe de entrada na EBP?" –, os membros deviam responder em escrutinio secreto, escolhendo uma das opções.

Um único voto escapou, ali, ao minimalismo, fazendo furo na unanimidade. Esse voto disse, por escrito: "Sim, em termos de experiência."

Na apuração, esse voto foi nulificado por J.-A. Miller que, lendo-o, o retirou e não o inscreveu no cômputo dos votos dados pois, segundo ele, tratava-se de uma "resistência". O autor desse voto restou ignorado pois, como disse, o escrutínio foi secreto. Aliás, outra coisa que não a autoria do voto é o que quero aqui registrar, afirmando, inclusive, que eu própria dei, ali, o meu assentimento. O que quero registrar, *a posteriori* e de início, é a dimensão de enunciação e de desejo daquele voto. A unanimidade foi obtida, talvez até registrada em ata e divulgada a todos. Porém, nesse *a posteriori*, duas questões a mim se impuseram ao recuperar esse dado. A primeira é: o que se pode aprender da experiência vivida em uma instituição psicanalítica que, se reclamando o ensino de Jacques Lacan, exclui – talvez possamos dizer que foraclui – a " resistência"? Pois, a clínica sob transferência nos demonstra a " resistência" como um obstáculo ao saber inconsciente onde, na via analisante, podemos encontrar pontos de ultrapassagem como ganhos de saber inconsciente, sustentados pelo desejo do analista, em direção à destituição subjetiva, condição de emergência do desejo do analista do lado do analisante. Evito agora estender-me sobre esse ponto. Foracluir a resistência é foracluir a transferência – inclusive e sobretudo como um dos conceitos fundamentais da Psicanálise, com repercussões sobre a instituição analítica e sobre a clínica que cabe ser mantida no rigor de Freud (e, é claro, de Lacan).

O segundo destaque que aquele voto me traz, remete-me ao que é necessário fazermos, e que estamos levando adiante: verificar os efeitos do dispositivo do passe, dito de entrada, no que foi a experiência brasileira. Tirar suas conseqüências, verificar que o dispositivo funciona, malgrado manobras política, ser ensinado pela experiência dos passantes para que a Psicanálise avance como saber

Para concluir, observo que, algumas vezes, escutamos colegas de outros países, concernidos nos FCL, colegas em cujas Escolas o dispositivo comportava tanto a nomeação de AE quanto a entrada como membro, referirem-se ao passe de entrada como uma "degradação" do passe. Discordo dessa avaliação. Penso que considerá-la assim pode resultar em uma posição meramente ideológica, com os riscos que isso comporta. A degradação ocorreu no nível do tratamento dado, institucional e conceitualmente, a essa experiência. Porém o problema maior seria deixarmos de tomar a sério que o dispositivo foi oferecido e produziu efeitos a serem situados conceitualmente para avançarmos com a Psicanálise tendo o passe no cerne da experiência da Escola. Ou seja, é nesse momento que se ressalta, para mim, aquele voto de autor desconhecido, que não se recusou a marcar a experiência como prioritária ao sim.

---

[1] O 2º Cartel de Coordenação do FCL Rio (dez/98 a ago/99) era composto por Clara Inem, Consuelo Pereira de Almeida, Elizabeth Taucei, (+1), Graça Pamplona e Romero Rubião. Programa de trabalho "Passe, Escola e Transferência".

[2] LACAN, J. "Proposición del 9 de Outubro de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela", in *Momentos cruciales de la experiencia analítica*, Manantial, 1987, Buenos Aires.

[3] Antonio Quinet apresentou, ainda na EBP, em 1997, o trabalho intitulado "As três entradas".

[4] LACAN, J. Carta aos Italianos. *Opção Lacaniana,* n.11, nov./1974.

# Passe sob transferência*

*Roseli Maria Rodella de Oliveira*

Quando em 1995, na fundação da EBP, foi criado o dispositivo do passe, a partir da segunda proposição de Lacan, na Carta aos Italianos, deparei-me com duas possibilidades interessantes:

Ser membro de uma Escola que se propunha nos moldes de Lacan, ou seja, uma Escola que coloca no centro o desejo de saber o que é o analista; e passar pela experiência do passe – pois pensava no dispositivo, que é o mesmo, tanto para o passe de entrada como para o chamado "de final".

Após quase quatro anos dessa experiência e depois de termos passado por uma crise na EBP e por conta disso dela saído, restaram algumas questões:

• Se todos ainda desejamos saber o que é um analista, devemos reeditar o passe para nomear o analista em uma futura Escola?

• Deveremos reeditar a entrada na Escola pelo passe?

• Que efeitos a experiência do passe pode produzir em uma análise, uma vez que se trata de um passe sob transferência?

• O que o passe de entrada ou a entrada pelo passe visa verificar se o analisante ainda não atingiu o momento de passe em sua própria análise?

Quando Lacan propôs, na Carta aos Italianos, a entrada na Escola pelo passe, parece-me que ele falava do passe diferentemente daquele que vivi na EBP e que podemos chamar de passe sob transferência, pois os passantes não teriam que estar necessariamente em final de análise e o Cartel do passe não estava autorizado a nomear AEs. Hoje sabemos o engodo que foi essa proposta de passe de entrada na "Ebepê".

Na primeira proposta de Lacan sobre o passe, e na segunda, da Carta aos Italianos, onde fala de passe de entrada na Escola, ele pensava em passe no sentido de verificar se houve a passagem de psicanalisante a psicanalista. Ou seja, para a Escola Italiana ele propunha que fosse composta de AEs. Lacan não fez uma proposta de passe na entrada como membro da Escola. Confesso que o depoimento de Quinet, "As três entradas" (*Opção Lacaniana n. 21*), e a minha experiência com o dispositivo, apesar da crise e as questões concernentes ao passe que dela restaram, me levaram à crença no dispositivo.

Divido esse relato em três partes:

Que efeitos o passe de entrada pode produzir em uma análise?

Deveríamos repetir a experiência do passe nos mesmos moldes?

Como reconhecer o analista?

Então, que efeitos o passe de entrada pode produzir em uma análise? No momento em que vivi a experiência, percebi mudanças de posição subjetiva que hoje, penso, só puderam acontecer porque já tinha um percurso de análise e o passe possibilitou um certo grau de visibilidade (o saber que se pode extrair). Meu percurso

* Trabalho apresentado no Rio de Janeiro em março de 1999.

analítico colaborou nessas mudanças no sentido de que elas não poderiam mais ser proteladas. Quinet usou a analogia dos óculos subaquáticos que melhoram a visibilidade do fundo do mar possibilitado pelo relato do passante, mas, principalmente, dos passadores (Lacan identificou o passe aos passadores), e eu na época da experiência fiz uma analogia com o cinema. No que se refere ao relato do passante sobre o que está sendo sua experiência com a análise, este toma uma certa distância, com mais clareza do que na análise, e assim como no cinema, onde um espectador vê sua história sendo contada, aparecendo numa tela, como se fosse a própria vida. O sujeito sabe que é ele o ator principal, mas não sofre e não se angustia porque não é a vida real, ou seja, não se trata aí da repetição inconsciente do analisando.

Uma questão muito delicada para o sujeito em análise é falar de si para outro sujeito que não o analista, porque existe a possibilidade de atribuição de saber a outro que não o analista e então ocorrer alguns *acting-out*, ou seja, o analisante não encontra o significante para dizer a verdade numa análise e pode dizer ao passador. Um passe sob transferência oferece condições para que ocorram essas duas situações que considero problemáticas para a análise. O próprio dispositivo imbui os passadores, os membros do cartel, e até mesmo os secretários do passe de uma posição agalmática, um lugar de saber atribuído pela própria Escola. Exemplo claro disso é quando se escolhe um êxtimo com "experiência no cartel do passe" ou quando falamos de um AE como "ex-AE". Aqui cabe também interrogar-nos: o que acontece com atribuição de saber aos analistas que não foram nomeados pelo Cartel?

Ao falar da análise, que é uma experiência muito privada, não convém trivializá-la fazendo com que um outro sujeito que não o analista, o passador ou outro, venha contaminar a experiência com o Sujeito suposto Saber. Todos sabemos que os analisantes falam de si para outras pessoas, no seu cotidiano, não com a conivência do analista, mas se o analista acha legítima a demanda de passe do analisante, ainda sob transferência, pode estar colaborando na contaminação da análise. Então torna-se crucial saber o que se demanda.

Na entrevista que fiz com um membro do secretariado do passe, considero ter havido contaminação da atribuição de saber ao analista a partir de uma interpretação que este secretário fez. Na medida em que o secretário falava de um lugar, representando a Escola, ele já ocupava um lugar de saber, outorgado pela própria Escola e aí está o perigo de contaminação!

Penso que o secretariado do passe deve ser "bem escolhido", tal como os membros do Cartel e os passadores. Mas por outro lado esta questão sobre a seleção dos membros, dos passadores, dos secretários, faz da "boa escolha" uma dificuldade. Me pergunto o que seria uma "boa escolha", mesmo com a indicação do critério de Lacan de que os passadores deveriam estar em fim de análise ou próximo do final. O secretário do passe ou mesmo o passador pode realizar uma interpretação que, vinda de um A que não o analista, é sempre problemática para um passante sob transferência, podendo contaminar a experiência, com o Sujeito suposto Saber.

No que se refere à transferência, percebi que é mais fácil falar sobre ela no dispositivo do passe, fora da transferência, já que a concebemos como analisante como uma reedição. É difícil refletir sobre a transferência na própria análise, pelo

motivo que Freud aponta em "Recordar, Repetir, Elaborar"; pois é na análise que ela ganha o seu estatuto de real, com o conceito de transferência como repetição – não uma repetição de ordem histórica, mas como colocação em ato da realidade sexual do analisante.

Cito Freud: "... devemos tratar sua doença não como acontecimento do passado, mas como força atual". Corre-se então o risco de algo ser dito ao passador e que ainda não pôde ser dito ao analista. O segundo ponto é: devemos repetir a experiência do passe nos mesmos moldes propostos por Lacan?

Uma questão da minha experiência no dispositivo do passe de entrada na EBP, que me fez eco desde a crise instaurada na AMP, é: o passe é um fracasso? Eu fui ler Elizabeth Roudinesco. Foi a primeira coisa que fiz para saber o que tinha acontecido com o passe na época de Lacan e nesse tempo todo eu não tinha me despertado para essa leitura.

Certamente o que ficou, em primeiro lugar, ao reler a história do passe, é que ele fracassa enquanto dispositivo que se presta a nomear. Os problemas surgidos nas Escolas, na minha opinião, giraram em torno disso, do poder da nomeação. Essa foi a principal preocupação da AMP, como nos relembrou Margarita Uribe no texto "*Politización del Passe o política do Passe*" onde ela enfatiza "um disfuncionamento do procedimento e uma utilização deste com objetivos de poder".

Mas será que se trata apenas de uma disfunção do procedimento ou será que entrou em jogo o que Lacan chamou de o real na formação do psicanalista? Se podemos, tal como no texto de Jairo Gerbase para a rede de foruns – "Trata-se de não entregar os pontos" –, levantar a hipótese de que os psicanalistas estão sujeitos ao automatismo de repetição, inconsciente, tal como em todo grupo social, penso que a utilização do passe para fins políticos pode mais uma vez ser reeditada. Por que estariam os analistas imunes a este automatismo?

Será mais um engodo, tal como eu já havia me perguntado em um texto que apresentei em 92, no Fórum de Iniciativa Escola, sobre a posição de rebotalho do analista, quando retomei Freud no seu conceito sobre a pulsão, onde ele indica que toda pulsão implica uma reversão a seu oposto? Lacan inclusive se pergunta perplexo, no seu texto de 1953 (*L'Étourdit*), que também citei neste trabalho, sobre a experiência do passe, por que será que alguém que reduziu seu analista ao representante da representação, que é o objeto *a*, ou seja, uma merda, iria querer ocupar essa posição? O que faz com que alguém queira estar nesse lugar de dejeto? Que posição é essa em que estamos nos colocando acima dos comuns seres mortais? Somos imunes ao narcisismo? Acredito que há mais ensinamento nesta questão do que em atribuir o fracasso do Passe aos efeitos de conjuntura política da AMP.

A seleção "ideal" dos integrantes do dispositivo do passe é utopia. O julgamento dos membros do Cartel, do relato dos passadores, está ligado a seus percursos analíticos. Também ter realizado um final de análise não imuniza as pessoas dos preconceitos, das preferências, dos julgamentos e da utilização política do passe.

Peguei recentemente o texto de Bernard Nominé, de sua fala em São Paulo. Ele diz que "na AMP colocam-se os AEs nomeados sobre um *podium* e comove-se as multidões com seus testemunhos. Mas que com esse título qualquer um pode testemunhar de suas coisinhas e seduzir a multidão". Eu vou mais além, acho que

o título AE, após Lacan, por si só já inclui o ideal dos analistas. Será possível desidealizar o título de AE?

Proponho, então, que pensemos no passe não para nomeação de AE ou membro da Escola, mas como um procedimento que pode contribuir com os analistas para a elaboração do saber inconsciente, o qual se convencionou chamar clínica do passe, ou seja, a Escola como o lugar a se depositar o saber produzido no percurso analítico. Nominé, citando Lacan, em São Paulo, demarcou esse pensamento: "A escola instaura entre seus membros uma comunidade de experiência cujo âmago é dado pela experiência dos praticantes". Aqui, logo de imediato, me vem uma questão: por que alguém iria fazer o passe livremente se não tivesse nomeação? Que interesse teria o passe sem nomeação? Será que o passe, com a finalidade de enriquecimento da doutrina analítica, despertaria a mesma atenção? Se para Lacan o passador é o passe, então a meu ver o mais importante não é a nomeação que faz o Cartel. Ao Cartel restaria a tarefa de teorizar, de doutrinar.

Terceiro ponto: Ficamos ainda com uma questão problemática: como então reconhecer os analistas? Para a IPA bastaria análise didática. Na proposta de Lacan, o Cartel do passe nomeia. Na Carta aos Italianos Lacan diz: Como reconhecer a condição suficiente, ou seja, o momento do passe? A condição necessária, todos sabemos, se refere à analise e esta condição não pode ser substituída por nada. Gostaria de pensar em outra questão: o "não poder tudo dizer" pode ser mais reduzido com a experiência do passe? Ou devemos deixar essa tarefa somente para a análise? Neste trabalho eu estava um tanto embaraçada com essa questão, se isso era um tarefa que deveríamos deixar para o passe ou somente para a análise, porque o dispositivo dá a possibilidade de visualização da análise. É muito interessante o que o passe produz; então, num primeiro momento, eu fiquei com essa questão. Então levantei alguns pontos para debatermos sobre isso e vou desenvolvê-los a seguir.

O analista deveria ter uma relação diferente com a causa analítica. Diferentemente de uma análise, onde o sujeito não se autorizou por si mesmo, para o analista seria necessário um maior número de reduções sucessivas do não-saber que se sabe. Elaborações do não-saber contra a força de atração do recalque. Justamente por causa desse caráter evanescente do inconsciente. Esse exercício de poder escrever sobre o que foi essa experiência dá a ilusão de materialidade, mas é ilusão porque, depois de passado algum tempo, vem novamente a força de atração do recalque. Aqui eu gostaria de retomar um texto de Freud: "Construções em Análise". Tenho a impressão que não damos a este texto a devida importância. Nele Freud fala da construção como tarefa do analista, assim como a interpretação. Gostaria de retomá-lo pelo motivo que Lacan considera que a construção é o analisante quem faz. Em 37 Freud estava preocupado com o final da análise e logo após, em "Análise Infinita", ele escreve "Construções em Análise". Em ambos os textos ele se depara com o fato de que no final da análise sempre sobra um resto, que Lacan chama de o significante do Outro barrado, e percebe que esta barra do recalque nunca se levantará completamente. Então ele inventa a construção porque está preocupado com a inconsistência da verdade, já que só podemos semi-dizê-la. Não podemos recuperar todas as lembranças. O inconsciente recalcado se apresenta sob aspecto fragmentado e a interpretação toca um desses elementos. A construção faria a ligação

desses elementos, no sentido de que ela é uma elaboração de saber mas só pode ser uma elaboração provocada. Acho que a teoria lacaniana do final da análise como Identificação ao sintoma poderia nos ajudar no que Freud pensou como construção, pois é nesse momento que Lacan vai dizer que no final da análise é preciso a invenção de um significante novo.

O passe dá materialidade à experiência subjetiva porque, como diz Lacan no *L'insu* (aula de 15/02/77), "no passe, de que se trata é de se reconhecer entre [*s*(*av*)*oir*] (isso, saber, ter, noite) ... se reconhecer entre saber." Seria ele um dispositivo que permite reduções sucessivas, indo contra a análise infinita? Ou essas reduções devem acontecer na análise? Eu me perguntei a partir da experiência no dispositivo do passe e dessa frase de Lacan, mas hoje minha tendência é pensar que a interpretação não dá conta, e vemos que Freud vai pela via da construção, já que ele se deparou com seus embaraços sobre o final da análise. Um esforço de elaboração para o analista, numa tentativa de transpor uma barreira contra a força de atração do recalque, que insiste em manter o não-sabido.

Lacan continua dizendo neste texto, do que se trata no inconsciente é que ele é uma entidade com a qual se trata de saber lidar no sentido de que o $S_1$ não pode ser nomeado e para isso deve haver uma elaboração provocada. Minha tendência é pensar que essa questão sobre a elaboração – que deve ser provocada, que a interpretação não dá conta, como bem viu Freud –, deve ser novamente retomada e reenviada para nossos estudos sobre o final da análise do analista.

Se reconhecer entre saberes não nos leva a supor o reconhecimento do analista por outro analista. Em uma análise, do que se trata é de que, com a associação livre, o analisando, dialogando consigo mesmo, se reconhece no que fala, se reconhece no saber. O Outro é o saber. Se no passe o passador é o passe, se reconhecer entre saber seria entre o passador e o passante, que supostamente estão no mesmo momento da análise.

O passador testemunha o reconhecimento que o passante passou e o Cartel doutrina. Dois analisantes – o passante falando para o passador – podem se reconhecer entre saberes. O passante se reconhece, a partir do passador, enquanto analista, e o passador que testemunhou isso se torna analista?

Bom, para concluir eu gostaria de dizer que para mim o passe é um conceito para ser articulado com o fim da análise e não com a Instituição, como foi feito até agora na AMP. Que o próprio Lacan, segundo Rudinesco, compara o passe a um "impasse" nas Assembléias da EFP em 1978. Pensar justamente nas causas do malogro que ela aponta nunca foi objeto de reflexão teórica. Acho que este é o nosso avanço, poder colocar o passe em questão.

Será que era isso que queria Lacan ao nos colocar justamente suas dúvidas sobre o dispositivo em "Momento de Concluir" (aula de 10/01/78)? "...nessa história de passe fui conduzido, posto que o passe fui eu quem inventou, a produzir em minha Escola na esperança de saber o que exatamente podia surgir no que se chama de o espírito de um analisante para receber pessoas que vêm lhe demandar." Ali ele estava definindo o final da análise pois alguém esperava algumas luzes sobre este final num Congresso da Escola que tratou justamente do passe. Mas Lacan não parece desistir; ele sugere uma alteração no dispositivo ao dizer sobre o momento do passe,

que "talvez se pudesse fazer isso por escrito... Passar pelo escrito tem uma chance de estar um pouco mais perto do que se pode atingir do real, do que se faz atualmente, visto que tentei sugerir à minha Escola que pudesse nomear passadores... Asseguradamente, escrita no Inconsciente, sonho, lapso, chiste, se definem pelo legível... O legível, é nisso que consiste o saber."

E finalmente, toda essa casuística que acompanhamos, onde o analista do Caso B diz: como não nomear um trabalhador decidido?, o caso Estela Solano que após nomeada AE volta à análise e o caso do membro da entrada na Escola pelo passe – o "passe sob transferência"– que é uma interpretação equivocada da Carta aos Italianos, parece nos mostrar que o passe hoje é um dispositivo utilizado pela AMP, senão exclusivamente, pelo menos, preferentemente em sua dimensão política e institucional do que em sua dimensão clínica, e, portanto, em relação ao fim da análise e à questão de saber essa coisa essencial que se poderia formular assim: o que é que determina uma escolha profissional, vocacional, ou de modo mais restrito, o que é o analista?

# O Cartel do Passe, o Passador e a Escola
# Clínica do passe

# Lições do cartel do passe

*Jairo Gerbase*

O objetivo desta intervenção é comentar a experiência da entrada pelo passe na Escola da Causa Freudiana da Associação Mundial de Psicanálise. Trata-se do comentário de um artigo de um dos membros de um cartel do passe da referida Escola.

1. Ainda que não se trate de uma clínica sob transferência, o passe é considerado estar no coração da experiência psicanalítica ao mesmo tempo que no coração da experiência de Escola. Por isso se quer tirar lições dessa experiência.

2. Para atingir tal propósito é preciso descrever a composição do cartel do passe:

- um Analista da Escola sorteado entre os AEs no exercício da função;
- um Passador sorteado entre os passadores anteriores;
- um Membro qualquer da Escola eleito pela Assembléia Geral sob candidatura;
- um Mais-Um;
- um antigo Mais-Um.

Pode-se notar facilmente a racionalidade da escolha dos três primeiros membros do cartel do passe. A escolha do AE é supostamente a mais apropriada. Com efeito trata-se de alguém que atravessou positivamente o procedimento. O passador também está bem indicado, tanto porque ele está ou esteve supostamente no momento de passe de sua própria análise como porque ele é o próprio procedimento. O passador é o passe. O membro da Escola dá o equilíbrio ao conjunto. Não é fácil saber por que alguém se candidata a essa função, mas é uma aposta importante. Ele representa o conjunto dos membros da Escola dado que a AG o elege.

Quanto aos dois últimos membros do cartel do passe, os Mais-Um, pode-se também notar que se eles estão aí nessa função não é senão por pura convenção, isto é, porque se convencionou que o "júri de acolhimento" do passe passaria a ser um cartel cuja composição é de quatro mais um. Se hipoteticamente o denominássemos "comissão" bem que ele poderia ser composto de apenas três membros.

Este seria, entre outros, o argumento de minha proposta recente de restringir o excessivo número de componentes do dispositivo do passe, em torno de onze se incluirmos o êxtimo.

3. Atribui-se a Lacan uma "Nota sobre a escolha dos passadores". Essa "Nota" propõe que o Analista Membro da Escola (AME), que só tem a experiência do passe através da análise, escolha o passador. A Nota ainda indica que o essencial do passe desliza entre o analista, o analisante-passante e o analisante-passador. É aí que faço incidir uma segunda restrição ao número excessivo de protagonistas do dispositivo do passe. Não vejo racionalidade na função do segundo passador. O passador não é uma testemunha no sentido jurídico do termo. O passador está numa relação de equivalência com o analista. Ninguém nunca pensou que fosse necessário

ter dois analistas. Não vejo razão para que o passante transmita pela segunda vez, a um segundo passador, a verdade de sua queixa. Na Nota Lacan supostamente faz uma espécie de teoria analítica do passe. Diz que não basta que o analista acredite ter obtido o fim de uma análise de um de seus analisantes para que se faça dele um passador. Tem-se aí também, segundo o autor que estou comentando, uma primeira distinção entre o fim da análise e o passe: o fim da análise não é condição suficiente para que se obtenha um passador. O fim da análise, diz-se que disse Lacan, pode ter feito apenas um funcionário do discurso analítico. Porém, não se quer com isto dizer exatamente que o funcionário não seja digno do passe pois este pode testemunhar dos primeiros passos desta função.

4. A Nota trata ainda mais precisamente da formalização analítica do passe. Diz que o binário passante-passador precisa saber que da queixa a análise só utiliza a verdade. Creio que isso é um argumento contra o uso do romance familiar no passe. Diz também que ele, o passador, deve saber que o analisante está a serviço do desejo de saber. Conceito polêmico.

Em outro lugar Lacan disse que mesmo tendo o carimbo de Freud, não há a menor chance de haver desejo de saber. Nominé encontrou uma referência positiva para esse conceito. Ver sua carta aos membros da AFCL da França. Lacan ainda diz na Nota que não é qualquer um que pode interrogar o outro, mesmo que esteja implicado nesse assunto da distinção entre saber e verdade. É preciso, acrescenta, estar à altura dessa função, é preciso saber o que porta alguém, para poder ocupar essa função de passador que é, segundo a formalização atribuída a Lacan na Nota, uma função analítica. Finalmente, diz que esse saber o passante o constrói desde seu inconsciente e, por outro lado, que é preciso o passador para ouvir essa construção, isto é, o novo, o inédito, o significante novo do passe, *le mot de passe*.

Logo, segundo essa breve formalização de Lacan, o passador é o passe, quer dizer, ele não apenas deve recolher a verdade no discurso do passante, mas deve estar à altura da distinção entre saber e verdade. Pode-se referir a *Scilicet 1*, p. 26, para ratificar essa asserção: "De onde poderia ser esperado um testemunho justo sobre quem ultrapassa o passe senão de um outro que, como ele, está ainda nesse passe?".

5. A entrada na Escola pelo passe – A questão de Madri foi a origem desse uso do passe. Muitos hesitaram na ocasião quanto à introdução dessa modalidade de passe, distinta do que se ficou obrigado a denominar de "passe conclusivo". Quero debitar aos madrilenos essa dívida. Assim como gostaria de debitar aos granadenses a dívida acerca da dissolução das instituições do campo freudiano. O autor que comento afirma que a entrada pelo passe é pertinente, dado o número de demandas de entrada na Escola pelo passe que aumenta constantemente na ECF. Discordo porque sei que é a oferta que suscita a demanda, segundo a regra da economia vigente. No começo este cartel da ECF era muito exigente, como se não distinguisse a proposição de um membro da nomeação de um AE. Aqui se coloca a questão de quando é que um analisante começa a receber pacientes, ou seja, de que se autoriza. O cartel tentou explicitar alguns traços que se esperam do futuro membro da Escola:

- estar em análise e demonstrar o que representa a experiência do

inconsciente;

- prosseguir sempre em sua análise. Há sempre o risco de o membro proposto se sentir reconhecido como analista;

- o engajamento do sujeito no campo analítico.

Pode-se notar claramente que o que se procura verificar no passe de entrada não tem nada a ver com o momento clínico do passe. Isso por si só contra-indica a entrada na Escola pelo passe.

6. A clínica da entrada pelo passe – O autor que comento cita então alguns exemplos do que se poderia qualificar de clínica da entrada pelo passe:

- a *demande* de entrar na Escola para alguns é uma ocasião de se assegurar da pertinência de seu trabalho analítico;

- para outros significa "calar a boca de sua mãe" e testemunhar para seu analista o desejo de se fazer reconhecer;

- ou é uma oportunidade de se desembaraçar de seu analista;

- ou se trata de ultrapassar um momento de estagnação de seu trabalho analítico. E efetivamente se dirigir ao cartel através dos passadores teve por efeito relançar sua análise;

- há ainda os casos de *acting-out*: tratava-se para tal sujeito de ouvir uma interpretação para sair do impasse em que se encontrava em sua vida, depois de diferentes tentativas de análise que pareciam ser um fracasso

À parte todas estas razões que não têm nada a ver com o momento clínico de passe e que portanto contra-indicariam a entrada pelo passe, diz nosso autor que os passantes sempre introduziam também um desejo de transmissão. Seja qual for o momento em que estão em sua análise, tudo se passa como se o sujeito quisesse transmitir não importa o que tenha adquirido. Tudo indica que a passagem do privado ao público constitui uma reviravolta maior para todo mundo. E nosso autor quer nos fazer crer que se trata aí do desejo do analista, posto que se está na via epistêmica. Acho que é uma *forçage* querer dizer que o passante transmite um pedaço de real de sua existência, esteja em que momento for de sua análise. Isso quase me parece uma teoria sobre a não importância do final de análise. Como se os lacanianos contemporâneos quisessem concluir que importa menos a conclusão da travessia pelo dispositivo de Freud e mais a travessia pelo dispositivo de Lacan. Isso é o que se pode chamar de lacanismo. A hipótese que se quer impingir é a de que importa mais a redução de todo discurso do sujeito a alguns elementos mínimos e *princeps*. Isso se pode tomar por plausível, porém sempre na dependência do final de análise. Logo, pode-se notar que minha posição é a de vincular o passe ao final de análise, ainda que o momento de passe possa acontecer antes mesmo de uma análise terminar. Donde se conclui que não posso estar a favor da entrada pelo passe. Que se obtenha essa transmissão de um AE, com isso posso estar de acordo. Mais não creio que se possa esperar isso de um membro.

O autor comentado propõe que as duas formas de passe podem liberar duas formas de transmissão do real e desse modo justificar os dois tipos de passe: de entrada e conclusivo. A primeira é a lib[illegible]ção do trauma sobre o qual o sujeito não se

engana e corre o risco de tomar como seu destino. Aí se vê como a pulsão se articula ao sintoma e à fantasia. O passe seria, nesse caso, poder escapar a esse destino. A segunda forma desse real, é o que se repete ao longo de uma vida sob a forma de repetição significante. "Ainda" é o nome próprio dessa repetição, desse real, e esse seria o testemunho essencial dos passantes cuja *demande* é ser membro da Escola.

# O cartel do passe na EBP

*Antonio Quinet*

O cartel do passe no Brasil foi criado em 1995 quando da Fundação da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) como um dispositivo utilizado para se entrar na Escola.

Se a Nota aos italianos de 1974 já tinha sido comentada e estudada, jamais alguém tinha pensado até então em colocar em prática a proposta de Lacan, aí explícita, de se começar uma Escola com o passe na porta de entrada. Trata-se porém, nesse texto, de uma Escola onde só haveria AEs, que é a designação de *Analista da Escola* conferida como garantia da própria Escola. "O grupo italiano, se ele quiser me ouvir, ater-se-á a nomear aqueles que postularem sua entrada com base no princípio do passe tomando o risco de que não haja". E efetivamente não houve – não porque ninguém foi nomeado AE mas simplesmente pelo fato de que os italianos não deram seqüência a essa sugestão de Lacan (o termo é de Lacan: *Je leur suggère...*).

No dia 17 de novembro de 1990, em Madri, Jacques-Alain Miller lança a pergunta: "Vocês querem, sim ou não, levar a sério, colocar em prática a segunda proposição do passe? Isto é, a proposição feita por Lacan aos italianos, em 1974, de entrar na Escola pela via do passe?". Mas não era exatamente a mesma, pois o passe não era mais o mesmo.

Qual era o contexto da época? É difícil traçar rapidamente todo o contexto, posso apenas fornecer alguns dados que, digamos, se presentificam um ano antes quando Jacques-Alain Miller detecta, denuncia e coloca a nu, com seu texto *Acier l'Ouvert,* uma crise na Escola da Causa Freudiana (ECF) designada como "crise de seus fundamentos", crise que ele mesmo provocou acusando os responsáveis pela publicação "*Cahier de lectures freudiennes*" de constituir uma facção na ECF contra ele. E a partir de então todo o funcionamento da ECF foi colocado em questão e mudanças estruturais começaram a ser realizadas, o que provocou a mudança da ECF1 para uma ECF2, como foi dito na ocasião, e a saída de vários membros que haviam passado pela experiência do passe.

Sobre a questão específica da entrada na Escola, tratava-se de questionar como nomear alguém membro da Escola que não fosse por cooptação, por conhecimento de fulano e sicrano, já que muitas vezes é difícil julgar pela produção de artigos e apresentação de trabalhos. Por outro lado, o resultado do passe, naquele momento – após seis anos de experiência, apenas cinco AEs tinham sido nomeados havendo pouquíssima produção sobre o assunto – foi julgado insuficiente e insatisfatório. Daí a idéia de utilizar o dispositivo do passe para designar também membros da Escola, o que começou a funcionar em 1991 na ECF. O cartel do passe passou a ter três tipos de resposta: AE (que é automaticamente membro da Escola, caso ainda não o seja), membro da Escola e, evidentemente, nem um nem outro. A utilização do passe para se entrar na Escola surge também num contexto de constituição de outras Escolas do Campo Freudiano fora da França (a EEP e a Escola de Orientação Psicanalítica em

Buenos Aires) e da Associação Mundial de Psicanálise que congrega as Escolas.

A Escola Brasileira de Psicanálise é fundada cinco anos depois da Questão de Madri, ou seja, quatro anos após a colocação em prática do passe na entrada da Escola na ECF. Havia no entanto duas diferenças na EBP: a primeira é que o cartel do passe não foi habilitado a nomear AE; e a segunda é que, além disso, tinha que haver um "êxtimo" designado pela Associação Mundial de Psicanálise (AMP) para aprovar a decisão do cartel do passe (ainda é assim).

Constituir uma Escola em 1995 sem o passe, sabendo que ele é em suma um dos pilares da Escola de Lacan, seria de fato um anacronismo. Mas, por outro lado, a falta de experiência brasileira, relativa a um assunto tão delicado e inédito quanto a garantia do analista pelo dispositivo do passe, dificultava a instauração do passe com um cartel que nomeasse AE. A solução de compromisso, ou seja, sintomática, foi dar início à experiência do passe no Brasil utilizando-se desse dispositivo para designar os novos membros da Escola.

Desde sua constituição proposta pelo Delegado Geral da AMP, o cartel do passe da EBP foi comprometido pela política institucional. Quado o DG propôs um determinado nome para ser membro do cartel do passe, eu o questionei mostrando minha desaprovação por tratar-se de alguém comprometido por comportamentos notoriamente antiéticos em relação à psicanálise. Ao que ele respondeu afirmando não ter importância sua presença, por ser *apenas* um cartel de "passe de entrada". Esse elemento havia sido o pivô de um grande escândalo em um Estado do Brasil. Aliás a obscenidade apareceu em dois momentos durante o exercício desse cartel: no primeiro passe escutado, essa história veio à luz com toda a sua carga de mal-estar, que não pôde ser tratado pelo fato de a pessoa em questão fazer parte do cartel. E num segundo momento, tendo como conseqüência a dissolução de fato do cartel. Aliás o tempo do cartel foi marcado por esse não-dito causador de grande mal-estar, acrescido pelo fato de a cada passe tentar-se evitar qualquer discussão teórico-clínica, relevando apenas a questão político-institucional, ou seja, se o passante deveria ou não entrar como membro da EBP. Esse último foi o principal problema do passe do primeiro cartel da EBP, sendo, na verdade, sua marca de origem: a degradação do passe em favor da primazia da política. Isso não só ficou claro como também foi impulsionado, estimulado e avalizado pelo Delegado Geral da AMP, principalmente na ocasião em que exercia a função de êxtimo fazendo entrar para a EBP, pelo passe, determinadas pessoas sem que tivessem sido sequer discutidos seus passes. Essas pessoas foram aceitas com critérios vagos, do tipo fulano é professor da universidade, fulana já é uma senhora e não vamos exigir mais do que ela possa dar, e em relação a alguém que tinha parado sua análise, o argumento foi o de que depois de tantos anos não se podia exigir dele, com a idade que tinha, que retomasse uma análise, etc.

De uma forma geral, salvo alguma exceção, o cartel do passe na EBP foi do início ao fim tomado por questões político-institucionais: utilizado para promover quem poderia ou deveria entrar na EBP ou para recusar os indesejáveis. A politização do passe ficou evidenciada no caso "C" que faz série com o caso B da *École de la Cause Freudienne*. Nesse passe houve tantos disfuncionamentos que, no final das

contas, não havia possibilidade de se dar uma resposta afirmativa pois nada havia passado a não ser um mal-estar que nada tinha de analítico. Nesse momento, três membros do cartel resolveram dizer sim para essa pessoa entrar na EBP a fim de se abafar a questão. Diante da recusa dos dois outros membros, a questão ficou em suspenso e foi levada para o cartel seguinte que o avaliou com outro êxtimo, que também constatou a impossibilidade de dar uma resposta positiva. Daí em diante, seguiu-se uma campanha para que essa pessoa entrasse então para a EBP como membro, pois seu analista, diante da resposta negativa, "estava possesso de raiva" – disse-me um membro do novo cartel. Antes de ser levado o caso ao Conselho, o Delegado Geral, na função de êxtimo, fez essa pessoa entrar pelo passe na EBP, sem que este nunca tivesse sido discutido a nível clínico.

A questão que ficou para mim é a de pensarmos, para além das pessoas, uma forma de separar a verificação do passe, que deve ser feito só a partir da clínica, e a entrada na Escola, que é uma instituição. Pois a entrada na Escola, queiramos ou não, não deixa de passar pela questão político-institucional. E outra experiência me leva a repudiar o personagem do êxtimo, que com nossa boa fé (a que Lacan diz que não se perdoa) aceitamos, nossa inexperiência ao fazer um voto de confiança não só no DG como também nas pessoas que este indicou. Tenho que admitir que os dois primeiros êxtimos funcionaram à altura de suas incumbências, o que não foi o caso do próprio DG que devastou o dispositivo com sua politicagem. De qualquer forma, o êxtimo não deixou de ser um olheiro do DG, pois ao chegar a Paris eles ainda tinham de submeter seus pareceres a ele, que acabou funcionando como *O Analista* – que não existe – pois o próprio passe nos mostra que só há analista um a um e não o Um do conceito do analista.

A partir do que expus até aqui vocês poderiam concluir que considero o passe na EBP um fracasso. Não é bem assim. O mais surpreendente é que o dispositivo do passe faz objeção às manipulações institucionais e que apesar delas, deixa-se escrever uma clínica: a clínica do Inconsciente, a clínica do discurso do analista. Apesar da tentativa de apagar o discurso do analista, como foi feito na EBP, houve sua transmissão. E foi possível escutar uma clínica feita pelo analisante, que é a clínica que se pode extrair do passe. E isto não só pela formalização que me foi permitida efetuar a partir da minha experiência como cartelizante do passe, mas também pelo que está sendo feito atualmente na Comissão Crítica do Passe (CCP) e nos fóruns pelos passantes. Estes, cada um em seu estilo, nos trazem elementos de elaboração não só de sua análise como da intervenção de seus analistas e do que é propriamente esse laço social do discurso do analista. Para além das falcatruas, o passe passa no dispositivo.

Os relatos dos passantes sobre seu passe são absolutamente inéditos aqui no Brasil. Constato que eles vêm confirmando de maneira surpreendente o que pude verificar no dispositivo do passe: a transmissão daquilo que é específico do discurso do analista. Por exemplo, quanto à transferência, alguns passantes têm nos mostrado e ensinado algo sobre a articulação entre o significante qualquer do analista e o objeto *a*. De alguma forma, o significante que o analisante pinça no analista conota o objeto pulsional – como os significantes *brilhantes*, *pele branca*, *admiração* e *sotaque*

*estrangeiro* nos casos que escutamos[1], os quais fazem vibrar o objeto escópico nos três primeiros exemplos e a voz no último.

A experiência como membro do cartel do passe mostrou-me algo que me apareceu como uma novidade: o momento em que, no decorrer da análise (e até mesmo antes dela), o sujeito toma uma decisão: trata-se de uma decisão pela psicanálise que implica em um "ato que decide de uma prática", ou seja, é a entrada na psicanálise. Não precisa ser necessariamente o momento de começar a receber pacientes, mas uma decisão, uma escolha pela psicanálise diferente do desejo de ser analista, o qual se verifica por exemplo como desejo de cuidar de doentes, desejo de tratar, desejo de curar, que são da ordem da demanda. Trata-se de uma escolha diferente dessas que são sustentadas pelo ideal. Escolha que vai contra o ideal, rumo, quiçá, ao pior.

Para tal sujeito a entrada na psicanálise se vincula diretamente à questão do Pai. O fundamento neurótico de sua escolha de tratar de pessoas era fazer como o pai: salvar almas. Mas sua escolha pela psicanálise entra em choque com a família que o recrimina, e daí aquilo que era a causa paterna (fazer como o pai, sustentar o pai) adquiriu uma nova característica: contra o pai o sujeito escolhe o pior e em vez de salvação ele recebe a condenação. Decide pela entrada na psicanálise a partir de um traço paterno já desimaginarizado: a relação não mais com o verbo feito carne, mas com a palavra e seus poderes.

Para outro sujeito, a entrada na psicanálise se revelou como que fazendo série com outras experiências em que buscava a verdade desvelada por um mestre. Para ir contra o Pai, adepto de uma facção política da situação, o sujeito escolhe a oposição pela via da militância em nome de um ideal que acaba instituindo Um-Pai, o qual, longe de favorecer a via da verdade do sujeito, a rejeita. Ao se decepcionar, o sujeito parte para o recurso a uma religião oriental, onde ele encontra o vazio de Um-Pai. Em seguida à queda das figurações do pai efetuadas no tratamento analítico, ele escolhe a psicanálise pela verdade em detrimento do Pai.

Essa escolha, trabalhada *a posteriori* na análise e transmitida no passe, é colocada aí em série com outras escolhas que promovem cortes com a cadeia simbólica da filiação. Podemos inferir que a marca do analista faz traço, *a posteriori,* a partir desses cortes prenunciando o analista a advir. Mas o ato do analista implica na transformação da posição de exclusão, característica do neurótico (posição de "nada" ou de "merda") sustentada pela fantasia, em ofício de "dejeto da humanidade".

Para concluir, gostaria de chamar a atenção de que ao dissociarmos a emergência do desejo do analista do final de análise, lembramos que o passe se refere à verificação do *desejo do analista* e assim cai por terra a diferença entre passe de entrada e passe de final para ser apenas um passe: o que testemunha do ato analítico – o que decide, o analisante ser analista.

[1] ver neste número, seção Clínica do Passe.

# O passe é o passador

*Nilda Deiró*

O dispositivo do passe é uma invenção de Lacan para acolher o saber extraído do dispositivo freudiano, a análise. Esse saber é ordenado por uma lógica e um tempo próprios; em alguns casos há a emergência de um desejo novo, que não se subordina aos uns – equívocos, ou seja, ao cifrамento do inconsciente que pede decifração. Lacan admite que esse desejo é condição suficiente para alguém se oferecer à metonímia analisante como semblante, porém a condição necessária é a experiência subjetiva.

O passe é uma experiência ainda em curso, porque há um real em jogo, que suscita elaborações. Isto nos leva a pensar que o dispositivo lacaniano, tal como o dispositivo freudiano, tem a estrutura do chiste, pois também possibilita o surgimento da terceira pessoa.

## Estrutura do chiste

A estrutura do chiste consiste em omitir o primeiro alocutário, que é o elemento mais importante e pivô da transformação, como no chiste do familionário: no primeiro nível Heine deseja se casar com a prima; no segundo, o tio de Heine o trata bem, porém com distância porque ele é pobre; no terceiro nível, Heine coloca na boca do poeta Hirsch - Hyacinth, que é ele próprio, o chiste: Salomon, o Barão Rothschild, tratou-me como a um seu igual: bastante "familionariamente".

O ciclo transformacional, expressão de Todorov, consiste nesse fenômeno do desdobramento da 2ª pessoa em 2ª e 3ª pessoas, isto é, o tu se desdobra em ele e tu: o ele é a enunciação, o alocutário ausente, e o tu está presente como ouvinte.

O processo usado para a formação do chiste é a metáfora e a metonímia. Consiste na abreviação de termos, interpretação de elementos e no duplo sentido das palavras. Trata-se de uma operação verbal, que tem estrutura triangular: aquele que fala, aquele do qual se fala e aquele a quem se fala.

## Estrutura do passe

O dispositivo do passe também tem estrutura triádica: o passante fala de sua ficção ao passador, por isso está susceptível aos efeitos da linguagem. O primeiro exemplo[1] ilustra a condensação dos detritos da linguagem pelo passante, ao enunciar o significante madrepérola. Esse significante é metáfora dos mal-ditos do Outro: *doutor, minha mulher é uma pérola rara, salve a mãe*. A enunciação é morte ao filho. Este alocutário ausente, o filho, é o pivô do processo transformacional, sobre o qual incide o fator econômico.

[1]. Ver neste número: A mor (te) pelo pai ao a–mor de transferência.

Num segundo tempo lógico, o corpo é afetado quando duas meninas disputam uma sombrinha. A mãe decide que a outra menina é a beneficiada e o ciúme se manifesta. Entre essas duas escolhas há o primitivo e o derivado: a primeira experiência é ressignificada pela segunda experiência e a sombrinha com cabo de madrepérola se constitui como objeto *a*, objeto de consistência lógica que tampona o furo da estrutura. Madrepérola é metáfora do furo e comporta o equívoco: aparentemente indica o valor risível do objeto, entretanto seu verdadeiro valor é de chiste e se refere à economia do gozo, porque abriga o enigma sobre o gozo do Outro sexo.

O segundo[2] caso mostra, como no chiste, o equívoco do significante venda: tapar os olhos e o ato de vender. O jogo de sedução consiste em se dar-a-ver. A angústia se deflagra quando entra a voz, porque há o enodamento com a fantasia: trancada numa casa de prostituição com os olhos vendados. A fantasia se agrega ao acaso: uma revista masculina com depoimentos femininos, em que uma mulher é amarrada na cama pelo marido, com os olhos vendados.

A pregnância do olhar determina o modo de gozo: dar-se-a-ver como caçadora do olhar. A voz transforma a caçadora em prostituta do olhar e a defesa se manifesta através da inibição – não vendo, isto é, não se dar-a-ver para não se vender – cujo efeito é se manter com um pé dentro outro fora. Passar o gozo à contabilidade do inconsciente possibilita a emergência de um significante novo, no processo analítico, que ordena o saber: espirrar é um significante assemântico que só serve para o corpo gozar e seu duplo sentido é espiar. Aí, então, há encadeamento e se conecta à fantasia, onde se inscreve o significante venda. Poder apreender o equívoco desse significante é também poder ultrapassar uma posição de gozo – manter-se na soleira da porta com um pé dentro e outro fora. O ingresso na comunidade analítica é a ultrapassagem dessa posição, em que o trabalho se configura como possibilidade de mostração, sem que o corpo seja afetado. O inconsciente interpreta essa metamorfose através de um sonho e o analisante já não pergunta: o que isto quer dizer? Ele vai dar significação ao seu sonho: o escrito é a roupa sob medida para se dar-a-ver, para satisfazer a pulsão.

O caso mostra que a metamorfose na economia do gozo transforma uma demanda de ser analista – diante do enigma do gozo Outro sexo – ao desejo do analista, quando assume a enunciação. Uma passagem da transferência analítica à transferência à causa analítica. O passante diz que no lugar do furo coloca o significante largatixa, que denuncia o mal-entendido entre os sexos e dá origem ao discurso que faz laço com o analista. Largatixa é um significante de alíngua que vai permitir a relação entre os sexos.

O passador pode apreender os momentos de passe porque também está realizando as suas operações de troca na economia do gozo, daí ser um parceiro do passante. Uma parceria simétrica de não-analistas, porém analisados, que têm intimidade com o trabalho inconsciente, sensível à metamorfose do gozo, por isso passível de se duplicar e encarnar a 3ª pessoa: se madrepérola é um significante de alíngua, não há estranheza em que largatixa seja metáfora do furo, ou que espirrar – tanto quanto enxovalhar – tenha relação com a pulsão escópica. Há uma comunicação no nível da

[2]. Ver neste número: Venda de olhos.

estrutura: ao nada, ao sem-sentido, aos significantes assemânticos. Trata-se de uma identificação tórica, de significantes, pois o que está em questão não é o dentro/fora, mas o gozo do sintoma. Essa parceria, como na Comédia de Voltaire, é constituída por desertores, *drop-out*, que se entendem pela natureza do discurso. Essa singularidade é que permite a emergência do desejo novo. O passador pode apreender esse desejo e dar passagem, porque também está inserido no mesmo processo transformacional; o passador está no dispositivo também como analisante, como um cândido – a (um *candidat candide* – a ) – segundo Lacan – e que vai transmitir uma experiência constituída de restos de saber. Então, o desejo novo é contaminado pelo saber extraído do não-saber, por isso não é um desejo puro, como mostram os exemplos.

Proponho, então, pensarmos que esse desejo novo é um operador lógico, responsável pela passagem. Passante e passador, movidos por esse desejo novo, vão estar *sub judice* para o Cartel do passe. Para que a passagem tenha êxito é necessário que o Cartel do passe seja sensível ao processo transformacional, como no chiste, e encarne a 3ª pessoa, pois o passe de Lacan não é uma avaliação dos didatas; o Passe de Lacan é uma verificação do desejo do analista pelo não-analista, no tempo em que se produz.

A função do passador é dar passagem da virada do desejo inconsciente ao desejo do analista, mesmo sem saber. O referente para a função do passador é a própria experiência subjetiva, pois ao trocar gozo por significante há desprendimento da viscosidade da libido – no dizer freudiano – ou desembaraço do parasita linguajeiro – no dizer lacaniano – e é isto que permite a circulação do desejo.

O passador, mesmo estando submetido ao reducionismo imposto pelo dispositivo, vai privilegiar o essencial a ser transmitido, concernido à transmutação, por isso o passe é o passador.

---

**Notas**

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente - 1905. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, V. VIII, p.275.

LACAN J. Proposição de nove de outubro de 1967. *Opção Lacaniana*, n. 6, agosto/96.

———— Carta aos italianos. *Opção Lacaniana*, n.11, novembro/94.

———— Um procedimento para o passe, *Opção Lacaniana*, n.18, abril/97.

———— *L'insu qui sait*.... Anotações de aulas de 14/12/76 e 21/12/76.

———— Rumo a um significante novo. Anotações de aula de 19/04/77.

———— Sobre a experiência do passe. Seminário de 13/03/76. Trad. Alexandre Simões, abril/99.

TODOROV, T. Teorias do simbólico, A retórica de Freud, Sobre a enunciação. *Coleção Signos*. Lisboa: Edições 70.

# A Escola como jogo político do passe

*Marie-Jean Sauret*

Vou dizer algumas palavras sobre o título: A Escola como jogo político do passe. Mas, para começar, vou falar de uma experiência subjetiva. Desde que eu estou aqui entre vocês, tenho a impressão de uma grande familiaridade a ponto de que a Associação, que espero que vocês criem, poderia ser a minha. E, ao mesmo tempo, há esse embaraço da língua que faz com que eu próprio me perceba como uma espécie de objeção. Às vezes, tenho até a sensação de que devo renunciar a ser compreendido. Ao mesmo tempo, é isso que torna obrigatório que me interpretem e isso, sem dúvida, lentifica o ritmo do trabalho de vocês. É o que demonstra também algo de particular no laço que temos e eu tenho vontade de fazer parte disso. O que tem a ver com o que eu quero falar para vocês.

Vou retomar também um fato histórico para começar. É graças ao eco da experiência do passe no Colégio do Passe (o Colégio do Passe é o equivalente institucional da comissão de vocês sobre o passe. É a reunião de todas as pessoas que participaram da experiência, que acontece de seis em seis anos na França para elaborar tudo que aconteceu durante esses 6 anos de experiência). É graças a esse trabalho que nos demos conta de que o funcionamento da AMP não convinha à psicanálise. O que significa, de um lado, que a razão de nossa saída é psicanalítica fundamentalmente. Podemos explicar essa coisa de uma saída (mesmo que na verdade não tenhamos saído): nós não o fizemos porque teríamos sido maltratados . Mas, por outro lado, isso significa que somente percebemos a razão do disfuncionamento da AMP no momento em que ela foi elaborada teoricamente por alguns membros da Escola. Talvez não valha a pena formular essa razão. Comecei a escrevê-la antes de ler um e-mail de Antonio Quinet, que, aliás, eu li aqui no Brasil, o qual dizia as coisas nos mesmos termos em que eu as teria dito. Então, vou dizer com as minhas palavras: A Escola da AMP é, no final das contas, uma instituição como qualquer outra. Ela está na mão de um mestre que a organiza e lhe dita o que é a psicanálise e quem é psicanalista. E há um coro dos fiéis que canta a mesma profissão de fé: "o Outro não existe". Mas só para concluir cinicamente que havia a necessidade de que o mestre tomasse o lugar do Outro.

Pretendo repetir uma coisa que eu disse em São Paulo. Sem dúvida, é necessário que, nesse tipo de situação, haja mais psicanalistas do que analisantes para que esse funcionamento se instale. No entanto, o passe (cheguei à mesma conclusão que vocês) funcionou. Ele produziu e, em todo o caso, sustentou os psicanalistas que passaram ou não pelo dispositivo. Psicanalistas que deduzem de sua experiência psicanalítica que a psicanálise deve ser reinventada a cada vez e que essa invenção está subordinada a uma emancipação necessária do Outro do saber. Logo, se estamos nesse ponto é porque não podíamos, por razões de estrutura, renunciar à garantia que

Transcrição: Clícia Magalhães, revisada por Rosângela Corgosinho

esta descoberta nos confere e que é uma ausência de garantia. Não há outra. Então, nós não queríamos o selo do mestre, mesmo se ele devesse dizer: "você é psicanalista".

Segunda observação, um pouco geral: aproximo a essa impostura de um selo analítico, vendido pelo mestre (porque eu acho que ele não o dava, ele o vendia); eu a aproximo também de um comentário que ouvi na Escola da Causa Freudiana e que trata de um sintagma de Lacan: "A psicanálise deve ter primazia sobre o mercado". No entanto, há aí um equívoco, desde que o comentarista dessa frase a dizia como se ela fosse um convite a se propor a psicanálise como um produto suscetível de suplantar todos os outros em termos de comércio. " Ter primazia sobre" é uma expressão francesa que quer dizer, no fim das contas, sair ganhando. Assim, não somente a Escola é uma Associação como as outras, mas a Associação é uma empresa multinacional, que visa obter primazia sobre o mercado, derrotar os outros. Então, a frase: "A psicanálise deve ter primazia sobre o mercado", no sentido de a psicanálise ser mais importante do que a questão do mercado, pode ser lida como: a psicanálise deve ter primazia dentro do mercado e aí, nesse sentido, ela é multinacional. No fundo, parece-me que a posição de Lacan, quando ele diz essa frase, é que o mercado pára ali onde a psicanálise funciona. Ali onde a ciência e o mercado, com a cumplicidade da nova doutrina AMP, reduzem o sujeito a um indivíduo, completado por um mais de gozar psicanalítico, ao contrário, o discurso psicanalítico reintroduz a consideração da castração, sua verificação pelo passe ; é o que Lacan chama de saída do capitalismo.

Isso tudo parece abstrato e vou lhe dar um estofo a partir de um comentário sobre o fragmento de um passe. Eu fui um dos membros de um dos cartéis do passe da Escola Européia de Psicanálise. E esse fragmento permite relacionar logicamente o efeito de crise que o passe teve e a degradação do discurso analítico (a expressão francesa *ravalement*, além de degradação, também pode ser traduzida por devastação, depreciação - Vocês estão vendo como é complicado tratar da questão do particular, porque certamente é mais fácil a tradução simples de uma língua para uma outra). Não estou falando diretamente de um momento do passe, mas vou falar da forma como esse passante se explica depois. O passante explica que o desejo do analista surge quando cai a razão sintomática que o levou à análise. A queda das determinações patológicas do sintoma, que ele pensava ser aquilo que o determinava, essa queda o confronta, com efeito, ao lugar vazio da causa. Ele deve se fazer literalmente na causa, já que as determinações caíram. Então, sua fidelidade à Escola (tomo esse caso porque é muito raro que o passante ligue o seu passe à Escola) é fidelidade ao lugar onde ele fez a experiência do real. Ele o disse assim. Essa experiência se explicou com esse ponto que está para além das razões patológicas. Um dos efeitos de sua análise consiste, então, no alívio da falta que ele havia tomado sobre si. Até então, o laço social que ele possuía estava construído sobre seu fantasma. Ele dizia que a falta era uma companhia sobre a qual repousava a fraternidade edípica, que não é senão uma cumplicidade com a demanda do Outro. É bem freudiano: os irmãos pertencem à mesma comunidade, porque assumem a cumplicidade do assassinato do pai. A queda do Outro das determinações permite-lhe trocar um laço

social construído sobre a cumplicidade por um laço social que implica a solidão. Ele conclui que não há nenhuma razão para sustentar uma instituição a qualquer preço, porque esse preço é sempre o da cumplicidade, ou seja, de que ele seja membro de uma horda assassina. Então, a fidelidade à Escola, nesse sentido, implica a dissolução. Esse testemunho data de mais ou menos dois anos antes da crise e ele trouxe essa conclusão à sua análise e imediatamente a colocou em ato, sendo um dos primeiros a pedir sua demissão desde o início da crise da EEP.

O que ele disse, dentro ainda do seu testemunho, é que a falta não desapareceu, pois as pessoas não se curam do Complexo de Édipo, mas ele localiza com precisão o que ela se tornou. Para ele, ela se tornou responsabilidade, e é essa responsabilidade que lhe dá a certeza de não ter escolhido a submissão. É a responsabilidade que ele toma ao fazer o passe, ele não a tinha. É a responsabilidade do discurso analítico. Sua nova solidão. O fato de que ele não sustentará a Escola a qualquer preço, encontra a sua tradução numa fórmula: os limites do acordo. Não se faz Escola com qualquer um e mesmo aqueles com os quais construímos Escola, precisam contar com aquilo: que eu não vou ceder, pois ceder retornaria em denegar a minha relação com a psicanálise. Isso me permite ir ao ponto seguinte: esse limite do acordo não se discute com qualquer um a qualquer preço, o que me parece fabricado daquilo que extraio da minha própria experiência do passe. O tratamento pare aq*uilo* que há de mais particular do sujeito, do pedaço de gozo que ele é irredutivelmente. Esse pedaço de gozo que ele deve ao fato de portar, ao vivo, o significante no real. É isso a objeção ao saber. É preciso insistir, é uma objeção ao saber que é da própria psicanálise. Não somente da doutrina da AMP. Só que essa fórmula é insuficiente e esse passante permite retificá-la. Não basta ser uma objeção, convém ainda que o sujeito encontre um lugar para alojar esse particular na sua relação com o Outro. É preciso que essa objeção sirva. Temos, então, de nos perguntarmos se essa tal teoria, de que o Outro não existe, não seria uma teoria que coloca como impossível alojar o que se é como objeção.

Lacan nos ensinou a nomear como sintoma, justamente aquilo que faz suplência à relação que não existe entre o ser de gozo e o significante. O sintoma é também aquilo que inscreve um sujeito na relação com os outros. E bem, o passe implica essa criação de laço social como dimensão constitutiva da experiência. Antes de mais nada, é isso que se lê no matema do discurso analítico. É uma observação que tomo emprestada de Pierre Bruno, a qual ele fez quando eu lhe estava falando desse fragmento de explicação do passe desse passante. O discurso analítico é o único discurso que considera o Outro como sujeito. Então, primeiramente concluo com essa observação: o desejo do analista consiste em fazer servir o sintoma com o qual se identifica ao final do tratamento, para fazer de conta de objeção para o analisante que vem vê-lo e que não sabe ainda quem ele é.

Para retomar uma parte da discussão que tive com Antonio Quinet, o analista não é o sintoma do analisante, mas nesse sentido, o psicanalista é um sintoma que vai dar o testemunho da reinvenção em ato do laço social como tratamento, enfim, de duas alteridades: a sua e a de seu analisante. É um sintoma contra toda tentação de

homogeneização, por um Outro, dessas alteridades. Também é o sintoma da impossibilidade de reabsorver a particularidade de cada um num saber comum.

Segunda conclusão: o passe é o lugar onde se constitui a Escola. E eu lhes dou uma definição de Escola que tomo emprestada de Lacan: "A Escola é a estrutura adequada ao que comanda a estrutura do discurso analítico". Na minha opinião, isso é suficiente para não confundir a Escola com a Associação. A Escola é o lugar onde se verifica que o laço social é a contrapartida política do desejo do analista. Ela é o lugar da elaboração teórica dessa necessidade. Essa verificação e essa elaboração constroem a Escola, demonstrando o que permite a coabitação do particular e do social. E o que o permite é o psicanalista como sintoma.

Última conclusão: acredito que é por essa razão que o passe revelou que a estrutura de Escola, que decorre de sua experiência, não correspondia à organização e ao funcionamento da AMP ditados pelo Outro, e foi o passe que fez explodir essa organização e esse funcionamento para nós. Por isso, não devemos nos intimidar frente à Escola e ao passe. É urgente que nos dotemos de uma Escola do passe, pois é ela que vai barrar nossos próprios erros. Conhecemos os erros que fizemos, mas não sabemos os que faremos. Logo, a Associação nos prepara para a Escola, como escreveu Antonio Quinet. Ela nos prepara para a Escola, mas não prepara a Escola, pois a Escola, de um certo ponto de vista, é constitutiva da experiência do passe. Mas a Escola trata a Associação, suplementando-a, tirando-a do Campo Freudiano, inscrevendo-a no Campo Lacaniano. No entanto, não basta fazer uma Associação do Campo Lacaniano para estar no Campo Lacaniano. Não é um significante que é o Campo Lacaniano: é a experiência do tratamento do gozo que anima este significante.

E, um pouco fora do tempo, acrescento que não podemos fazer uma Escola sozinhos. Há uma questão de tempo lógico. Faço uma alusão ao sofisma dos três prisioneiros. A solução da questão da Escola em Paris depende da solução da Escola no Brasil, e, certamente, em outros lugares.

# DEBATE – Fórum Nacional do Campo Lacaniano - 1999

**Elisabeth Saporiti** - Quero primeiramente agradecer à organização do Fórum Nacional e aos colegas de Belo Horizonte o convite e a oportunidade de dividir hoje com vocês algumas reflexões.

Cabe a mim fazer um comentário sucinto dos trabalhos expostos, antes de passarmos ao debate propriamente dito. Não tenho a pretensão de poder ser fiel às possibilidades de reflexão que cada um deles nos apresenta. Assim sendo, procurarei me ater a alguns pontos comuns aos três.

Esses pontos talvez possam ser resumidos em uma consideração acerca da importância do histórico sobre o passe e a transferência e sobre o passe e o laço social.

Sobre este título "O Cartel do Passe, o Passador e a Escola", os três trabalhos nos falam sobre o dispositivo do passe. Antonio Quinet se propõe a trazer uma contribuição a partir de considerações do Cartel do Passe na EBP vistas no seu geral.

Nilda Deiró, numa escritura extremamente bem engendrada, falou de sua experiência tentando colocar em palavras o que é difícil de ser falado. E, finalmente, o trabalho de Marie-Jean nos trouxe uma contribuição muito importante sobre o passe na sua relação com o laço social. Penso que quando nós tivermos a oportunidade de ter esses trabalhos para serem lidos, poderemos fazer uma série de outras reflexões. A minha intenção, hoje, é apenas apontar para algumas possibilidades de debate.

Quanto ao histórico, os três trabalhos referem-se à experiência do passe, mas não do passe em si. Falam-nos de acertos, sucessos e também falências da experiência do passe. Gostaria de marcar quanto me parece importante ter presente a história, refletir sobre o que foi o passe até agora, se pensamos em colocá-lo, como Lacan o propõe, como algo de fundante na nossa Escola, na Escola que queremos.

Quanto ao passe e à transferência, considerando que o tema do nosso encontro aqui é, justamente, o saber lidar com a transferência, é nesse andaime fundamental da clínica psicanalítica – a transferência – que gostaria de centrar-me. Os três trabalhos apresentados remetem-nos a uma reflexão sobre o que vem a ser o destino da transferência no final de uma análise. Gostaria de propor que nos interrogássemos até onde a experiência do passe modificou as concepções clínicas, epistêmicas e políticas acerca da transferência. Sem dúvida, a nível clínico, o passe mostra-se estritamente solidário à concepção lacaniana de final de análise. Sabemos como Lacan define o final de análise, com uma fórmula muito precisa: é a passagem de analisante a analista.

Considerando-se este nível clínico, o passe está aí justamente para tornar verificável isto num final de análise. O dispositivo do passe, em termos institucionais, deve tornar possível e efetivo este testemunho, que cada um pode dar de seu particular franqueamento neste sentido e fazê-lo transmissível à comunidade.

Fica, então, aqui a sugestão para pensarmos qual o destino da transferência,

uma vez que a transferência que resta de uma operação analítica que chegou a seu termo, não implica nem na sua liquidação e nem numa volta ao ponto zero. Principalmente, o que podemos entender por transferência de trabalho depois do passe. Sim, isto parece importante no sentido de que o passador, sendo nomeado, vai estar ligado a um trabalho com a comunidade. Deve assumir as conseqüências do ato que o orienta na sua prática como psicanalista, sustentado por um desejo inédito. E será justamente só *a posteriori* que um AE poderá dar testemunho, transmitir e ensinar a psicanálise a partir de sua experiência. Assim, ao fazer-se responsável pelo progresso da transmissão da psicanálise, fica implicada ao AE uma nova responsabilidade. Não apenas subjetiva mas, também, na sua relação com a comunidade analítica, com a Escola, tal qual Lacan a propõe.

Um outro ponto que gostaria de sugerir para refletirmos é a relação do passe com o laço social, necessário à instituição. O passe só se faz possível quando há um laço social na comunidade. Como Antonio Quinet mostrou num trabalho publicado na Internet, há necessidade de cortesia e confraternidade na comunidade analítica. O discurso analítico é o laço social criado por uma análise. Primeiramente, é um laço entre duas pessoas, embora sejam quatro os termos do discurso. O grupo analítico, por sua vez, é um conjunto, uma massa, que vai da comunidade local à internacional.

A questão que fica para pensarmos é justamente esta à qual o discurso analítico leva o sujeito, instaura a necessidade da instituição analítica e, ao mesmo tempo, ameaça essa própria instituição. O analista ex-siste – como duas palavras – ao saber do Outro e ele sabe disso. É o que evidencia o discurso analítico quando no lugar do agente se coloca o objeto *a*, simbólico, que o analista encarna com o seu saber fazer. Esse saber impossível a que o analista, qual Sísifo moderno, deve tentar refazer, tem ainda uma outra peculiaridade que Marie-Jean frisou várias vezes: ele não pode ser produzido por um só, ele não pode ser produzido isoladamente. Por isso o analista se associa com aqueles que compartilham dessa mesma posição frente ao saber, desse saber impossível. É uma necessidade estrutural que determina implicações subjetivas para o analista.

Então, sugiro que pensemos o que é, o que vem a ser a instituição analítica para um analista. Em geral, como marca Colette Soler, a instituição protege e tampona a posição insustentável do analista. Por isso ele se aferra a ela. Às vezes, até mesmo à obscenidade dos efeitos de grupo. Ou seja, a proposta é que se repense essa afirmação: saber se a instituição mesma deve fazer semblante de um Outro que não existe. Penso que esta frase tem dado lugar a muito mal-entendido. E parece-me sumamente importante a observação de Marie-Jean mostrando-nos que o Outro existe. O que não existe é o Outro do Outro, que nos daria uma garantia total. Mas esse Outro a quem nos dirigimos depois do passe, com quem precisamos fazer uma aliança, esse Outro, nós temos alguma liberdade de escolha, de tal forma que quando percebemos que o Outro nos trai, nós podemos dizer não. Isso me parece muito importante, e talvez mereça uma reflexão. Enfim, são apenas alguns pontos para que possamos iniciar o debate.

**Jairo Gerbase** – Queria comentar o que Quinet disse: Apesar das falcatruas o

dispositivo do passe funciona. Estou de acordo com ele. Mas essa conclusão preocupou-me. Leva-me a pensar que supõe que não é necessário modificar nada no dispositivo. Queria lembrar-lhe que houve disfuncionamentos também nos dispositivos da Escola Freudiana de Paris (EFP), sob o zelo de Lacan.

Também queria dar uma palavra a Nilda Deiró a propósito deste enunciado que dá título ao seu trabalho, "O Passe é o Passador". Tivemos a oportunidade de discutir, mais cedo na Comissão Crítica do Passe, um pouco essa opinião, onde chegamos a dizer que há uma desproporção considerável entre o dispositivo analítico e o dispositivo do passe. Porque precisamos de duas pessoas para fazer funcionar o dispositivo analítico e precisamos, para fazer funcionar o dispositivo do passe, de onze pessoas! É uma desproporção considerável. Então, perguntei-me: se o seu passe é o passador, você poderia propor enxugar mais o dispositivo? Por exemplo, parece que na nossa experiência o passe é que foi o cartel do passe e não o passador. Você considera que o passador é que teve este relevo ou foi o cartel do passe que teve esse relevo?

Enfim, mais uma questão para Marie-Jean Sauret: ele disse-nos que a garantia que devemos esperar é garantia de nada. Também não irei ter a felicidade, em outro dia, de dizer que damos um certificado de dejeto. Fico pensando se a sociedade pode aceitar um certificado de dejeto, um corpo social. Mas ao mesmo tempo Marie-Jean diz a verificação pelo passe. Queria perguntar-lhe o que o passe verifica, e principalmente quem deve indicar o momento dessa verificação. Se o analista autoriza-se por si mesmo, pensei, tentando induzir um pouco sua resposta, na nossa futura escola vai acontecer um passe a cada cinco anos. Vai haver uma demanda a cada cinco anos, que a nossa escola não vai ter essa "sede" de passe.

E, finalmente, queria propor-lhe uma polêmica sobre o último ponto, se você não tomar esse termo – polêmica – como Michel Foucault, pois Foucault detesta polêmica. Creio que, em março de 76, num texto que se estabeleceu sob o título de Escroqueria Psicanalítica, Lacan disse "*il y a de l'un est il y a rien de l'autre*". E retomo isto, a bem da verdade, pois não sou delegado de um delegado.

**Fernando Grossi** – Quinet fala sobre o que houve no cartel do passe na EBP. Quando vejo o relato de Nilda falando dos passadores e dos passantes que entraram no dispositivo, que funcionou pelo cartel do passe, num nível superior foi uma zorra, e num nível que envolveu os passadores e os passantes vocês estão vendo relatos surpreendentes. Em cima, com êxtimo, com Miller, com confusão, foi um escândalo. Há que realmente recuperar essa experiência. Por isto eu gostei do trabalho de Nilda de colocar o passe e os passadores.

Mas queria retomar o debate. Desde as Lições de Lacan, no Rio de Janeiro, que aparecem – aqui, sobretudo com Quinet – questões a propósito do desejo do analista e do final de análise. Havia realmente, no Rio de Janeiro, pouca clareza para discernir o tema do desejo do analista e o final de análise, sendo que Quinet resgata indicações precisas no texto de Lacan concernentes ao desejo do analista e ao final de análise. É verdade que nós temos escutado que o passe na AMP pouco serviu

à questão do desejo do analista, centrou-se na questão do final de análise sem articular esses dois termos, que Lacan chega a marcar na Carta aos Italianos que é possível o final de análise sem a produção do desejo do analista. Eu estou introduzindo e retomando essa discussão porque tenho um pouco de preocupação de, ao não indexarmos o questão do desejo do analista à do final de análise, abrirmos um certo relativismo, o de encontrar o desejo do analista na experiência do passe sem maiores precisões, e, assim abrirmos possíveis desvios como na AMP, que – segundo comentários de alguns colegas –, ao privilegiar o final de análise na verificação da questão do passe dissociado do desejo do analista, trouxeram conseqüências.

A segunda questão é outro comentário: O passe de entrada na EBP se centrava na entrada em análise. Gostaria de retomar o debate sobre a questão do passe de entrada ser um empuxo ao *acting-out*, já que no texto de Quinet ele marcou muito bem a dimensão do ato analítico.

**Rainer Melo** – Sobre o disfuncionamento observado no Cartel do Passe, vejo de uma maneira um pouco diferente de Fernando, porque acho que os cartéis que se dissolveram para não atender a um pedido de nomeação, provaram que houve um funcionamento deles.

Vou propor uma questão para Marie-Jean e Antonio Quinet: como participantes do cartel do passe, gostaria que contassem essa questão que Fernando levantou e que eu retomo sob outro aspecto, o de que o cartel se dissolveu para não atender a um pedido de nomeação.

Outra questão que nós temos discutido e que voltou à mesa hoje: Marie-Jean vem de uma experiência na Escola onde a verificação era de final de análise e a de Quinet é de entrada na Escola. A partir daquele texto que nós tivemos a oportunidade de discutir, do discurso de Lacan à EFP, onde a proposta dele era a verificação da virada de analisante a analista, ou seja, a emergência do desejo do analista. Então, levanto a seguinte questão: se vocês vêem o perigo de um passe, onde se verifica o final de análise e não a comprovação da virada de analisante a analista, se não se corre o risco de repetir o que nós vimos na AMP. Se não seria importante a gente não se prender a um passe em que se verifique o final de análise e sim, como Lacan diz no discurso à EFP, que seja verificada a virada de analisante a analista e que o passe não seja nomeação para ingresso como membro da nossa escola.

**Dominique Fingermann** – Devo confessar que apesar do imenso respeito que tenho pelo trabalho dos colegas que estão produzindo sobre suas experiências de passe na entrada, tenho uma certa dificuldade de entender o que se verifica no passe sob transferência porque estou pondo o desejo de analista com a demanda do analisante. Portanto, verificar o desejo do analista é verificar o esvaziamento da demanda do analisante. Por isso, como verificar o desejo do analista, se ele é o esvaziamento da demanda do analisante, sem verificar ao mesmo tempo que a análise chegou à sua finalidade, ao seu fim?

**Antonio Quinet** – Lacan fez a proposição do passe para dar uma alternativa ao que havia na IPA em relação à garantia dos analistas por discordar que o próprio analista determine se o sujeito chegou ou não ao final de análise. Lacan tira o analista de cena indicando que este não tem condições estruturais de dizer se o analisante virou analista. Isso me parece essencial e abrir mão desse projeto lacaniano seria retroceder. A primeira operação de Lacan foi portanto tirar de cena o analista e colocar em cena o analisante para falar sobre o que o fez virar analista.

A segunda operação é tentar esvaziar a transferência dentro desse dispositivo onde a palavra é dada ao analisante e instaurar aí a estrutura do *Witz* com a figura do passador. É importante falarmos dos fundamentos deste dispositivo; eu só posso falar disto a partir do que foi a nossa experiência. Nela ouvimos dois passadores relatando o mesmo passe, acentuando pontos totalmente distintos, ou melhor, uns coincidiam e outros eram diferentes e esclarecedores. Aliás, o relato de um passador esclarecia o relato do outro. Há coisas que um passador não escuta e que o outro pode escutar. Talvez pela sua própria subjetividade, seus pontos cegos, ou pelo mal-entendido da comunicação. Há maior chance de que possa passar mais pontos quando há duas pessoas para escutar o passante, e que possam falar, pois pode haver embates entre passantes e passador, e aí não passa nada mesmo. Há casos também em que o passador bloqueia, seja devido a um problema transferencial ou mesmo político-institucional, fazendo com que um passe, e o outro não, o que o passante testemunha. A estrutura de dois passadores deve portanto ser conservada, para aumentar a chance de que não seja um fracasso.

# Clínica do passe I

# Passe sob transferência - "Rainha do Conga"

*Rainer Melo*

Há muitas coisas que se pode privilegiar na experiência do passante, assim como há muitos pontos que podem ser escolhidos para se fazer o relato desta experiência. Escolhi apresentar o meu "passe sob transferência", como atualmente preferimos chamar, o que antes era chamado de "passe de entrada" na EBP, no entanto não para me referir ao passe de entrada e nem ao passe de final de análise, mas dentro da perspectiva da experiência do passante com relação ao sujeito suposto saber.

Todo analisante em sua análise fala das histórias de sua família. E à medida que os anos passam na análise, verifica-se que se vão esgotando os romances familiares porque na relação com o analisante entra outro personagem, o analista, que de alguma forma entrou para sua família.

A analisante vem de experiência de vinte anos de análise que se deu com seis analistas. Parece-me que em uma história que envolve uma analisante com seis analistas, as histórias familiares vão se repetindo, esgotando. No passe falei um pouco de meus romances familiares, mas privilegiei falar da minha relação com o SsS e dos efeitos produzidos, ou seja, das interpretações e de seus efeitos.

O fim de uma análise é o fim de um amor, necessariamente este enunciado implica em concluir que o começo de uma análise é o começo de um amor de uma analisante com um analista. Então, queria tratar disto, do amor de uma analisante com um analista, de um amor ao saber. A analisante vai colocar o analista na transferência no lugar do Outro, que é o Ouro do endereçamento, o Outro do amor.

A relação com a família produz o sintoma neurótico e a relação com o analista o dissolve. É como reportar a um filme cuja história remete aos romances familiares, tendo por título:

"Rainha do Conga".

Uma criança nasce e a avó paterna se apossa dela. A criança passa a viver numa casa onde permanece uma divisão, uma parte da avó com a criança e a outra da mãe, irmãos, empregadas e a Bá. Esta personagem, que foi babá do pai, tios e dos irmãos, mas não sendo da criança, e de quem esta não podia aproximar-se por proibição da avó, pois lhe era recomendado que ela "pega preto". Certa vez, a criança lhe disse quando Bá quis pegá-la ao colo: "Não, Bá, não pode pegar-me, nem se aproximar, porque você vai pegar-me preto". Nunca mais Bá se aproximou da criança, dizia que ela era orgulhosa como sua avó. Isto lhe trazia muito sofrimento.

Certo dia a criança queria ficar com a mãe, os irmãos e os avós maternos. Estavam todos conversando alegremente, na outra parte da casa. A avó a impediu dizendo: "Não vá lá porque a família da Rainha do Conga está toda aí. Você vai pegar preto". A criança, com pena desta avó por ela ser rejeitada e odiada por todos, ficou com ela, mas uma angústia grande se apoderou dela. Ela cedeu de seu desejo. O enunciado que não foi falado, o indizível, pois ela queria ficar com a Rainha do Conga e toda a sua família. Não foi o outro, mas ela que não pode enunciar o seu desejo. A causa da neurose foi ceder de seu desejo.

Quando a avó se referia à sua mãe, a criança escutava assim: "Rainha do Conga". Fazia enigma. Soava estranho. Não entendia. Ela dizia que sua mãe era Rainha das "negraiadas". Dizia: " Não vá lá porque desceu do morro a 'negraida'. Estão todos com a Rainha do Conga. Se você for vai pegar preto". Por quê? A criança não via nenhum preto, negro, eram todos brancos, bonitos. Sua mãe era linda, clara, cabelos pretos e tinha um belo sorriso. Como poderia ser tudo aquilo que sua avó lhe atribuía? E por que não podia aproximar-se dela? Que mal poderia fazer-lhe? Era a Rainha do Conga que não a queria? Odiava-a como a sua avó?

Um dia sua mãe lhe disse: "Você se parece muito com a sua avó, tem o jeito dela. Fica difícil olhar para você sem me lembrar dela. Não posso nem me lembrar de que ela existiu".

A criança estava sempre entre as duas mães: a avó e a mãe. Entre os dois desejos e os dois gozos: a mãe e a avó. A avó, aquela que a colocava como objeto de seu desejo. As duas sempre lhe diziam: "Você não deve ficar com ela". A mãe que nunca a olhava, desviava o olhar para fora. O pai trazia um traço agalmático no seu olhar, um desejo que apontava para o lado de fora, olhar triste, distante, cheio de lágrimas. Ele estava sempre distante, ausente. O pai, o ausente, o que estava sempre fora, "aquele que vinha 'de fora', cujo nome era causa de respeito e admiração" por todos. O desejo de sua mãe: "que ela fosse como seu pai, tivesse um nome que causasse respeito e admiração".

A avó morreu quando a criança tinha nove anos, e do lugar privilegiado passou a ficar sem lugar naquela casa. Sua mãe tirou-a do quarto, deixou-a sem lugar naquela casa. O quarto foi ocupado por seus dois irmãos. O pai sempre ausente por causa do trabalho, mas mesmo quando vinha em casa ficava de fora, deixava que as coisas acontecessem, inclusive não tomava conhecimento de que, na sua ausência, a criança era colocada para fora de casa pelo irmão mais velho a pontapés. Ela ficava assustada na varanda à noite, com medo e chorando: "Onde estava minha mãe?" – perguntava-se. O seu olhar era vazio, apontava para o seu lugar: "o seu lugar é lá fora". A mãe ignorava este fato, ou fazia de conta que nada via, nunca se aproximou para abrir a porta e dizer o que a criança sempre esperou: "Entre! Você já pode entrar".

Seu pai não respondeu do lugar que precisava, na função paterna, dando-lhe um lugar naquela casa. Para ele foi mais fácil arrumar um "excelente Colégio Interno" para a "filha querida". Mais uma vez ficou de fora, lá fora com o seguinte dizer do pai: ' Arrumei um Colégio interno excelente, de congregação francesa para moças educadas e finas. Você vai gostar muito". Sua mãe: "Você deve procurar ser como seu pai, ter um nome causa de respeito e admiração. E o Colégio vai ser bom para isto. Você vai ver'".

## O retorno em análise do significante de alíngua

Tudo aconteceu por causa da "Rainha do Conga". A partir daí, todas as escolhas dos seus objetos de amor, causa de desejo e forma particular de gozo durante sua vida, foram feitas a partir desse significante, que retorna em análise e que era

falado, mas sempre sem sentido. "Sempre entre dois, aquele de que tem pena e aquele que deseja", sem saber qual escolha fazer e quando conseguia era por aquele de quem tinha pena.

Na conferência de Genebra Lacan diz que o significante de *alíngua* é uma palavra ouvida errado, um equívoco. Lacan disse que um analisante fala de sua família porque foram seus parentes próximos que lhe ensinaram alíngua. O significante de alíngua, ou seja, o assemântico nos termos de Freud, seria o recalcado originário. Já para Lacan, um S1 assemântico é uma espécie suposto último e como real sem nenhuma espécie de sentido.

## Sobre os analistas

Uma análise tem como finalidade esvaziar esta dimensão dramática da vida e é por isto que gostaria de deter-me, ou seja, privilegiar a relação que se passou com o personagem do analista que tem como função retificar justamente esses romances. A relação com o analista é distinta da relação com a mãe, com o pai, com a família. A relação com o analista retifica a relação com a família.

A primeira análise se deu aos 14 anos no Colégio interno de uma congregação francesa. Uma Irmã era analista e tinha uma sala para atendimento às internas. Esta Irmã (freira) era também professora de francês e de psicologia e falava muito em Freud. O Início se deu por causa de pesadelos que a analisante tinha e incomodava todo o dormitório, e também porque, apesar de tratar-se de uma aluna muito aplicada e estudiosa, ela era muito inibida e quase não participava das brincadeiras durante as recreações. Esta análise durou três anos. Nessa época a analisante era procurada pelos colegas, que marcavam hora para lhe fazer confidências. A agenda ficava cheia. Após muitos anos, ao encontrar com uma colega dos tempos de internato na sua cidade, esta lhe falou de sua profissão e dirigindo-se à analisante, disse: "Nem precisa falar da sua. Já até sei, deve ser psicóloga ou psicanalista. Lembra do colégio? Eu também era agendada para falar com você nos intervalos e recreios. Só podia dar isto".

A segunda análise foi indicada por um padre. A analisante estava com 20 anos. O motivo era porque sempre sofria muito para fazer escolhas, sempre dividida entre dois. A analisante escrevia os sonhos e a analista interpretava junto. A saída se deu de uma forma difícil. Houve uma discussão. Durou dois anos. Neste intervalo houve tentativas com dois profissionais, mas não foram adiante. Duraram pouco.

Terceira análise. A escolha foi por ele ser parecido com Freud e porque uma grande amiga fazia análise com ele já há 11 anos e falava sempre dele. No segundo dia foi para o divã. A saída se deu quando a analisante começou a faltar às sessões e falar em parar sua análise. Nesse momento o analista achou que a analisante não precisava mais da análise, que já sabia "lidar com seu sintoma". Foi desta forma que o analista interpretou. A análise durou cino anos. Foi a partir desta análise que a analisante resolveu fazer o curso de psicologia e estudar psicanálise.

Quarta análise. Vai porque muitas amigas vão e dizem estar gostando e

propõem que ela vá. Então, fica por um ano, apesar de não gostar desde o início, devido a sua linha de trabalho, mas por gostar muito dele sente ena de deixá-lo.

Quinta análise. Deixa a quarta análise e começa com um outro analista que já era conhecido há muito tempo, por sugestão de uma amiga, após a morte de sua irmã. Ele insiste dizendo que pode ajudá-la, mas como analista. Ela resiste porque gosta desse analista, mas não para uma análise. Esta análise permitiu que ela fizesse o luto dessa morte. Acaba ficando por mais de quatro anos. Novamente por gostar muito dele sente pena de deixá-lo, no entanto já procurou outros dois analistas, o sexto e um outro, sem saber qual escolha fazer.

Sexta análise. Já dura quase seis anos. O encontro com este analista se deu, em um primeiro momento, antes do pedido formal de análise. Quatro anos antes esse analista esteve por um ano na sua cidade dando seminários e seu nome era causa de "respeito e admiração", embora nunca tivesse participado desses seminários, ficava sempre desejando conhecer esse analista que vinha "de fora".

## A relação com o significante da transferência

Este encontro foi marcado por vários antecedentes, apesar de já estar presente o significante da transferência. Num segundo momento, numa atividade da Escola. Depois, através de uma carta onde faz uma demanda de amor. Nesta carta já vai o significante da transferência. Depois, enfim, apresenta-se diante do analista e numa entrevista de entrada para a escola, em que lhe é pedido que fale de seu percurso na psicanálise e o porquê da escolha da Escola de Lacan, o sujeito fala de sua divisão subjetiva e enuncia o seu sintoma. O analista pôde escutar e permitir que pela primeira vez fizesse sua escolha, pois está dividida entre dois analistas sem saber qual escolha fazer, um de quem tem pena e outro que deseja. Ele lhe pergunta: "Você está dividida entre mim e quem?". Sendo sua resposta a seguinte: "Entre você e Z". E ele lhe diz: "Então, peça uma entrevista com Z e faça sua escolha". E pela primeira vez pôde fazer sua escolha pelo objeto de seu desejo.

O significante da transferência é o que vem "de fora". O pai era o Outro que vinha "de fora", a demanda de amor dirigida ao pai, origem deste significante. E o significante qualquer é um nome causa de "respeito e admiração". O desejo da mãe dessa analisante é que ela tivesse um nome causa de "respeito e admiração", como o de seu pai. A analisante passou sempre a colocar-se "de fora", inclusive o nome da cidade que escolhe para morar tem esse significante.

A entrada em análise se deu através de um sonho. Estava a analisante com o analista. A analisante apresenta ao analista três cartões, sendo que lhe entrega um a um com o mesmo pedido: que ele assine para comprovar que é aceita por ele. Depois de todos assinados, ela diz ao analista que irá levá-los para reconhecer a firma, a fim de ter a garantia de ter sido aceita por ele.

O analista sempre deixa a analisante por último, na sala de espera, e esta foge, vai embora. Até que um dia, ao voltar para a próxima sessão, o analista lhe diz no final: "Você vai pagar a outra sessão em que me olhou e fugiu de mim". A analisante

nunca mais fugiu, pois se deu conta de que era um mecanismo de que sempre utilizava em determinados momentos de sua vida, em vez de enfrentá-los, de assumi-los.

Certo dia ao ser deixada por último, mais de duas horas se haviam passado e o analista, tendo atendido todos, a deixa na sala de espera, não aparece mais. A analisante angustiada vai para o lado de fora, fica lá chorando. Depois de mais uma hora surge o analista à porta e diz: "Entre! Agora você já pode entrar". Esta intervenção surtiu um efeito de interpretação e houve uma mudança na posição subjetiva do sujeito, que a partir daí passou a se implicar, a ficar dentro e deixando de ficar fora. Passa a assumir atividades como seminários na sua cidade e a lutar pelo que deseja.

Uma vez teve um sonho. Ainda era uma criança e estava numa casa com a Bá que no sonho era sua avó. Havia uma outra casa quase próxima. A analisante pede e chora para ir à outra casa, pois queria ver aquelas pessoas da família de sua mãe. Bá resiste em atender ao pedido da criança, no entanto acaba cedendo. Quando entra naquela casa fica feliz porque todas as pessoas estão conversando alegremente. Todos eram felizes e bonitos. De repente, Bá lhe diz: "Não se aproxime, senão vai pegar preto!" De repente, todos naquela casa se transformam e ficam pretos e estranhos. A criança começa a ver as peles muito pretas. Então, ao relatar o sonho ao analista, em vez de falar "Preta" ela diz: "Lepra". E percebe que todos da família estavam com lepra preta. E o analista interrompe falando: "Lepra / Preto/ Preto / Lepra". A retificação subjetiva é operada pela interpretação deste sonho, onde o significante "lepra" metaforiza o significante "preta", até, então, produtor de sintomas; a partir da retificação, a analisante está mais implicada em sua análise e muda o vetor de suas escolhas de objeto.

Até o seu nome parecia muitas vezes ouvir "Rainha" em vez de "Raininha", como era chamada, com exceção de seu pai. Seria ela uma Rainha? A "Rainha do Conga"? E o nome era um enigma para a analisante. Seu pai havia escolhido seu nome. Nunca sabia o que falar com as pessoas quando perguntavam: "Como se pronuncia seu nome? Como é seu nome?" Até que o analista diz: "Como seu pai a chamava?" Foi aí que pôde assumir o próprio nome. Lacan utiliza o significante "Rainha", no *Seminário 17*, para falar justamente da posição da histérica em sua recusa do corpo ao significante mestre. Ele diz que ela reina, e ele não governa.

## Momentos em que aparece a divisão

O primeiro momento se deu como foi relatado aqui, na primeira entrevista de entrada na Escola, quando a analisante ainda se encontrava em análise em sua cidade. Esse analista, por ocasião da morte da sua irmã que foi um tanto trágica, procurou-a e ofereceu-se para ser seu analista, dizendo que seria para ajudar. Por pena, ficou com ele por quatro anos e também por pena não tinha coragem de deixá-lo. Só depois de dois meses, já em análise com o atual analista, pôde contar-lhe o fato. Já tinha deixado a análise anterior, depois de muita angústia e dificuldade.

O segundo momento foi com a questão de estar entre dois estados, Minas/ Rio. Não conseguia decidir. Durou dois anos. Queria o Rio desde o início, por desejo e transferência de trabalho, mas tinha pena de rejeitar e abandonar o seu Estado:

Minas. Não sabia o que fazer. A situação remetia à sua divisão subjetiva, à sua forma particular de gozo, ao ponto real, ao furo no real. Foi uma angústia muito grande. Sempre procurando ficar numa situação onde pudesse ficar entre dois gozando, ou seja, gozando com o seu sintoma. Não conseguia fazer escolha e quando fazia era pelo objeto de que tinha pena e não pelo de seu desejo. Ao levar para sua análise essa questão, o analista corta a sessão dizendo: "Entre-dois". Ao ouvir "entre-dois" voltou a angústia. A analisante saiu tão desorientada e sentindo-se sem lugar que voltou, pedindo uma 4ª sessão. Foi aí, *a posteriori*, que pôde perceber a questão de "estar entre dois" sempre, gozando o tempo todo. A partir daí, resolveu: "Não quero mais ficar entre dois desta forma, gozando sem decidir, não quero mais ceder do meu desejo. Quero a partir de agora poder fazer a minha escolha para o objeto de meu desejo". Foi muito difícil, mas foi possível fazer a escolha pela via de seu desejo.

O terceiro momento foi com o pedido de autorização para coordenar um seminário em sua cidade. Novamente surge a questão: entre Minas e Rio. A Seção Rio autorizou mas enviou para a de Minas pedindo também autorização devido a analisante morar em Minas. Quatro meses se passaram e a resposta era sempre a mesma, remetendo-a à sua divisão: "Você é de Juiz de Fora, Minas, e está filiada ao Rio. Decidimos mandar para o presidente do conselho de Escola e ele não deu resposta". Ao tentar reivindicar junto à Seção Rio, recebeu de alguém a seguinte resposta: "Você tem de resolver este problema por aí. Aqui, no Rio, não dá para divulgar seu seminário pois você mora em Minas. 'Seu lugar é em Juiz de Fora'". O que pôde ser ouvido foi o seguinte: "Seu lugar é de fora". No início foi difícil, no entanto, já com o desejo decidido a analisante pôde resolver a questão de forma favorável, de acordo com sua escolha, pelas vias de seu desejo mais uma vez. Fez vários telefonemas e conseguiu solucionar a questão da divulgação do seu seminário que seria em Minas.

Depois, em um quarto momento, uma outra situação: as duas seções resolveram divulgar seu seminário, o entre-dois. Só que desta vez sua posição era outra, já com o conhecimento sobre o gozo do seu sintoma e sua forma particular de gozar, já conseguia lidar e decidir sem ficar naquele modo de gozar como antes. A sua análise teve uma torção, houve uma mudança na sua posição subjetiva.

## Conclusão

Resumindo: o título da fixação – "Rainha do Conga". Tudo aconteceu por causa da Rainha do Conga. O primeiro momento da divisão. A causa da neurose está sempre na linguagem. A linguagem é sempre um equívoco, um mal-entendido. O impossível de dizer, o indizível foi sobre sua escolha quando naquele momento em que era de seu desejo ficar com um objeto, ela cedeu de seu desejo por pena. O enunciado que não fez, o indizível: a analisante não conseguiu fazer sua escolha diante do outro, do qual ela tinha pena. Diante do eixo imaginário: a – a'. Não foi o outro que lhe impediu, foi ela que não pôde enunciar o seu desejo. Esse desejo que é um significante sem significado. Todas as escolhas durante sua vida foram feitas por causa da "Rainha do Conga". Eram buscados traços referentes a esse significante de *alíngua*. Os outros

significantes eram referidos a este. A causa da neurose, portanto, foi ceder de seu desejo. Parece que o enunciado do seu sintoma poderia ser o seguinte: "Por causa da Rainha do Conga". Tudo que aconteceu foi por causa deste significante de *alíngua.* As escolhas dos seus objetos de amor, causa de desejo e sua forma particular de gozo foram causadas a partir da Rainha do Conga. *Alíngua* quem lhe ensinou foi sua avó paterna.

**Referências Bibliográficas**

FREUD, Sigmund. Romances familiares (1909 [1908]). *Obras Completas.* Rio de Janeiro: Imago, v. IX, 1980.

LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 17 - O avesso da psicanálise (1969/70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

———. *O seminário*, livro 20 - Mais, ainda (1972/73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

———. *O seminário*, livro 23 - Sinthome (1975/76). Inédito.

———. *Conferência em Genebra* (1975). Inédito.

# Passe na AMP*

*Maria Anita Carneiro Ribeiro*

Ao receber o convite do Cartel do Fórum do Campo Lacaniano para falar de minha experiência no passe, questões se colocaram para mim: de que lugar falar, para quem e para quê?

Quando o sujeito se propõe a se submeter à experiência do passe, propõe-se a recriar o Outro que, através de sua própria travessia na análise, ele sabe que não existe. No passe o sujeito recria o Outro pela via da demanda do passe. Na medida em que este Outro é recriado pelo passante, é um Outro inconsistente, contingente, a serviço de um real em questão que é a relação do passante à causa analítica. É esse real que está no cerne da passagem do trabalho de transferência à transferência de trabalho, e que vai estar em jogo, de uma maneira particular para cada um, na demanda do passe.

O Outro a quem enderecei minha demanda de passe foi a AMP, e o outro que a escutou, aliás muito bem, e a acolheu como demanda legítima foi Jacques-Alain Miller, secretário perpétuo e ambulante do passe. Pedi o passe em novembro de 1997, em Buenos Aires, fiz o passe em janeiro de 1998 em Barcelona e quando recebi o resultado - em junho de 1998 - dois meses antes de me demitir da AMP, já não endereçava mais minha transferência de trabalho a esta comunidade analítica, e o que é mais grave, algumas circunstâncias faziam-me não dar mais nenhuma credibilidade a qualquer resposta que eu pudesse obter.

Não fui nomeada AE e o lugar do qual escolhi falar é o de alguém que atravessou o dispositivo e dele extraiu conseqüências. Para quem falar, a que Outro dirigir meu depoimento, responde-se por si mesmo, na medida em que aqui falo: à futura Escola. E aí está também para que falar: para que o testemunho das várias experiências possa se constituir na depositação de um saber que nos possa levar à construção de uma comunidade analítica de Escola verdadeiramente nova.

Disse no início que era o real da relação do passante com a causa analítica que estaria em jogo, para cada sujeito de uma maneira particular, na demanda de passe. No meu caso, decorreram dois anos entre o final de análise e o momento em que me decidi pelo passe, e quando o fiz fui movida pela clínica. Tendo no divã, sob transferência, sujeitos que atravessavam o final de seus processos analíticos, quis então, eu mesma, atravessar o dispositivo do passe.

Como disse, a minha não nomeação foi cercada de circunstâncias que puseram em questão a credibilidade que eu pudesse dar à resposta. Entre outras coisas, normalmente o cartel do passe se põe à disposição do passante não-nomeado para discutir com ele qualquer aspecto que tenha restado como questão. Esta oferta nem sequer me foi feita.

---

*Trabalho apresentado no Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro em 1999

No entanto, quando o passante recria o Outro pela demanda do passe, aguarda uma resposta desse Outro. Ora, no meu caso particular, esse Outro, a AMP, não é mais o lugar do endereçamento de qualquer demanda ou de qualquer aposta, ou seja, não é Outro: e a Escola por vir, ainda está por vir. Assim sendo, não vou dar testemunho de meu passe clínico, sobre o que considero o final de minha análise, até porque não está fechada para mim a possibilidade de me submeter de novo ao dispositivo no âmbito de uma nova Escola, quando os laços de transferência de trabalho e de confiança me permitirem receber uma resposta – sim ou não – como legítima.

Vou falar de um aspecto particular que surgiu como uma questão teórica e que toca em pontos sensíveis da elaboração sobre os finais de análise, e que resultou de minha própria experiência no dispositivo do passe. Fiz duas análises com um lapso de cerca de vinte anos entre a primeira e a segunda. Durante esses vinte anos casei, tive filhos, produzi, trabalhei, amei, escrevi, enfim, vivi, aparentemente sem sintomas. Retornei à análise quando uma irrupção do real pôs para mim em questão meu próprio estilo de vida.

Ao longo de minha segunda análise tive a possibilidade de pôr em xeque e deixar cair os ideais que me haviam sustentado por anos a fio, bem como ressignificar como sintomáticos traços que julgava inquestionáveis.

Foi assim que, ao longo das entrevistas com os passadores, pude rever num *a posteriori* esses dois momentos e concluir que, ao final da primeira análise, tinha havido uma pacificação dos sintomas com a fixação de traços de caráter que, por serem sintônicos ao eu e ao ideal do eu, não constituíram nunca uma fonte de sofrimento psíquico, e só puderam de fato ser abalados e caírem a partir da experiência que me levou à travessia da fantasia.

A mulher obsessiva – trata-se de uma caso de neurose obsessiva em mulher – encarna uma contradição que não raramente leva a quadros graves de depressão. Enquanto neurótica, ou seja, enquanto sujeito, é uma religiosa do significante, prende-se a ele com uma fidelidade que não encontramos na histeria. No entanto, a modalidade de "bancar o homem" na histeria é bem mais sólida do que na neurose obsessiva, uma vez que a histérica identifica-se ao homem pela via do desejo, enquanto que a obsessiva, segundo Lacan (*Seminário II*), identifica-se imaginariamente ao homem, afastando a questão do desejo que mantém como impossível. Não nos esqueçamos que o caso descrito por Joan Rivière sobre a mascarada feminina é um caso de neurose obsessiva em uma mulher. A fragilidade dessa identificação faz com que, por um lado, a mulher obsessiva se aferre a seus parceiros com a obstinação da dama da poltrona, a que Freud se refere na Conferência 17 (*Sobre o sentido do sintoma*), e, por outro lado, possa ser lançada no desamparo mais profundo da dor de existir, pois, diferentemente do homem obsessivo, não conta com um suporte imaginário nela própria que lhe dê sustentação fálica. Mantém-se pois na posição de escrava, à mercê do outro, ao qual se cola imaginariamente para sobreviver. Assim sendo, enquanto não-toda, também a mulher obsessiva não encontra refúgio no significante para dar conta de seu ser de mulher, o que a mantém na posição dúbia de crença no significante (enquanto obsessiva) e não-crença (enquanto mulher).

A análise reabre a questão histérica "O que é uma mulher", que subjaz à questão da morte veiculada pelo dialeto obsessivo, pondo em xeque as identificações fálicas, o que torna a condução da análise de uma mulher obsessiva numa questão delicada, uma vez que, mais do que a histérica, a obsessiva sabe que um dos nomes d'A Mulher, que não existe, é a Morte.

Em Análise Terminável e Interminável (1937), Freud diz que a conclusão de uma análise é um assunto prático, e acrescenta: "Todo analista experimentado poderá recordar uma série de casos em que se despediu do paciente para sempre *rebus bene gestis* (porque as coisas andavam bem)". O próprio Lacan, nas conferências americanas, diz que não devemos levar uma análise longe demais. Curiosamente, imediatamente após haver feito o seu comentário prático, Freud se refere à *análise do caráter* dizendo que "Aqui não se poderá prever facilmente um término natural, por mais que se evite expectativas exageradas e não peça da análise tarefas extremas".

Mas afinal, o que é o caráter para Freud e em que o estudo do caráter pode contribuir para repensarmos as questões do final de análise?

Em 1908, em Caráter e Erotismo Anal, Freud diz que "os traços de caráter que permanecem são continuações inalteradas das pulsões originárias, sublimações delas ou então formações reativas", definindo assim o traço de caráter como traço significante, um destino da pulsão. Em A Disposição para a Neurose Obsessiva, (1913), distingue o caráter da neurose dizendo que "enquanto que na neurose há conflito no caráter falta o fracasso da repressão e o retorno do reprimido". "Por isto", acrescenta, "tais processos da formação do caráter são menos transparentes e mais inacessíveis à análise do que os processos neuróticos."

Tais observações se coadunam com o que ele próprio diz em Análise Terminável e Interminável (1937) porém em 1915, no texto sobre a Repressão, parece desmentir estas observações. Freud distingue então as formações substitutivas, do sintoma. Diz claramente, tomando o exemplo da neurose obsessiva, que o escrúpulo não é um sintoma, mas uma formação reativa, conseqüência do recalque, como o sintoma, mas distinta deste. Diz que neste destino dado à pulsão, a defesa do sujeito contra a representação intolerável e recalcada é mais frágil, o que torna a neurose obsessiva uma luta estéril e incessante.

Em 1923, em O Eu e o Isso, Freud coloca o traço de caráter no âmbito da identificação e aproxima esta modalidade de identificação àquela que encontramos na melancolia. Diante do objeto sexual que deve ser abandonado "porque parece que deve sê-lo ou porque não há outro remédio", sobrevém uma alteração que deve ser descrita como a "ereção do objeto no eu". Diz então que: "o caráter do eu é uma sedimentação dos investimentos de objetos abandonados, contém a história dessas eleições de objetos", ou seja, tal como o sintoma, condensa uma história de amor, mas, diferentemente deste, não faz sofrer.

Ao contrário da melancolia onde a identificação é com a posição de objeto, enquanto objeto perdido, no caráter a "ereção do objeto" falicizado permite ao eu negociar com o isso e oferecer-se ao isso como substituto do objeto perdido: "Olha, podes amar também a mim; sou tão parecido com o objeto...".

No adendo intitulado "Resistência e contra-investimento" de Inibição, Sintoma e Angústia (1926), Freud amarra cuidadosamente o caráter a um tipo específico de formação reativa, comparando a neurose obsessiva à histeria. Na neurose obsessiva, a resistência frente à representação recalcada se manifesta sob a forma de um contra-investimento: "Se manifesta como alteração do eu, como formação reativa no interior do eu, por reforço da atitude oposta à orientação pulsional que deve ser reprimida (compaixão, escrupulosidade da consciência moral, limpeza)". E acrescenta significativamente: "Estas formações reativas de neurose obsessiva são, por inteiro, exageros de traços de caráter normais, desenvolvidos ao longo do período de latência".

Ao distinguir a formação reativa na histeria e na neurose obsessiva, diz que na histeria "tais formações reativas não mostram a natureza geral de traços de caráter mas se limitam a relações muito especiais". Dá o exemplo de uma mulher histérica que trata com excessiva ternura o filho, que no fundo odeia, e acrescenta que isto não faz com que ela seja no conjunto mais amorosa ou mais terna com outras crianças. Já na neurose obsessiva o característico "é justamente esta generalização, o afrouxamento dos vínculos de objeto, a facilidade para o deslocamento na eleição de objeto". Ou seja, o que pode ser resumido num chiste dos *Peanuts* (história em quadrinhos americana): Eu amo a humanidade; são as pessoas que eu odeio!

Na 32ª Conferência: "Angústia e vida pulsional" (1933) distingue com muita clareza a formação do sintoma da formação reativa, que define como "um complemento que nunca falta na formação do caráter". Na formação do sintoma o contra-investimento se conjuga em oposição com a energia da moção pulsional reprimida, enquanto que na formação reativa o contra-investimento é acolhido no interior do eu, "como reforço de determinadas disposições, *como alteração permanente*" (o grifo é meu). Freud vai dizer ainda que "o fragmento mais importante e mais decisivo" para a formação do caráter é "a incorporação da anterior instância parental na qualidade de supereu".

RECALQUE

| Sintoma | Caráter |
|---|---|
| - formação do inconsciente - s(A) | - formação reativa |
| - traço significante | - traço significante |
| - há gozo no sintoma - S | - há gozo no traço de caráter |
| (letra que fixa o gozo) | ("ganho de prazer") Freud, 1916 |
| - o incurável do sintoma S | - alteração permanente do caráter |

A partir da experiência do passe, em que pude rever dois momentos de finais de análise, surgiu-me a questão: como verificar a diferença entre a identificação

ao sintoma no final da análise e a fixação de um traço de caráter?

Em seu artigo " S (X)", Jacques-Alain Miller diz que:

"O sintoma como interpretável, supondo que haja desaparecido, deixa um núcleo não elaborável. A este núcleo podemos chamá-lo incurável. Então, o que resta senão assumi-lo? Não somente assunção da castração mas também assunção do sintoma. Joga-se nisto, sem dúvida com um certo impudor, um **Sou como sou"**. Esta frase, Miller voltou a citar, atribuindo-a Prévert, na Assembléia Geral da AMP, em Barcelona, julho de 1998.

Poderia dizê-la numa versão feminina: "Eu nasci assim, eu cresci assim, eu sou mesmo assim...". Diria mesmo que foi assim que saí de minha primeira análise, em que já havia me autorizado analista, e assim vivi muito bem e tranqüila por cerca de vinte anos. É isto o suficiente para um analista?

O critério da assunção da castração não parece nem remotamente suficiente uma vez que, como nos diz Lacan, "a recusa da castração, se há algo que com ela se pareça, é, antes de mais nada, uma recusa da castração do Outro" (p. 638). Na verdade, Lacan acrescenta em outro momento que é aí mesmo que alguns analistas se enganam pois "essa castração, contrariando essa aparência, é algo a que ele [o neurótico] se apega" (p. 841). Em outras palavras, a castração já está assumida de saída pelo neurótico.

Assim sendo, a questão não se resolve assumindo o sintoma como se assume a castração pois não é disto que se trata. Trata-se a meu ver de balizar com precisão o que podemos compreender como identificação ao sintoma no final de análise e distingui-la claramente da fixação de traços de caráter, principalmente nos finais de análise em casos de neurose obsessiva. Se o traço de caráter é um traço que fixa o gozo e além disto, como nos diz Freud, no caráter não se observa o retorno do recalcado, do que posso dar testemunho sobre os anos que vivi sem conflitos que merecessem de fato este nome, após minha primeira análise, é importante sustentarmos esta questão a fim de que não venhamos a ter uma hoste de analistas obsessivos, docentes aferrados a suas formações reativas e encastelados nos seus traços de caráter a repetir sem pudor: "Sou como sou".

Pois para conduzir a análise de um obsessivo, nos diz Lacan:

> "Não é preciso apenas o traçado de um labirinto reconstruído, nem tampouco um lote de mapas já desenhados. É preciso, antes de mais nada, possuir a combinatória geral que lhes rege a variedade, sem dúvida, mas que, de maneira ainda mais sutil, nos dá conta dos *trompe-l'oeil*, ou melhor, das mudanças de vista do labirinto. Pois não faltam nem uns nem outros nessa neurose obsessiva, arquitetura de contrastes ainda não muito acentuados, e que não basta atribuir a formas de fachada. No meio de tantas atitudes sedutoras, insurretas e impassíveis, deve-se captar as angústias ligadas aos desempenhos, os ressentimentos que não impedem as generosidades [...], as inconstâncias mentais que sustentam fidelidades inquebrantáveis tudo isso se movimenta solidamente numa análise não sem

afrontas pontuais. O grande comboio prossegue no entanto."

Lacan aponta com precisão os *trompe-l'oeuil*, as mudanças à vista do labirinto que podem tão bem enganar o analista, pois a neurose obsessiva, "arquitetura de contrastes", está longe de ser um monolito de fachada. A sedução e mesmo a insurreição que de hábito atribuem-se à histeria, aí convivem com a atitude impassível, e a angústia, o ressentimento, a dúvida e a dívida podem conviver bem com a generosidade e a fidelidade inquebrantável.

A segunda análise, tendo me conduzido ao atravessamento da fantasia, levou-me bem além do "sou como sou". Ou mais precisamente a um "eu não sou", na verificação de que nenhum objeto e nenhuma substância designa o meu ser. Eu sou enquanto efeito da linguagem, efeito do significante pois disto não posso me curar: continuo falando, tendo um inconsciente, sonhando, cometendo lapsos e é neste ponto que, como sujeito, sustento o incurável do sintoma - efeito de linguagem.

A este incurável que a análise me conduziu: para além do **eu falo**, com toda a ambigüidade que designa a posição fálica do obsessivo, eu sou falada pela linguagem que habito e na qual nenhum significante dá conta de meu ser, assim como não o faz nenhum objeto - nem mesmo o silêncio de uma voz afônica e estrangeira.

Foi deste ponto irredutível que durante as entrevistas com os passadores pude retornar aos dois momentos de final de análise chegando à constatação, divertida inclusive, de que mesmo os traços que durante toda uma existência eram tão meus que eu nem sequer os levara para serem questionados em análise, haviam desaparecido, ou perdido de tal forma a importância que para mim nada mais significavam. Alguns desses traços podem ser até bem confortáveis, como a generosidade, a fidelidade inquebrantável, como aponta Lacan, e eventualmente posso, porque me agrada, fazer uso deles mas não mais porque "eu sou assim"... Estrangeira de si mesma, o sujeito no incurável de sua divisão subjetiva. Parafraseando Lacan, diria que o sujeito se deixa escrever pela vida com ares de ser sujeito.

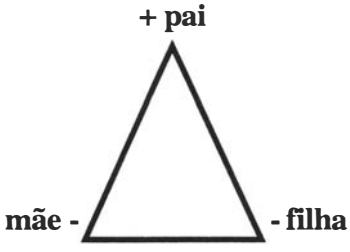
É então, a partir desta verificação, que a experiência do passe me proporcionou repensar a identificação ao sintoma como critério de final de análise, trazendo este depoimento como uma contribuição à discussão.

# A-Mor (te) pelo pai ao a–mor de transferência

*Nilda Deiró*

O sintoma é concebido por Freud como *substituto de uma satisfação pulsional* (1926), e por Lacan como a cristalização das primeiras palavras ouvidas que constituem o equívoco (1975).

O equívoco do sujeito passante, que será objeto deste trabalho, foi acreditar que dois fazem *Um* pela vertente do amor – *unien-*. Ele não sabia que o semblante fálico o impedia de apreender que no amor há o tédio – *ennui.*[1] Assim é firmado um pacto de fidelidade ao pai, que se constitui como uma armadura, conjugando amor e desejo: deseja ser desejada como única pelo pai, cuja conseqüência é o surgimento da fenomenologia de rivalidade entre duas mulheres, identificadas por um antecedente lógico – *Penisneid*. Elas colocam em movimento um circuito de insatisfação entre três personagens, porque não podem usufruir de um gozo de que estão privadas e que ele tem em excesso: [2]




Esta insatisfação estrutural, determinada pela V*ersagung*, é tamponada pelo amor. Manifesta-se, porém, quando o falasser é privado da posse da sombrinha com cabo de *madrepérola*,[3] pela intervenção da demanda do Outro. A perda desse objeto ressignifica a cena do nascimento, em que os ditos do Outro têm valor oracular: *doutor, minha mulher é uma pérola rara, salve a mãe.* Perder esse objeto é equivalente ao desamparo da *princesa russa*, que come resto de lixo após a morte do pai.[4]

Instaura-se no falasser tanto a busca do objeto como o caráter mimético da rivalidade, pela reunião das pulsões parciais cujo efeito é a identificação ao objeto amado. A reunião dessas pulsões funda o desejo de expulsar e instaura a dialética: *jamais me olhas lá de onde te vejo;* e, inversamente, *o que se olha não é o que se quer ver.*[5]

A omissão do pai na cena da sombrinha é subjetivada como impotência de ver que sua *única filha* foi privada do objeto que desejava. Desde então, *nada* satisfaz o seu desejo.

*Filha única* é o significante que marca a passagem da posição de objeto do Outro para a de sujeito desejante:

$$\not{S} \longrightarrow S_1 \quad \text{(filha única)}$$

A sintomatologia que faz a relação sexual existir surge quando o falasser é subtraído da convivência familiar para o internato, deixando a mãe como *única* e a

*filha única* como um *resto de lixo, prisioneira* no internato e rejeitando a alimentação (*náuseas*). Esse abandono evidencia o impossível a dizer na cena da sombrinha:

$$\frac{\text{O pai é meu}}{\text{Homem}}$$

A eleição de objeto amoroso remete ao desejo da mãe (DM), em que o *falo* é representado por seu equivalente simbólico – *valor monetário.* Desencadeia-se uma *hostilidade*, compensada por *gastos desmedidos*, para subtrair do Outro aquilo suposto desejar, porém com um endereçamento ao pai. A sua omissão provoca nova modalidade de atitude: recusa o seu dinheiro, *porque não é isso.*[6]

Pai, sintoma pai, metaforizado pelo significante *madrepérola* – tecido para fazer suplência ao gozo do Outro sexo, pois A mulher não existe – *não cessa de demandar o dom do amor* e elege como texto do gozo *não é isso,* para *cair como resto.* O falasser reedita na vida amorosa esse traço da *devastação* – uma hostilidade por *nada*, que surge do *nada* e que determina duas separações.

O sujeito passante se implica diante de um encontro com o real: *morte do parceiro.* Trata-se de um momento singular, em que o falasser deseja manter a parceria. Não se trata, pois, de uma impotência do falasser, mas de uma impossibilidade lógica em que a *hostilidade* é deflagrada e endereçada ao Outro, dito materno. Este mal-estar determina uma terceira demanda de análise, comandada pelo significante *insubstituível*, [7] pois o então analista se ausentara. *Insubstituível* se articula a *não te aceito* e há uma *transferência da hostilidade*, idêntica a uma transferência bancária, para o *objeto agalmático.*

A relação transferencial atualiza a relação de objeto da *neurose infantil* – esse objeto morto no desejo do Outro, que busca um lugar para se alojar. Os ditos do Outro são metaforizados pelo significante *madrepérola*, pois o cabo da sombrinha é de algo semelhante a acrílico. *Insubstituível* é um significante da enunciação referido a *madrepérola,* essa *mulher insubstituível* ao preço da *morte ao filho*, daí a conexão com *não te aceito.*

A – Mor (te) pelo pai ao a-mor de transferência – a trajetória de uma experiência subjetiva em que ocorre uma *diz-solução:* a simbolização de um gozo mortífero, que *real-iza* as operações de troca na economia desse sujeito passante, que desliza na busca do objeto amoroso para depois descartá - lo, pois no seu horizonte está A- Mor (te) pelo pai. Este sujeito pode, finalmente, trocar o A- Mor (te) pelo a-mor e se confrontar com momentos de incerteza, sustentado pelo *nada,* que é a sua própria condição de *ser*. Essa metamorfose na economia é interpretada pelo inconsciente, através do sonho em que os parceiros aparecem como imagens virtuais, o pai tem aparência de imagem real, mas também é uma imagem virtual; o analista é a imagem real. O falasser puxa, uma-a-uma, as imagens virtuais. A cada aproximação e comparação com a imagem real, há queda da imagem virtual. Finalmente cai a imagem real. O falasser pode entender que o verdadeiro parceiro é o *Sintoma Pai* e isto o liberta do parasita linguajeiro – *resto de lixo* – que é a própria libertação do pacto de amor: *tu es / tuer* .[8]

Os significantes da articulação transferencial, enquanto significantes da enunciação, referem-se a momentos existenciais, como encontros com o real.[9] Desses encontros, é possível apenas apreender seus efeitos:

- cair como resto no desejo do Outro;
- cair como resto da fantasia masculina;
- cair como resto de uma operação subjetiva;
- cair como dedicatória de um livro.

Essas quedas sucessivas constituem o fundamento de um circuito pulsional, que vai buscar sua satisfação em *se deixar cair*, na acepção mais ampla do termo: *passagem ao ato* e o *ato de parir.*[10]

O a-mor de transferência, amor ao saber, permite o *nascimento* de um saber, advindo do *não-saber* cuja lógica pode ser articulada aos pressupostos de Freud e de Lacan: *satisfazer uma pulsão é dizê-la*. O próprio inconsciente *se diz* através de um sonho em que o falasser comete um assassinato e se sente *livre* ao ser preso. Ele se sente feliz porque tem duas carteiras de cigarro. O sujeito passante entende que há mudanças no alvo da pulsão, ao mesmo tempo em que se torna um *rebotalho* para a sociedade – *drop-out*.

O significante *livre* emerge para representar a disjunção de um **a-mor**, do qual **rest-*a como semblante***.

**Referências Bibliográficas**


[1] LACAN, J. *Televisão* (1974), versão brasileira de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 46.

[2] GERBASE, J. *Sintoma e tempo*, 1999, inédito.

[3] LACAN, J. " ...signo para marcar sua associação com o significante. Mas o significante dele difere pelo fato de sua bateria já se dar n'alíngua"..."essas cadeias não são de sentido mas de gozo...". *Op.cit.*, p.23 e 25.

[4] Reportagem da revista *O Cruzeiro*, em que alguém dizia ser a Princesa Anastácia.

[5] LACAN, J. *O seminário,* livro XI – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973, p. 90-102.

[6] _____. *O seminário*, livro 20 - Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.170-171.

[7] _____. *Insubstituível*, significante da transferência, portador de uma "excitação maníaca por meio da qual esse retorno se torna mortal". Televisão, *op.cit.*, p.44.

[8] _____. *Idem.* Notas de tradução, parte VI, n.2, p. 88.

[9] _____. *L'Étourdit*, 1971, inédito.

[10] MAGALHÃES, S. *Léxico psicanalítico - Psicanálise, Passagem ao ato*, 1999, texto inédito.

# A marca do analista*

*Maria Anita Carneiro Ribeiro*

Lacan, na Carta aos Italianos, diz o seguinte: "Não há analista senão quando esse desejo lhe vem, ou seja, que já por isso ele seja o dejeto da dita humanidade. Eu já disse: aí está a condição pela qual, por algum lado de suas aventuras, o analista deve levar a cabo".

A partir dos depoimentos apresentados no Fórum e do depoimento que eu própria apresentei no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e Juiz de Fora, gostaria de retornar a essa questão da marca do analista e articulá-la à emergência do desejo do analista. Os dois casos clínicos que foram apresentados, o da Elisabeth[1] e o da Rainer, têm em comum o fato de serem casos de histeria, e mais, de apresentar um momento de virada a partir da intervenção de um ato analítico que faz emergir o desejo do analista. Foi assim que escutei os dois depoimentos.

Nos dois casos, o ato analítico incide sobre um significante que aponta para atopia do sujeito do inconsciente, *na soleira* e *de fora*. Nos casos relatados esses significantes se encadeavam com a posição de exceção sempre presente na histeria. Porém, a minha questão é se esses significantes não apontam, também, para além da histeria, para a marca do rebotalho, que é a marca do analista. Essa é a minha pergunta. Chamou-me a atenção, bateu forte, *na soleira, de fora*; disse, é muita insistência. Tomo como contraponto o caso que apresentei, que é um caso de neurose obsessiva, no qual a exceção se torna excesso, *de mais* nos dois sentidos: no excesso de narcisismo e no excesso da sobra do resto. A exceção histérica tem também o seu lado claramente narcísico, que se manifesta no fato de que todas são rainhas: Raininha, Rainha Elisabeth.

A marca do resto, da sobra, do rebotalho, já estaria apontada de saída na ambigüidade presente do significante qualquer que determinou a escolha do analista. No primeiro caso, a pele branquinha de porcelana, à primeira vista designaria o lugar de Outra mulher, tal como a senhora K, cuja brancura fascinava Dora. A Outra mulher referida no caso, seria uma tia que ocupava na fantasia o lugar da mulher que tinha um saber sobre o sexo. Porém, era também o rebotalho da família, aquela cujo nome só se pronunciava às escondidas.

No segundo caso, a escolha do analista aparentemente se dá a partir de um nome que desperta respeito e admiração, um ideal paterno veiculado pela palavra da mãe. No entanto, é também o analista que vem *de fora*, designando que esse analista não faz parte do conjunto dos outros cinco analistas anteriores, é o um a mais, *de fora*. *Estrangeiro* é o significante que designa a escolha do analista no caso que uso para fazer contraponto, o caso de neurose obsessiva. A voz *estrangeira* que aparece no sonho de entrada em análise apontava para um significante qualquer que

* Intervenção no Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro em 23/09/99.

[1]. Ver neste número, "A experiência do passe na EBP" e Passe sob transferência - "Rainha do Conga"

havia determinado a escolha de dois analistas, com distância de 20 anos entre as duas análises, um forte sotaque. Nos dois casos de histeria, a virada que aponta para a emergência do desejo do analista se dá a partir de um ato que aparentemente vai na direção oposta à vacilação calculada da neutralidade, recomendada por Lacan em "Subversão do sujeito...", pois são atos que ratificam a exclusão do sujeito. Num dos casos, o analista mantém o sujeito *na soleira* e não o recebe: no outro, o analista deixa o sujeito esperando por horas, enquanto recebe outros pacientes, até fazê-lo entrar dizendo: "Agora você pode entrar", o que para o sujeito marcou um momento de escansão. Ela pode entrar quando está de fato *de fora* e não mais prisioneira da incondicional demanda de amor ao grande Outro.

No caso de neurose obsessiva, é uma interpretação que faz ato, na escansão de uma palavra que designava um sintoma do sujeito, a perambulação compulsiva. Ao escandir a palavra *Père – ambular*, o analista faz emergir a palavra estrangeira *Père*, na qual estava presa a demanda de amor ao pai, sempre morto na neurose obsessiva, mas compulsivamente buscado pelas ruas das cidades. O perambular devolvido para o sujeito de forma interrogativa opera entre o enigma e a citação, separando a enunciação do enunciado e abrindo a dimensão de semblante do Nome do Pai. Do pai ao *Père*, do pai ao pior, do pai ao estranho íntimo. O ato sintomático, a perambulação, revela a sua face defensiva, defesa contra o verdadeiro ato, aquele no qual o sujeito é abolido e ultrapassado.

Nesse caso, eu diria que o desejo do analista de alguma forma já havia surgido, na primeira análise, numa escolha decidida pela Psicanálise que nunca se confundiu com o desejo de apenas ser analista. A escansão do significante *Père – ambular* marcou no entanto uma virada na clínica desse sujeito obsessivo, precavido e cuidadoso, fazendo emergir o ato analítico com todo o escândalo que esse produz.

*Na soleira, de fora* e *estrangeiro*... Significantes que ao se esvaziarem do sentido que lhes dava consistência na cadeia a neurose de cada sujeito – surgem – isso é minha hipótese – como $S_1$s absolutos que designam a meu ver não apenas a atopia do sujeito, que não tem lugar nos significantes que o representam para outros significantes. Caso a minha hipótese se sustente, diria que esses significantes apontam para o lugar vazio a partir do qual o sujeito pode se oferecer como objeto e ser agido pelo ato na condução de uma análise para outro sujeito. Posição paradoxal e impossível de sustentar a menos que já se tenha franqueado alguns limites da estrutura. Eu quis trazer essas observações, porque me parece importante tentarmos extrair uma clínica a partir dos depoimentos do passe e também porque foram questões que me fizeram avançar nas minhas reflexões sobre a Psicanálise, ou seja, a partir dos depoimentos, houve uma transmissão que se depositou nos pontos que pude trazer para essa discussão.

# Clínica do passe II

# Passe ao desejo do analista

*Sônia Campos Magalhães*

## Passe

Ao acrescentar ao primeiro dispositivo psicanalítico – o de Freud, que é a análise – o seu dispositivo, Lacan dizia esperar que com o passe – por ele proposto como um convite a elucidar a emergência de um desejo inédito, o desejo do analista – algo novo pudesse ser trazido à teoria psicanalítica e isto porque, com o passe, a questão "*O que é um analista*?" é levantada e trazida para o campo de estudos e pesquisas em psicanálise

Sabemos quanto Lacan divergia da posição vigente no meio psicanalítico de seu tempo a respeito da análise didática. Em 21 de junho de 1964, no ato de fundação da Escola Francesa de Psicanálise, aliás Escola Freudiana de Paris (pois foi assim que ela foi registrada), Lacan vai se situar em relação a esta questão dizendo:

"Uma psicanálise se constitui como didática pelo querer do sujeito e este deve ser advertido de que a análise questionará este querer na medida em que se aproxime do desejo que guarda em segredo".

É com esta frase de Lacan que me proponho introduzir algumas considerações relativas à minha experiência na Secretaria da Entrada pelo Passe na EBP, durante dois anos, no período inicial da implantação desse dispositivo na Escola Brasileira de Psicanálise.

## Entrada pelo passe

No documento "O Procedimento da Entrada pelo Passe na EBP" podemos encontrar no item 1, que diz respeito à Solicitação, o seguinte: Um pedido é dirigido à Secretaria da Entrada pelo passe que, após duas entrevistas, decide sobre a realização do passe. Desse mesmo documento, em A Secretaria da Entrada pelo Passe, tomo os seguintes itens:

- A entrada pelo passe na EBP é oferecida a todos que se interessarem pelo procedimento.
- O candidato deverá solicitar sua entrada pelo passe na EBP por escrito, com nome completo e endereço para correspondência.
- Após o registro do pedido, a Secretaria designará dois entrevistadores e comunicará seus nomes por escrito ao candidato, que terá cento e vinte dias para que as entrevistas sejam realizadas.
- A segunda entrevista será sempre com um dos coordenadores da Secretaria, o qual informará ao candidato a possibilidade da continuidade do procedimento.

Podemos ver, aí, que é função da Secretaria de Entrada pelo Passe na EPB decidir se aquele que dirige o seu pedido à Escola deve, ou não, dar continuidade ao procedimento que na Secretaria é iniciado.

Creio que podemos encontrar nesse documento – "O procedimento da Entrada pelo Passe na EBP" – elementos que evidenciam a importância da Secretaria de Entrada pelo Passe no dispositivo. Se nos remetermos à frase de Lacan que trouxemos no início deste trabalho, podemos perceber que é atribuição do Secretário de Entrada pelo Passe na EBP questionar, em apenas uma, ou no máximo duas entrevistas, isto que Lacan propôs em 21 de junho de 1964, no seu documento da Ata de Fundação, antes referido.

Desde a implantação do dispositivo de Entrada pelo Passe na EBP indaguei-me a respeito dos fundamentos norteadores da decisão de seus entrevistadores quanto ao prosseguimento, ou não, do dispositivo. Ao estar aí, no exercício desta função, eu apostava no que Lacan esperara quando da sua Proposição do Passe à Escola: eu esperava que algo novo pudesse ser trazido à Psicanálise.

## Candidatura e análise didática

Na Nota anexa à Ata de Fundação, acima citada, Lacan vai afirmar que "uma coisa é a candidatura a uma Escola, outra coisa a qualificação de uma psicanálise didática".

Este é um ponto importante em relação ao que queremos trazer aqui, porque, na minha experiência na Secretaria da entrada pelo passe, pude constatar que as solicitações, tanto escritas quanto ditas dos candidatos a passantes, traziam elementos nos quais se evidenciava a necessidade de se buscar um rigor conceitual para trabalhar as questões que surgiam. Uma delas – a questão da demanda no dispositivo do passe.

Ao longo das entrevistas realizadas, constatei que a demanda que mais se apresentava era a que aparecia como desejo de pertencer à Escola, o que me levou a perguntar: Podemos considerar como um conceito o "*Desejo de pertencer à Escola*", resumido no sintagma *Desejo de Escola?* De que demanda se trata quando se demanda pertencer à Escola? Não poderíamos dizer que, como toda demanda, é demanda de outra coisa e se regula pelo princípio *Demando que me recuses o que te demando porque não é isto?*

Ao afirmar que "uma coisa é a candidatura à Escola e outra coisa é a qualificação da análise didática", Lacan nos convida a distinguir uma coisa da outra. Ele considerava ser difícil distinguir princípios ou critérios de seleção que permitissem qualificar uma psicanálise como didática. O único princípio, para ele, admissível, é o que é trazido no início deste texto, aquele que diz que "a psicanálise se constitui como didática pelo querer do sujeito" e que "a análise questionará este querer na medida em se aproxime do desejo que guarda em segredo".

Para Lacan, a candidatura à Escola exigia uma seleção fundamentada no objetivo de trabalho do candidato. Seria preciso saber por que alguém se candidata a uma Escola, o que se tem a oferecer a uma Escola de Psicanálise. Para exercer a função relativa à candidatura à Escola, bastaria uma Comissão, nada mais.

No entanto, é de outra ordem a qualificação de uma análise didática. Para Lacan, a Escola não pode declinar das conseqüências que tem para ela o fato de que

o sujeito entre em análise. A qualificação de uma análise didática impõe a condição de que se saiba se o analisante está engajado no empreendimento, onde e quando está.

Quem empreende uma análise didática o faz por iniciativa e escolha próprias e isto pode levar a autorizar seu psicanalista como didata. Isto quer dizer que não há didata de antemão. O que há é conseqüência da análise didática, ou seja, um analisante que, por iniciativa própria, empreendeu uma análise didática, acaba por autorizar seu analista como didata.

Nesse seu documento da Ata de Fundação da EFP, Lacan não tinha concebido, ainda, o passe. Nesse momento, 1964, ele fazia distinção entre o analista e o membro da Escola. A Escola tem membros que podem ser analistas e não-analistas. Pode-se ser candidato à Escola como não-analista, como praticante não qualificado analista e como analista.

Lendo o documento de 64 à luz do de 67 - *a Proposição*, podemos dizer que para Lacan continua valendo a distinção entre membro analista qualificado (a partir das condições para ser psicanalista: análise e passe) e membro não qualificado como psicanalista (que vale para o não-analista e, também, para o praticante não qualificado psicanalista).

O dispositivo do passe vem possibilitar verificar se aquele que solicita o passe será membro da Escola ou analista da Escola.

Para o candidato à Escola como não-analista não é preciso o dispositivo do passe.

## Passe ao desejo do analista

A respeito do passe muito se tem discutido. Com este seu dispositivo, Lacan coloca em destaque a questão da transmissão da experiência psicanalítica, o que se denomina de "formação" do psicanalista.

A Escola de Lacan, a Escola do Passe, supõe um certo estilo de transmissão da psicanálise. Os Fóruns do Campo Lacaniano, constituídos como espaço de reflexão sobre os fundamentos de uma Escola de Psicanálise, têm-se ocupado em reavaliar os fundamentos e os funcionamentos dos dispositivos do passe já postos em ação e os disfuncionamentos que se manifestaram.

Em um texto colocado na *Liste Espace – École,* Antonio Quinet, numa contribuição ao debate, faz uma pergunta: "Não se poderia propor o título de analista em formação para aqueles que não terminaram ainda a sua análise mas que, ainda assim, se candidatam à Escola?".

A respeito da pergunta de Quinet, Colette Soler faz uma observação interessante: ela afirma que o passe não foi proposto para verificar o fim da análise, pura e simplesmente. Ela observa que Lacan em *L'Étourdit* nos diz que o passe foi proposto para verificar a virada de psicanalisante a psicanalista e que isto pode ocorrer antes do fim da análise, ou depois. Isto quer dizer que o passe entendido como uma virada, é um momento clínico, uma elaboração do sintoma que pode ser verificada no dispositivo do passe.

A vantagem dessa observação de Soler é que ela permite distinguir a Clínica do passe da função institucional do passe, também chamada política do passe. Permite subordinar a função política do passe à Clinica do passe.

O momento de virada de analisante a analista vem justificar o passe ao Desejo do analista. Podemos perguntar: Pode a Entrada pelo passe ser justificada com o passe ao Desejo do analista? Para Soler, conforme esta referência de Lacan em *L'Étourdit*, se o passe verifica a virada pode, também, verificar o antes da virada; com o passe ao Desejo do analista pode-se verificar aquele que não fez a virada mas que coloca indícios de uma virada que ainda não se efetivou.

Vendo sob este prisma pode-se dizer que a Entrada pelo Passe não faz do dispositivo de Lacan um dispositivo duplo; o passe deverá avaliar se há indícios clínicos de que o passante fez essa virada, se há indícios clínicos de que o passante está a ponto de fazer essa virada e se o passante está aquém dessa virada.

Como se pode ver, o dispositivo do passe, assim concebido, é distinto do final de análise. O que se verifica é a necessidade de um debate detalhado dessa experiência para que ela seja melhor concebida e passada à prática.

## Clínica do passe

Volto à minha experiência na Secretaria do Passe, volto à questão de que aí se deve, em uma, no máximo em duas entrevistas, questionar o querer do sujeito. Desde aí será preciso verificar se já existe algum indício de que o Desejo do analista se operou ou está em vias de acontecer. É difícil esse exame mas podemos dizer que o material da experiência já nos permitiria falar de uma Clínica do passe.

Dos candidatos a passantes trago alguns fragmentos colhidos neste primeiro momento do dispositivo:

Fragmentos de entrevistas:

- *"Desejo me aproximar da Instituição, ter espaços na Instituição";*
- *"Quero estar na Escola, sei quanto é importante a teoria...";*
- *"...decidindo-me a demandar o Passe, experimentei algo como o começo de um momento novo. Percebi que deveria enfrentar o que não era dado saber de antemão mas a experiência me faria saber o que era".*

Fragmento de uma demanda escrita:

- *"Privilegio a via do passe para a minha inserção como membro da EBP".*

Ainda uma demanda escrita:

- *"Demando, como analisante, dar testemunho de meu trabalho analítico em curso".*

## Desejo de reconhecimento e reconhecimento do desejo

Há uma dialética em jogo quando surge, nas entrevistas dos candidatos a passante, o desejo de reconhecimento. Creio que podemos dizer que o candidato a passante tem o direito de trazer o desejo de ser reconhecido por seus pares, no entanto, cabe ao Dispositivo, a começar pela Secretaria do Passe, o reconhecimento do desejo. A partir da hipótese de Lacan de que "uma psicanálise se constitui como didática pelo querer do sujeito e que este deve ser advertido de que a análise questionará este querer na medida em que se aproxime do desejo que guarda em segredo", podemos dizer que para decidir a entrada do passante no dispositivo propriamente dito, esse querer deve ser questionado de modo a favorecer a verificação do aparecimento do desejo do analista.

É evidente que na secretaria do passe só se pode vislumbrar algo disto, algo que permita a autorização da entrada do passante no dispositivo do passe. Isto exige uma Clínica do passe. Não se trata de um traço objetivo, poderíamos dizer, de um traço grosso que o secretário possa destacar. Do que se trata é de um traço fino porém tangível que vai fazer da Clínica do passe uma clínica do particular. Cabe ao secretário distinguir algo desta ordem, que o leve a decidir sobre a continuidade do dispositivo. Dizer clínica para nós significa dizer que a clínica é uma arte. A clínica é uma arte do diagnóstico. Dizer que há aí uma clínica do passe é atribuir ao secretário do passe esta função de diagnóstico, isto é, que ele responda ao desejo de reconhecimento através do reconhecimento do desejo de passe.

Edgard Morin, em entrevista recente no Brasil à Revista MEDICINA - Conselho Federal (junho de 99), nos lembra que Hipócrates e os gregos empregavam a palavra *crisis* para significar o momento em que os sintomas estão claros para se fazer o diagnóstico, mas, antes que os sintomas estejam claros, há um momento de inexatidão como, por exemplo, quando temos febre mas não sabemos ainda o que temos: se temos rubéola, varicela ou só uma gripe. Diz-se que o bom clínico é aquele que tem a arte de saber analisar os pequenos signos que lhe permitirão emitir um diagnóstico precoce. Aí entra em jogo a intuição. Edgard Morin considera um erro esquecer a intuição. O secretário do passe está na função do clínico com esta arte. Embora ele só tenha os primeiros signos do desejo de ser reconhecido analista, compete-lhe decidir se o passante entra, ou não, no dispositivo.

# Venda de olhos

*Graciela Bessa*

Em um de seus últimos seminários, Lacan define a psicanálise dizendo que "talvez seja uma escroqueria",[1] mas nos adverte que é uma escroqueria do significante, do fato de um $S_1$ prometer um $S_2$ e com isso prometer um efeito de sentido. É mais radical ainda ao dizer que $S_2$ não é outro significante mas o próprio $S_1$ na sua equivocidade, no seu mal-entendido. Esse deslizamento de significantes unários implica que, no nível do discurso, isto é, no nível mental, o automatismo seja normal e é de surpreender o fato de que existam sujeitos que conseguem fazer suplência a isso. Com esta formulação, não seria abusivo pensar que o simbólico é quem cria essa escroqueria na medida em que um significante, ao prometer se articular a outro significante, cria a ilusão de que houve efeito de sentido. A neurose é padecer dessa escroqueria, uma vez que se tenta apreender os significantes d'alíngua numa construção de sentido.

Por ser o ouvido o único orifício do corpo que não se fecha, as palavras ouvidas do discurso familiar são impostas, constituindo isso que se chama de mental, isto é, o discurso. É o que fica esquecido atrás do que se ouve,[2] são as enunciações dos enunciados, a homofonia significante, o duplo sentido, esses detritos de linguagem que se depositam como aluvião que constituem o inconsciente. O inconsciente, portanto, é constituído por esses efeitos de significantes, demonstrando, assim, que não há desenvolvimento mental. Somos, ao contrário, confrontados a determinadas conjunturas de desencadeamento subjetivo que nos convocam a responder com um novo arranjo significante.

Irei destacar dois momentos de desencadeamento subjetivo, um deles diz respeito à escolha da profissão e o outro exemplifica o engodo desse sujeito que, por uma contingência, ao se assujeitar ao enunciado do Outro, sela um destino fixando um modo de gozar.

## Desencadeamento da vocação profissional

Está na literatura psicológica que as aptidões aparecem na idade infantil. Freud em momento algum discorda disso. Podemos utilizar Hans como exemplo. Nos relatórios do pai de Hans ao professor Freud, podemos identificar, claramente, a presença de um modo particular de satisfação, a satisfação da pulsão de ver, pulsão escópica. Há várias passagens indicativas disso no caso, entre as quais vou privilegiar apenas uma, a título de exemplo.

Hans relata ao pai uma fantasia de que havia levado seus filhos ao banheiro, primeiro ele se dar a ver aos filhos, fazendo cocô e xixi e, em seguida, os vê fazendo a mesma coisa. Anos mais tarde Hans escolhe a profissão de cenógrafo. Podemos deduzir que a pulsão de ver, que era o modo de satisfação privilegiado de Hans, quando criança, se reveste com uma nova forma de satisfação, sofre uma vicissitude, que é a de ser cenógrafo. Ser cenógrafo passa a ser sua forma privilegiada de satisfação.

Numa intervenção que faz no *Seminário Lógica da fantasia,*[3] a convite de Lacan, Jakobson levanta a questão da vocação a propósito do tipo mental do

lingüista. Diz que todo lingüista guarda uma atitude infantil para com a língua, ou seja, se interessa pela língua da mesma forma que uma língua interessa a uma criança. Todas as crianças, por exemplo, sabem desenhar e pintar, mas à medida que vão crescendo vão perdendo essa capacidade, e aqueles que se tornam pintores guardam uma certa aquisição infantil, um certo traço infantil.

Gostaríamos de parafrasear Jakobson levantando a questão do tipo mental do psicanalista. Na minha opinião, interessava a Lacan saber, através do dispositivo do passe, o que faria com que alguém, depois de ter reduzido seu analista, na transferência, ao objeto e tê-lo feito cair como dejeto, almejasse se colocar nessa mesma posição.

Do ponto de vista de Freud, um psicanalista deveria guardar uma atitude infantil, uma certa curiosidade em relação ao ouvir, algum tipo de satisfação em relação à voz. Talvez possamos dizer que ao deitar o analisante no divã, o olhar desvanece. Uma vez que o olhar faz uma iminente concorrência à voz em todas as oportunidades de apreensão da realidade, podemos dizer que na experiência analítica essa concorrência é evitada por meio do dispositivo analítico. Digamos que uma das condições da análise é fazer cair o olhar, é fazer a satisfação escópica se restringir à fala. Dito de outra maneira, é na dimensão da voz que se introduz o mal-entendido, o equívoco significante, mas é na dimensão do olhar que se introduz a lógica da diferença sexual, ou seja, é no campo escópico, na presentificação da falta inscrita no corpo, que todas as perdas vão ganhar a significação da castração.

A conjuntura do desencadeamento da escolha profissional da psicanálise pode ser descrita a partir do nascimento de um primo que tem como efeito relançar esse sujeito às questões sobre a diferença sexual, o enigma do gozo d'A Mulher. Busca esse saber nesta tia que engravida depois de uma certa idade. É entre seus papéis que encontra um texto de Freud – "O Ego e o Id". É desse encontro que extrai a certeza da escolha da profissão. É a psicanálise que elege como campo de saber. Essa escolha introduz uma descontinuidade na série das engenharias, profissão escolhida por seus irmãos por identificação amorosa ao pai.

Podemos dizer que a escolha pela psicanálise pode ser definida como um ato falho. Qual a enunciação que estava em jogo nesse escrito? Relendo recentemente "O Ego e o Id", tentando redescobrir o que o teria levado a fazer opção pela psicanálise, o que lhe pareceu pertinente foi o capítulo "As duas classes de pulsões". Ali o sujeito pôde vislumbrar que há algo no humano que não se padroniza, que não se distribui, que não se reduz à lógica do bem e do mal, que é o gozo. Impossível de ser repartido, de fazê-lo igual para todos. Como o campo do discurso é do gozo, a ética que rege esse campo não pode seguir a lógica da máxima kantiana. Freud faz a subversão da moral em que estava inscrito até então. A consciência é ultrapassada pelo inconsciente, não é soberana.

Uma vez concluído o curso de psicologia e estudando a psicanálise de forma não sistemática, decidiu se aproximar de uma instituição para que sua formação em psicanálise tivesse uma orientação, no sentido de um vetor. O novo analista foi escolhido a partir de um sonho: *Estava em uma festa, em uma sala de uma casa antiga, encostado em uma janela de tal forma que podia ver quem passava no corredor. Passa um analista com uma roupa brilhante, e um outro analista que*

*também usa uma roupa brilhante e que está a seu lado, comenta - ele gosta de aparecer. Pensa: um torto falando de um aleijado.* Escolhe o segundo analista e considera que a escolha se baseou na invídia, essa que o Outro cultivava entre o sujeito e seu irmão. Anos depois, quando percebe o equívoco, abandona esse analista e redireciona sua demanda de análise ao primeiro analista do sonho.

Na análise com o primeiro analista do sonho se dá conta do significante da transferência. Em uma aula, ainda estudante de psicologia, uma colega qualifica de incrível uma cena desumana ocorrida com um paciente em um hospital psiquiátrico. O professor pergunta: o que há de incrível nisso? Os alunos ficam indignados com a aparente desumanidade do professor, o que foi para o sujeito a condição de escolhê-lo como analista, devido a descontinuidade que ele introduz com sua questão, denunciando uma espécie de moralidade do discurso da colega.

Bem mais tarde, em outro sonho em que fica intrigado com a questão de uma roupa feita sob medida, se dá conta, a partir das associações, que o gozo escópico pára de se escrever. E o que pára de não se escrever é o escrito. O escrito é a roupa feita sob medida para o sujeito. A partir de então muda sua relação com a psicanálise, já não se trata mais de estar destinado ao fracasso. Trata-se agora da construção do saber, do escrito como uma roupa feita sob medida.

Diria que a escolha da psicanálise se deu bem cedo, na adolescência, precisamente aos quartorze anos, com o encontro com o texto de Freud – "O Ego e o Id", mas a escolha de ser analista só se deu com esse sonho, do qual resta apenas isso: o escrito é uma roupa feita sob medida, sem o Outro.

## Desencadeamento do sintoma

O embaraço em que se encontra com a falta de significante para nomear o gozo feminino se manifesta na invídia, primeiramente, direcionada para seu irmão. Freud, ao tratar da sexualidade feminina, introduz na menina esse sentimento que ele denominou de *penisneid*, inveja do pênis; toda mulher padeceria dessa amargura, que pode levar uma menina a nutrir por sua mãe um rancor por não lhe ter concedido esse objeto. No *Seminário XI*, Lacan traz o exemplo de Santo Agostinho que é o da "criancinha olhando seu irmão pendurado ao seio de sua mãe, olhando-o com um olhar amargo, que o decompõe e faz nele mesmo o efeito de veneno".[4] Nesta cena não está em jogo o ciúme, para essa criança que vê; não é o seio que ela almeja, mas o que a faz empalidecer é esta imagem de completude, é a satisfação aí presente, é por supor que se tem a posse do objeto do qual ela está separada. Não podemos dizer que o que o sujeito inveja é a condição de menino de seu irmão, não é seu órgão; esse olhar amargo que vê este *menino de ouro*, tem aí uma função mortal, trata-se de um olho cheio de voracidade. Essa invídia se articula com a demanda de amor e Lacan nos diz que a demanda de amor feminina é infinita, nada a satisfaz.

É a partir de um enunciado em que está em questão o olhar, que o sujeito extrai como enunciação: *foi por sua causa* e dessa forma é remetido ao significante do mal-entendido de seu nascimento: *por causa da largatixa*. Significante equívoco que lhe impõe a se identificar com o objeto-dejeto do Outro, *larga tixa, larga lixo*.

O enunciado do Outro confere ao gozo escópico um sentido sexual, *dar-se a ver*, e é daí que extrai a resposta ao seu ser de mulher. Na adolescência, a significação que vai recobrir o gozo escópico é a de que aquela que se dá a ver para receber elogios é a prostituta, a que causa desejo no Outro dando-se a ver. É assim que delimita seu campo de realidade com uma fantasia de sedução, o apetite do olho que olha estava nesta busca constante de capturar por um instante um outro olho que olha, e se houvesse interferência da voz, pelo elogio, era tomado pelo sujeito como insulto.

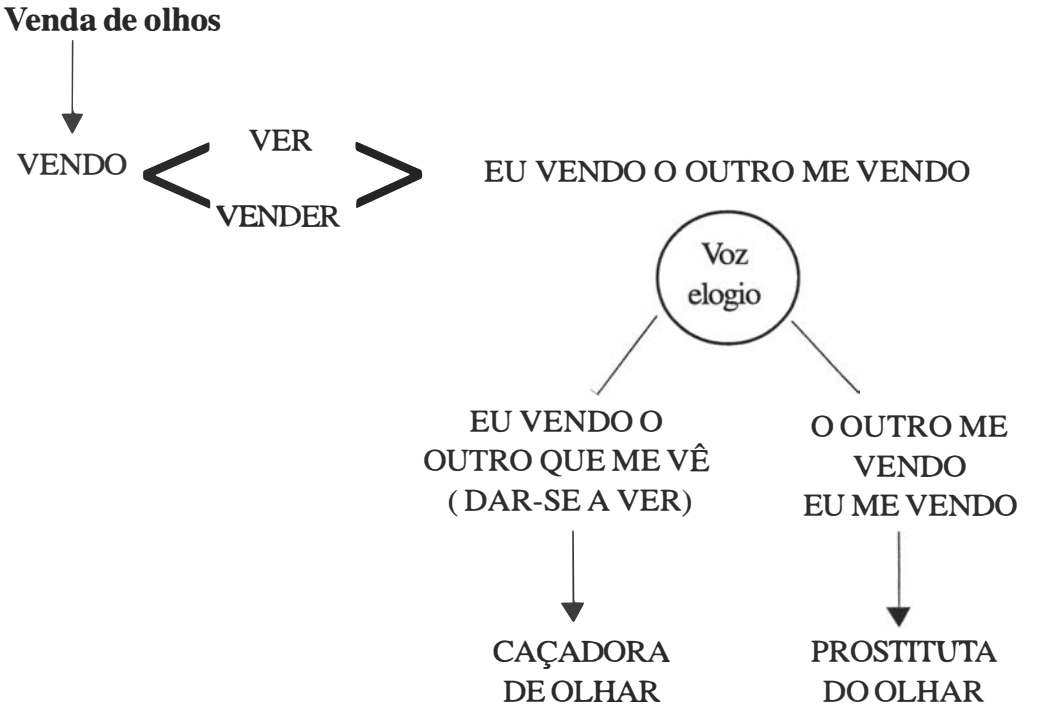
A transformação do elogio em insulto remete o sujeito a um real que é incontestável. Esse real diz respeito a essa *largatixa* que é jogada com repugnância pelo Outro. Didier-Weill toma como referência os primeiros versículos do Gênesis para dizer que todo dizer humano vem acompanhado pelo mal-dizer. Esse mal-dizer é decorrente desse fato estrutural que é S (Ⱥ), ou seja, não há esse significante para dizer do gozo do Outro sexo, para bem-dizer. No livro do Gênesis encontramos isso escrito de uma forma eloqüente que é: "O mundo só aparece através deste companheiro que é o imundo, não há terra sem caos, não há luz sem trevas".[5] O insulto se diferencia da injúria porque nomeia, remete o sujeito a um julgamento a respeito do que realmente é, desde sempre, um dejeto. É uma afirmação que nomeia essa parte forcluída do sujeito, que é sua parte maldita. Essa parte maldita se manifesta pelo mau-olhado, esse olhar cheio de veneno. O elogio denuncia um efeito de fascinação que, segundo Lacan, é a função do mau-olhado cujo efeito é matar a vida, e que remete esse sujeito ao discurso familiar "*tirem essa criança daqui, não posso achá-la bonita*", referindo-se a uma mulher cujo olho é dotado de poderes, de fazer secar a pimenteira, de provocar doença, má sorte.

O conceito de sintoma, em Freud, sofre uma modificação a partir de 1926. É nesse texto Inibição, Sintoma e Angústia[6] que o sintoma será definido como uma satisfação substitutiva da pulsão. A conseqüência disso é que ele desloca o sentido do sintoma do simbólico ao real, ou seja, há no sintoma um ponto irredutível, o sintoma guarda um sentido no real impossível de ser alcançado. Não seria, portanto, uma metáfora no sentido de uma formação de compromisso em que estaria em jogo a substituição de um significante recalcado. A conseqüência que extraímos dessa elaboração é que não se acaba com o sintoma, ele é "um modo de gozar do inconsciente tal como o inconsciente o determina".[7] O que possibilita formulá-lo assim é o conceito *d'alíngua*, isto é, a dimensão do significante como causa de gozo. O sintoma, portanto, é a incidência do significante no corpo causando gozo.

A incidência do significante no corpo desse sujeito afeta o corpo de tal forma que as crises de *espi(rr)ar* só cessam se dormir (ficar de olhos fechados, olhos que não vêem, venda de olhos). É a satisfação da pulsão escópica determinada pelo

significante *espi(rr)ar*.

Da *la (r) gatixa* ao *espi(rr)* ar se produz a seguinte significação:




**Referências Bibliográficas**


[1] LACAN, J. Seminário XXIV - *L'insu-Qui-sait de L'une-bévue S'aile à Mourre*.Inédito

[2] _____ . *L'Étourdit*. Texto inédito.

[3] _____ . *Seminário XIV - Lógica da Fantasia*. Aula de 1º de fevereiro de 1967. Inédito.

[4] _____ . *O seminário* - livro XI - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973, p.112.

[5] DIDIER-WEILL, A. *Os três tempos da lei*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.87.

[6] FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XX.

[7] LACAN, J. *O seminário*. livro XXII – RSI . Aula 18 de fevereiro de 1975. Inédito.

# A experiência do passe na EBP

*Elizabeth Rocha Miranda*

Com a fundação da Escola Brasileira de Psicanálise, cria-se o dispositivo do "Passe na Entrada", ou "Entrada pelo Passe". É o passe na Escola Brasileira de Psicanálise que não está autorizada a ter um Cartel que possa julgar o passe de final de análise. Manobras millerianas, política que por mais perversa não consegue degradar a própria experiência do passe.

Se propor a passar pelo dispositivo é se propor a fazer um depoimento de sua análise, endereçado à Escola, tal qual Lacan a formula – uma Escola cujo centro é o desejo de saber o que é o analista.

A oferta do passe é a oferta de um lugar em que o sujeito pode depositar o que apreendeu de sua análise e que a meu ver impulsiona a uma formalização clínica dessa análise. Oferta em que se suscita uma demanda porque o sujeito em questão ultrapassou o sofrimento avassalador do sintoma que o levou à análise e tem a necessidade de ir para além do sintoma, ir em direção àquilo que o causa como sujeito.

O desejo do passe adveio do entusiasmo que me tomou quando, já tendo me autorizado a conduzir análise, percebi em minha clínica algo de um vivido já ultrapassado que me permitia sustentar o ato analítico. Nesse momento talvez pudesse dizer que é como se o ato não fosse produzido pelo analista, mas algo que está dentro dele, que o atravessa, o toma, ultrapassa.

Esse vivido ultrapassado, pontos de gozo que foram apreendidos e que, se não traziam a clareza de um final de análise, têm em seu bojo a idéia desse final. Da experiência não se duvida, as retificações ocorrem à revelia do sujeito, é um caminho sem volta, mas não se tem a certeza última, como neuróticos que somos, do saber do que ocorreu em nossa própria análise. Nesse sentido, penso que a demanda de passe é uma demanda de avalizar esse saber. Demanda dirigida a um Outro, que não é suportado por nenhum outrinho e sim por qualquer outro, que sendo sorteado como passador possa compartilhar essa experiência e levá-la ao Cartel. Cartel que, como definiu Lacan, é essencialmente o lugar do saber furado.

A oferta do passe na EBP é também a oferta de entrar para a Escola, mas não a única possibilidade de fazê-lo. A escolha que fiz de entrada pela via do passe está estritamente ligada a minha relação com a causa analítica, porque o passe não está aí apenas para nomear AE, AME, recrutar membros para Escola, expor as análises, ver como andam as análises brasileiras, e sim para produzir uma clínica.

O agalma que envolve a Escola e a figura dos AE traz na AMP o brilho do poder, cuja enfatuação, na verdade, retira o *quantum* de saber que lhes é suposto. O cenário da apresentação dos AE em Paris e Buenos Aires me pareceu como a cena de exibição dos deuses do Olimpo. No passe trata-se de saber, a meu ver, a partir do que o sujeito conclui? Ou a partir do que algo do sujeito e de seu gozo se transforma? De que saber o sujeito se apropriou? E o que disso ele deixa perceber, ainda que não o saiba? Assim postulado por Lacan e desenvolvido por Colette Soler, o passe é o

passe, nem de final, nem de entrada, é uma verificação da clínica, para fazer avançar a psicanálise, no que está implícita a questão da garantia.

Existe em relação ao dispositivo, ao cartel, aos passadores, uma suposição de saber, que não é o sujeito suposto saber que conduz uma análise. Não está presente a vertente do objeto causa de desejo. Não vejo a possibilidade de uma interferência na transferência analítica, que implica a atualização, pela via da repetição inconsciente, a colocação em ato da realidade sexual do analisante. Se há possibilidade de um encontro, uma tické, no depoimento com o passador, isto não é privilégio dessa situação, na medida em que o passador é um par que pode compartilhar a experiência por estar próximo ao momento de concluir.

O Outro que está presente é o Outro capaz de julgar. É preciso ver na demanda a esse Outro que é a Escola, não uma demanda ao Outro do saber, mas que tem em seu cerne o saber como furo, o passe. Caso contrário essa demanda seria de um reconhecimento institucional, feito ao mestre, o que degradaria a própria prática da psicanálise. "O Passe não é sem efeito", nos diz Lacan. Efeito que podemos verificar naquilo em que o sujeito se experimenta como resto de sua própria ficção. O depoimento do passante tem a singularidade de se tratar de uma construção que se impõe ao sujeito a partir da clínica. É o depoimento de uma construção em análise que num só depois se articula à teoria, possibilitando que aí se apreenda o novo.

## O encontro com o secretariado e os passadores

Após o término do depoimento aguardei dois anos pela resposta do Cartel e durante esse período me dirigi, como era recomendado, ao Secretário local para saber por que meu depoimento ainda não havia chegado ao Cartel. A resposta era: não se preocupe, não dê tanta importância para a Escola. Dos passadores ouvi que havia muitos depoimentos e que era difícil o Cartel se reunir, que dependiam da vinda de um francês, etc. Chega o momento da dissolução do Cartel e o meu depoimento não foi ouvido, não obtive nenhuma explicação. Fui informada, depois de muita insistência, que eu deveria ter oficialmente comunicado o término de minhas entrevistas com os passadores e que isso seria uma orientação do Secretário local, que também não sabia que deveria fazê-lo.

O que vejo nesse disfuncionamento é uma impostura por falta de seriedade e compromisso com o dispositivo, e com a Escola. Quando finalmente recebi a resposta positiva fiquei muito contente, mas confesso que durante o período de espera, já não me importava tanto o entrar para a Escola, pois dela me sentia parte, eu a escolhi. Minha análise continuava muito bem, obrigada, mas com uma preocupação maior em formalizar – formalizar não é só teorizar – o que o inconsciente apontava e também o que podia ter sido dito sem a elaboração de um saber.

O passe faz avançar porque no relato é como se sujeito, tomando distância, pois não se trata de análise, tivesse uma visão mais clara e perscrutadora de sua própria trajetória. Quinet faz a metáfora dos óculos subaquáticos, Roseli Rodella nos traz a imagem do cinema onde o espectador vê sua história sendo contada, e achei interessante

porque, para mim, foi como uma viagem de trem em que se passa por vários lugares e quando chega, o que se conclui é "tanto sofrimento por nada".

Quanto aos passadores, acredito ter sido ouvida por um deles. O outro não se dispôs a fazê-lo na medida em que pretendeu direcionar com perguntas o que eu deveria dizer. Durante as entrevistas com esse passador, fui interrompida no relato de uma passagem de minha análise, e questionada por não ter mencionado o nome da minha analista por "questões políticas". Digo que para mim isso era obrigatoriamente sabido e continuo o que dizia. Só depois é que "questões políticas" me fizeram interrogar, quais seriam?

Esse mesmo passador, ao tomar conhecimento que deveria, mesmo após a dissolução do Cartel, fazer o relato para o novo Cartel, propôs que eu fizesse novas entrevistas, pois já não sabia o que transmitir, havia passado muito tempo. Em minha opinião esses disfuncionamentos são a conseqüência do fato de que na AMP o conceito de Passe está articulado com a Instituição e não com o final de análise ou com a verificação do desejo de analista.

## O caso

A chegada do sujeito ao mundo é envolta no mito familiar segundo o qual do lado do pai recebe o nome de rainha, posição destinada às mulheres da família paterna, desde que se mantivessem lindas e companheiras a serviço de seus homens. Do lado materno, que viessem perfeitas, pelo fantasma da mãe, que não se acreditava capaz de gerar um filho sadio, devido a uma doença infantil que deixou seqüelas. Nasce o bebê, sadio, em um parto falado e decantado como impossível. Chega ao mundo como um presente que, dado à família paterna, faz valer aí a posição da mãe. Objeto precioso, de troca, tantas vezes dado e retomado a cada ameaça de separação dos pais. Objeto de gozo do Outro, que o sujeito tenta barrar com a conversão no corpo de uma dor nas pernas que o impedia de andar, de ir e vir nessa troca. Dor amarela, significante sem sentido, tantas vezes repetido como gracejo de criança e que toma seu sentido no decorrer da análise. "Amar ela". Dor de amar/ ser amado.

Um primeiro casamento e filhos aos dezessete anos, tampona a angústia avassaladora que acompanha a vida do sujeito, infância e adolescência. Angústia que surge após a perda do avô paterno aos cinco anos. O sujeito cai do lugar fálico no desejo da mãe, ocupado agora pelo irmão homem e dessa vez só dela. Ouve então o vaticínio materno "agora você entra nos eixos, acabou seu reinado". À perda dos avós o sujeito responde perdendo a voz, sintoma que se localiza no nível de um não poder dizer, dizer que, sempre denunciador, o excluí da família paterna. Não "poder dizer" que se desdobra em não "poder saber".

O sujeito tenta escapar à questão do desejo do Outro preenchendo o vazio desse desejo com suas demandas, rebaixando o enigma do desejo do Outro com demandas ao Outro. Demanda que se revela radical na exigência de um amor absoluto, nunca satisfeito.

A busca incessante do Um do amor, sempre depositado pela via do imaginário, sob o significante brilhante "o brilho do saber" impede o desejo de saber. Saber colocado no Outro, como forma de amar, mas que, pondo-o a trabalhar, permanece na insuficiência. O saber do Outro, sob a demanda de amor absoluto, escamoteia a falta, mas por outro lado, colocado sempre como insuficiente, faz com que o sujeito gire em torno dele e ponha a vida a serviço do fazer faltar.

A entrada em análise é determinada por uma perda amorosa, em que o sujeito cai do lugar de objeto único e precioso. Relação que fantasmaticamente repetia a situação da vinda do sujeito ao mundo, lugar que ocupava em sua fantasia no desejo do Outro. "O presente".

Perda que produz a irrupção da pulsão como presença de gozo, através de ciúmes irracionais e enlouquecidos por uma mulher em que o sujeito localiza o mistério da feminilidade no significante "livre", mulher livre. Significante que desliza para outro significante "polaca", que não encontra sentido e que permanece como enigma, por um longo tempo.

Adquire várias significações, até chegar a tocar o real indizível para o qual apontava. "Mulher livre" era o modo como a família se referia a uma tia materna, "dona de seu nariz" e branca como boneca de porcelana. "Detentora do saber sobre o ser mulher". Entre rainha e polaca o sujeito constitui o seu sintoma.

Pele clara, branca como porcelana, significante que inconscientemente determina a escolha da analista.

Essa tia é também objeto de horror, pois faz crer às amigas da mãe que o sujeito era sua filha. Situação que remetia ao gozo do Outro materno sob a forma de permissividade.

A divisão sintomática e a emergência do real, no encontro faltoso com o parceiro, põem em xeque as identificações do sujeito histérico que tomam no caso a forma de uma inconsistência sofrida, uma dolorosa incerteza sobre o que pensa, o que quer, sobre o seu próprio lugar, perdida em uma inadequação radical.

A crença em ser o falo é no sujeito histérico um parecer ser que não convence. É sempre mais falida apontando para o real indizível e para o horror da castração. Horror de que sob a máscara da falicização só haja o orgânico ao qual se reduz o corpo dessexualizado. Ameaçado pela possibilidade de recair no estado de gozo puro, para ele apavorante, no qual se veria como objeto, uma vez que há o fracasso do recalque. O recalque não tem êxito absoluto, pois se assim fosse, todas as reminiscências estariam simbolizadas no inconsciente e todo real seria transportado para a realidade sexual.

Num primeiro tempo de análise, o sujeito reconstitui um ser pelo apaziguamento do sintoma. Sob transferência, o sintoma toma seu sentido gozoso, essa demanda excessiva que implica em tudo fazer, em tudo dar por um homem para conservá-lo, mas na posição de aniquilado.

O sintoma como repetição posta em ato do gozo do Outro materno, no aniquilamento ao homem, no caso o pai, e a si mesma, porque se uma mulher sem homem é devastada, também não pode viver sem ele, traz o decifrамento que não dá

conta da questão pulsional, que persiste, sob a forma de um gozo mortífero que horroriza e atrai o sujeito. O gozo está justamente no "prazer no desprazer" e conotado de uma satisfação que busca o encontro doloroso com a "Coisa" que faz perder o equilíbrio.

Há uma mudança em relação à localização do gozo mas o *quantum* de libido aí persiste fixada.

Um segundo tempo de análise se dá quando a fantasia do sujeito é tocada "por uma porta que não se abre".

Após o relato de um sonho de angústia, no qual "a analista se perde na multidão e o sujeito vê sua cabeça (a do analista) sumir". Na sessão seguinte a analista, 'estando no consultório', não a recebe. Isso remete a uma lembrança infantil em que o sujeito sabe que a mãe está no quarto com o irmão e fica na soleira da porta, impedido de entrar. O que o sujeito conclui é que "goza impotente na soleira da porta, como presente trocado". Presente trocado, objeto de troca, troco, resto. A voz que se perde diante do olhar do Outro dirigido ao "presente", deixado cair na "soleira", se presentifica no significante "dor amarela", dor de amar, e o sujeito permanecia petrificado na impotência de poder saber dizer. O esvaziamento do gozo e a queda das identificações promovem uma mudança na demanda que implica a possibilidade de recuperar por um meio diferente a pulsão. O que se verifica é que o ato do analista que não recebe o sujeito, toca a fantasia, e a marca de exclusão, apanágio da neurose esvaziada de gozo, se transforma em marca de rebotalho, presentificando a impossibilidade, deixando cair a impotência. O que surge é o desejo de transmissão do possível de saber.

O desejo do analista, desejo de desejante e não de desejável, é para além do Édipo e advém do encontro com a inconsistência do Outro. É a presentificação de uma falta real que funciona com causa de desejo. A relação com esta falta permite ao sujeito suportar a suposição de saber que lhe é atribuída pelo analisante.

Com o seu ato o analista introduz a questão do desejo, desalojando o sujeito do lugar fixado na fantasia. A neurose mantinha o sujeito preso em um circuito-fechado em que o desejo era sabotado.

O gozo pulsional não mais fixado, permite ao sujeito uma nova forma de laço social.

# Um dispositivo furado

*Dominique Fingermann*

O propósito desta intervenção é uma pequena contribuição à avaliação do dispositivo do passe inventado por Lacan em 1967, a partir de minha experiência pessoal desse dispositivo, no intuito de que esta crítica sirva para a re-invenção do passe enquanto garantindo a psicanálise na escola que nós queremos.

Se Lacan inventou este dispositivo, ele devia ter bons motivos clínicos e éticos, e sabemos que a sua Proposição é coerente com o ensino decorrente da sua práxis, como ele mesmo explicita no Seminário "O Ato Analítico".

Para além de toda a preocupação administrativa e de grupo, nós estamos num tempo de reavaliação dos dispositivos supostos sustentar a nossa aposta de escola, ou seja, nossa aposta de uma extensão da psicanálise fundada na sua intensão.

É neste sentido que o trabalho da Comissão Crítica do Passe tem uma responsabilidade irrecusável na reavaliação dos motivos clínicos e éticos do procedimento do passe. Esta tarefa é coerente com nossa participação no dispositivo do passe; queremos, para fazer escola, nos fazer responsáveis pela sua experiência.

## Complexidade

Com o procedimento do passe, Jacques Lacan inventou um dispositivo complexo, como foi observado na mesa de ontem. Mas ao contrário do Jairo Gerbase, penso que esta complexidade se justifica pelo seu fim: recolher, acolher o que de uma análise faz prova, verifica, *"de l'analyste"* algo de analista, o analítico.

"Do analista": algo qualificando o que, na pessoa que se atreva a se propor como analista, opera para uma análise se efetivar.

O que qualifica um analista é da ordem de um desejo, isto é, o que o causa e sustenta o seu ato (a sua re-invenção da psicanálise).

O desejo de analista é o que move uma análise do início ao fim, do início ao fim da neurose de transferência: isto é o que suporta a transferência mas a maneja fazendo objeção à sua neurose. O *desejo de analista* é a condição do *discurso* que suporta a experiência, condição específica da contingência do *ato* que daí pode surgir. O passe verificaria este desejo que opera para uma análise se efetivar. O problema, a complexidade, é que este desejo é puro produto de uma análise singular, é inédito, excede o saber prescrito, qualquer saber pré-escrito é "objeção ao saber", diz Marie-Jean Sauret.

Como verificar um desejo inédito? Como o "inédito" pode se dobrar a uma verificação?

É preciso verificar principalmente que não se trata aí de gozo nem de demanda, nem de amor, mas das condições adequadas para a re-invenção do ato analítico. Talvez seja isso que cada um tenha que demonstrar, um : "portanto é a partir disso que eu me atrevo a re- inventar a psicanálise."

"Isso" que autoriza o analista, o torna autor do ato que ele suporta, não se pode comparar, nem ser verificado como adequado a um protótipo, um padrão. No entanto é este ponto de báscula singular, esta "passagem do ato", diz Lacan, que vai assegurar a persistência da psicanálise como resposta ao mal-estar da civilização.

O passe enquanto procedimento merece o mesmo nome que o momento do passe numa análise, pois os dois têm estrutura de ato; aí se excede, ultrapassa o pensamento, sem garantia alguma, numa experiência de malabarismo de articulação do mais particular e do laço social.

Como o dispositivo pode ser coerente com sua função: proporcionar um ponto de junção entre intensão e extensão, verificar o inédito, o complexo, o paradoxal, demonstrando essa passagem do ato: passagem da crença no sujeito suposto saber ao ato?

## O passe como *passoire*: coador

O dispositivo do passe consiste em oferecer um espaço-tempo, "ex ", extra-ordinário, para que a letra inscrita desde uma análise pudesse se depositar nos passadores e só depois ser lida, assegurando a extensão da psicanálise.

A máquina, o dispositivo, o procedimento, pretendem permitir que o mais particular de um sujeito: a sua separação-letra-litoral entre o gozo e o significante – resto - inscrito na sua análise, seja escrito e lido, passível de ser passado, transmitido, largado.

Como passar um resto? O resto da operação da fuga do sentido na tarefa analisante de associação livre : S-S-S-S-... é da ordem do vazamento, do escoamento de sentido. Por isto proponho associar o dispositivo do passe com uma *passoire*, que é um coador, uma peneira, um recipiente furado.

O passe – *passoire*, recipiente furado, me convém para evocar vários aspectos do dispositivo, inclusive a sua precariedade e as suas falhas, que foram mencionadas ontem. Os furos da *passoire,* e portanto do dipositivo, parecem adequados para recolher a letra inédita extraída de uma análise; isto é, o que um sujeito inscreve singularmente ao se deparar com o furo do simbólico; isto é, como este resto do sujeito, dejeto, abjeção, constitui a sua *objeção ao saber;* isto é, o que ele faz com o intervalo significante; isto é, qual é a sua forma particular de suportar e fazer valer o "escoamento do sentido" conseqüência da "fuga de sentido". O dispositivo portanto parece adequado para coar o seu estilo.

O que a letra e o estilo têm a ver com o desejo de analista que precisamos verificar no dispositivo do passe para assegurar a extensão da psicanálise?

O desejo de analista, o que permite que alguém se atreva a sustentar a análise de uma outra pessoa, é a sua maneira de suportar que na fuga de sentido(S-S-S) há um escoamento("a"), e que a suposição de saber é apenas um desvio ficcional necessário à prova do limite do significante.

Para que haja desejo de analista é preciso portar e suportar este vazamento, causado pela estrutura ($\mathcal{A}$) nos seus pontos de intervalos significantes, sem tamponá-

los com o objeto fantasmático, nem obturar a falta do simbólico com a crença no Sujeito Suposto Saber.

Ter construído a ocorrência do "vazamento de sentido" e suportado as conseqüências disto, é a condição do estilo e pode qualificar alguém como analista. Tanto o estilo quanto o desejo de analista suportam o furo do saber .

O princípio de funcionamento do dispositivo do passe são seus furos, por isso precisamos cuidar do passe como o *passoire,* recipiente furado, e não tampado por qualquer "êxtimo", ou dogma, doutrina, passe-padrão, palavras de ordem, que sejam. Saber fazer com o furo parece uma prova adequada de demonstração de analista de Escola.

Em que consiste o dispositivo do passe como era previsto e foi usado após a sua proposição por Lacan?

Consiste numa série de etapas, onde em cada uma se operam um depósito e uma filtragem, uma retenção e um escoamento. Cada etapa retém e/ou deixa passar. Vejamos:

Passante
Secretariado
Passador1
Passador 2
Cartel
Resposta
Ensino do AE
Relatórios dos cartéis
Colégio do Passe

Vemos que o princípio "passador" deste sistema, do qual depende se vai passar ou não o que tem que ser passado (um estilo, um desejo de analista), são os passadores. Com efeito, o passante inscreve nos passadores a sua escrita para que eles possam transmitir esta escrita ao Cartel, que o conseguirá ler, ou não. Neste sentido podemos ouvir a frase de Lacan: "*Le passeur c'est la passe*" : "O passador é o passe".

Surge portanto um problema para nós: fora da complexidade do dispositivo, será que é possível falar do singular da experiência do passe, sem que isto se torne indecência ou constrangimento?

A complexidade do dispositivo é necessária para filtrar, coar, peneirar, e assim recolher, para além da fuga do sentido, o vazamento do sentido: o que escapa ao sentido, o "*ab-sens*". Recolher o "*ab-sens*", dispensando o "*inde-sens*"/a indecência.

Portanto falar, como hoje, fora do dispositivo requer alguma prudência, não para proteger quem fala, mas para não desqualificar, baratear a experiência específica do passe. O dispositivo complicado e pesado institucionalmente serve para a transmissão deste algo impossível de transmitir que é este "algo" de cada um que determina a sua autorização em suportar "algo" de analista.

Porém, mais uma vez, frente ao impossível de ser dito e a tentação de se calar, posso me colocar na tentativa de bem-dizer. Bem-dizer o que aqui pode ser dito.

## O que pode ser dito

O que pode ser dito no contexto deste nosso trabalho não é falar da minha experiência do momento do passe, o que fiz com os "meus" passadores no procedimento do passe. Hoje o que pode ser dito de relevante é falar *après-coup,* da minha experiência do dispositivo, do procedimento. O trabalho de escrita que constitui o procedimento do passe é inseparável do dispositivo. Para o passante o "dispositivo" de *passoire,* de coador, com o qual ele se depara, são os dois passadores.

## Os passadores

A minha experiência de escrita, depoimento, testemunho, é inseparável dos encontros com esses dois passadores.

Não teve um texto pré-escrito, tinha apenas a solução de um processo, uma decisão, uma determinação de demonstrar esta solução a título de responsabilidade e também de gratidão com relação à psicanálise. O texto foi escrito a partir dos passadores que, sem sabê-lo, me indicaram, me assinalaram como o depoimento do passe se situava entre poesia e lógica.

O primeiro era uma mulher com quem tive longas entrevistas. Era a primeira vez que ela era passadora, e manifestava muito entusiasmo pela experiência. Era simpática –*syn-pathos*– de mais. Ela queria sempre voltar ao *pathos,* escandalizava-se, compadecia, queria voltar ao drama. O "mal-entendido" decorrente dessa compaixão excessiva orientou meu depoimento no sentido da dosagem entre redução e amplificação necessária para o propósito. Ela me ensinou então a passar várias vezes da redução à amplificação, depois do drama ao chiste, e de novo da demonstração à solução. Há uma retórica do passe onde se trata de procurar o justo tom, não pode ser dito demais nem de menos.

O segundo era um homem frio e asséptico, já tinha sido cinco vezes passador, e não tinha tempo para perder. Ele fazia questão de não manifestar nenhuma simpatia, o que me ajudou nitidamente a simplificar e construir logicamente o caso, embora insistindo sobre a estrutura chistosa da solução da neurose e não desistindo do poético. Depois das entrevistas com o segundo, encontrei novamente a primeira para concluir: é isso, o que podia ser dito tinha sido dito.

Daniele Silvestre escreveu em algum lugar que as nomeações do cartel do qual ela participou dependiam da capacidade de construir do passante e dos passadores. O passante tem a responsabilidade de bem-dizer, bem construir a lógica do caso e da sua saída do labirinto da neurose no momento da "passagem do ato" que manifesta, prova, determina a via aberta do desejo de analista. Mas o bem-dizer não garante que os passadores saibam passar a equação neurótica do sujeito e a sua solução.

Encontrei nos dois passadores, cada um a seu modo, duas lousas: uma de argila, a outra de granito. Escrever era responsabilidade minha. As duas lousas me permitiram construir o caso a partir da sua solução. Os dois tiveram um grande respeito pela experiência de Escola que estava entre as suas mãos, embora uma com uma grande participação emotiva e o outro com um silêncio indiferente e metódico. As duas lousas me permitiram efetivar o meu trabalho de escrita, entre lógica e poética, escrita à qual se reduziu no final das contas o drama do sujeito.

Como cada um construiu o caso por sua vez, e como foi lida esta escrita? Não posso inferir nenhum disfuncionamento, isto não está a meu alcance. Como tudo em psicanálise, nós nos deparamos com um risco absoluto. Me deparei.

Mesmo que o meu passe tenha sido ouvido num momento bem conturbado politicamente na história do cartel B e da ECF, só posso dizer que: algo não passou, não foi suficientemente bem transmitido, e o desejo inédito-inaudito, permaneceu inaudível.

## O depoimento: redução/amplificação

É engraçado, para mim, ter que falar de novo sobre este aspecto, porque foi assim mesmo que iniciei o meu encontro com o primeiro passador.

"Depois de tantas palavras, disse eu, reduzidas a algumas e depois reduzidas ao silêncio, é esquisito precisar encontrar outras palavras, como um amplificador para tornar audível a redução final de uma análise onde se determinou o desejo de analista. Encontrar as palavras certas – pois acabou o tempo da associação livre – encontrar as palavras necessárias e suficientes para fazer prova..."

Acabou o tempo da associação livre, a transferência não reduz mais seu texto, nem mais infinitiza a esperança e a suposição de saber que a determina. Acabou o tempo da associação livre, já que neste tempo paradoxal do passe – tempo esquisito, *unheimlich* – não se trata mais de contar invocar equivocar lamentar negociar. Trata-se de fazer as contas, demonstrar, fazer prova. Não se trata mais de narrar a novela da neurose. A experiência acontece entre poema e matema. Trata-se de passar o poema que restou, vazou, da sua análise, ao matema, um *minimum* transmissível explicitando equação do sujeito e seu resto.

A questão é matemática: como tantas palavras, tanta dor, tanto barulho reduziram-se a algumas palavras pela operação da psicanálise, ou seja, pela operação de um desejo em ato que soube cortar o filme da neurose e reduzir o excesso a seu denominador comum: um resto-algo "de" analista, no caso.

É esquisito querer fazer valer esse resto-produto de uma operação que fez perder o valor da neurose, empalidecer o barroco das formações do inconsciente, afrouxar a âncora da dor e o invólucro formal do sintoma e que tornou derrisória, anacrônica, obsoleta a montagem fantasmática.

É esquisito, porque o processo da associação livre ampliou o drama para no fim reduzi-lo a um resto, enquanto a experiência do passe vai funcionar como caixa de ressonância para esse resto, não dentro de uma temporalidade transferencial, mas

num tempo virtual, poético. A poesia aqui não é minimalista, mas algo como um coro relatando a epopéia em atos lógicos precisos.

É esquisito, porque depois do tempo máximo de redução que constitui o momento do passe num final de uma análise, parece que o procedimento necessita uma nova ampliação para explicar-se e fazer esta demonstração.

O momento do passe poderia se resumir em algumas palavras, tão sucintas quanto um poema, um matema ou um chiste. Mas tem que fornecer as chaves de leituras, sem dramatizar, sem fazer perder a graça chistosa.

Como já foi dito, é como se a partir do resultado de uma equação tivesse que re-montar todo o trajeto que leva à solução. Sem dramatizar, sem condescendência, nem condolência, com uma neutralidade benevolente. Porém, é preciso testemunhar da espessura do drama, com humor às vezes, com distância outras vezes, sempre com rigor e lógica, para que a solução não pareça simplista, inverossímil, ou forçada, e que os cortes do ato analítico surjam com toda a surpresa e a força.

Portanto, além da apresentação da solução, tem uma tarefa de reconstrução, de mapeamento do labirinto da neurose para evidenciar e tornar evidente a saída que constituiu o desejo do analista contra a transferência, esvaziando a solução do sujeito instituindo-se e ainda não destituído. Evidenciar a saída que constitui o desejo do analista, isto é, o consentimento ao corte no saber suposto, que isola o $S_1$ sem esperança de um saber mais ainda, mais além; mas não sem o alento que causa o desejo.

O dispositivo do passe, no meu caso, não tornou audível, legível, este passo que me fez consentir ao desejo do analista, naquele momento de passagem do ato onde emergiu, surgiu, irrompeu esta certeza: "Não há um Outro que me fez fazer isto".

Do lado do significante: a responsabilidade do sujeito é total na sua maneira de interpretar o significante mestre – dado forçosamente pelo Outro – (a alienação é forçada), mas o significante é equívoco e aponta este equívoco radical que pode se designar como S(Ⱥ). Interpretar o significante como mestre, ou seja, como imperativo e demanda do Outro é doença do *falaser*, é neurose. Não há saber suposto no Outro que valida e garante estas interpretações neuróticas que, se fundando na estrutura do significante, determinam o destino.

Da mesma forma, a responsabilidade é do sujeito quando ele se faz ser, se fazendo de resto usando os recursos pulsionais para dar consistência àquilo que não está dito pelo significante. Esta interpretação fantasmática se funda num sonho de separação, que consiste na volta da alienação na forma da identificação ao que falta ao Outro.

O desejo do analista é um desejo de separação, desde a separação radical de um Outro suposto saber tanto até a de um outro suposto gozar.

O desejo de analista é o mesmo do começo ao fim: desejo de finalidade da análise: a separação; só que no processo ele é suportado pelo analista, e no fim pelo novo analista.

Desejo do analista: uma série de corte na suposição do Outro até que se consinta ao $S_1$: não tem resposta do lado do $S_2$.

O processo desta análise poderia se reduzir a três palavras:

"DOMINIQUE – TATOU – EX"

A primeira, a partir de uma cadeia extensa que vai de "*Dominus – domini*: o senhor", até todas as declinações possíveis de um significante que não nomeava a mulher, funcionou como significante mestre ao mesmo tempo sintoma e emblema.

A segunda, apelido inventado pelo outro para designar o sujeito ainda *infans* que se escondia com pano, sustentou com todas as suas variações significantes da língua francesa a identificação ao resto do significante.

A terceira, surgiu como significante da transferência: o analista – ex, denunciou o sonho de separação de todas as tentativas e tentações fantasmáticas, para no final das contas, no final de todos os cortes efetivados pelo desejo do analista nas suposições de saber e de gozo, para no final das contas produzir um *EX-IL* inédito, conjugando separação e desejo.

O passe foi uma oportunidade para demonstrar o que tinha sido produzido como uma evidência, para demonstrar o que desse processo tinha se destacado: a possibilidade de atrever a fazer o funâmbulo, como disse Isabelle Morin: "O analista quando ele opera é que nem um funâmbulo num fio, ou seja, está nesta posição desconfortável onde pelo seu ato ele faz aparecer o vazio".

**Portanto**

Portanto, a minha passagem pela experiência do passe me permite propor dois pontos para a discussão, a título de conclusão provisória da minha "crítica".

1. O desejo de analista não depende de uma decisão do sujeito, mas ele é conseqüente e relativo ao ato analítico, ou seja, ao corte no sujeito suposto saber que a análise operou, e ao esvaziamento da resposta fantasmática ao silêncio do Outro.

Na medida desta congruência entre a queda do sujeito suposto saber, a travessia do fantasma e a emergência do desejo do analista, a verificação do desejo de analista antes da conclusão de uma análise continua sendo uma questão para mim. Isto re-atualiza a problemática do debate institucional da questão sem que esse debate a feche com critérios dogmáticos que esmagariam o que de inédito deve poder ser lido.

2. A experiência do dispositivo me permite afirmar que a parte do dispositivo ao qual eu tive acesso é condizente com a ética da psicanálise em jogo. No entanto tem níveis do dispositivo mais sensíveis a desvios e influências políticas, como por exemplo o próprio cartel e os ensinos dos AE que precisariam ser colocados em questão.

**Jairo Gerbase** – Ouvindo estas quatro colegas, lembrei o refrão de uma música do baiano Caetano Veloso que diz: "alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial". É um refrão com o qual ele faz ritornelo em várias línguas - é muito bonito o fim dessa canção. Ela se chama 'Fora da ordem' e está no disco "Circuladô".

Esse estribilho também estava em minhas preocupações nesses últimos dias, porque, de fato, há uma questão em jogo que não se levantou mais, porém que se levantou no momento de constituição da Associação Mundial de Psicanálise, e parece que há um pacto, um acordo tácito entre nós de não se discutir mais este assunto. Mas, outrora – Luiz Carlos Nogueira, que está aqui entre nós, foi uma testemunha disto – nos perguntamos se Lacan faria uma associação mundial. Enfim, a questão é saber se os riscos que ele denunciara em relação à IPA poderiam se repetir em relação a uma associação mundial. Não foi preciso esperar muito tempo para se ver que corríamos esses riscos. Em 92, data da fundação da AMP ou, mais recentemente, em 95, data da fundação, no Rio de Janeiro, da Escola Brasileira, três anos ou, se quiserem, sete anos foram suficientes para se ver quanto é complexa a organização dos analistas em uma associação mundial. Daí que eu gostaria de propor que voltássemos a nos perguntar, agora que estamos nos propondo fazer uma associação nacional e uma associação internacional dos fóruns, se Lacan faria uma associação desta natureza que estamos fazendo.

E a pergunta crucial é a que Colette Soler nos fez e que ela mesma tentou responder: Por que é necessário unificar? Ela disse que é uma questão que, certamente, vem do Real. Pareceu-me necessário debater esta questão com mais detalhes antes mesmo de fundarmos uma associação nacional, porque não debatê-la pode tornar prematura a nossa iniciativa. Estando com toda disposição de mudar de posição, tenho ouvido atentamente os colegas dizerem que essa discussão poderemos fazer uma vez fundada a associação. E é o que eu realmente espero: que se possa fazer esta discussão muito amplamente na rede virtual, bem como em cada uma das reuniões que fazemos. Devemos debater sobre a necessidade de unificação à qual estamos nos propondo.

Ainda ontem, um dos argumentos levantados por Marie-Jean Sauret a este respeito, foi o de que a associação nos prepara para a Escola. Mais tarde lhe perguntei por que isto não tinha ocorrido a Lacan, por que Lacan não propôs uma associação para nos preparar para a Escola; por que propôs diretamente a Escola? E ele me respondeu de uma maneira que me tocou, e é por isto que digo que estou disposto a mudar, e é por isto que estou atento ao que me observam. Ele me disse que, em 64, não, mas depois da dissolução foi isto que ele fez propondo a Causa Freudiana. Enfim, eu não me lembrava, não estava atento a este detalhe, embora, outras vezes, tenhamos dito que não foi Lacan quem propôs isto, que em 1980 Lacan já não estava em condições de fazer uma proposição como esta.

*Transcrição de Alexandre Simões, Sueli Miranda e Bárbara Guatimosim

Volto então à questão que me fez lembrar o refrão de Caetano Veloso: a nova ordem mundial é "*small is beautiful*". Enfim, o nosso projeto é, de todo modo, um projeto de globalização. E me parece que isto é um dado estrutural ou um dado do real, se quiserem. Devemos nos perguntar se os analistas podem se globalizar; se os analistas podem se unificar desta forma global ou se a formação se passa com cada analista. E talvez seja em torno de cada analista que se tenha de organizar a Escola, que se possa garantir a formação que a Escola pode dispensar e desse modo fazer existir uma comunidade que possa fazer intercâmbios constantes. Então, eu proponho que sejamos pequenos.

Mas, enfim, vou ao trabalho de comentário que me foi solicitado. Difícil fazê-lo dada a riqueza de questões, começando por Dominique Fingermann que nos propõe o dispositivo do passe como uma dobradiça; o desejo do analista funcionando aí como uma dobradiça. Ela se refere a uma operação redução. De fato, sou testemunha de que ela já tinha isso em mente e posso afirmar isso com base em sua pergunta ao expositor da conferência, a que ela se refere em Salvador, qual seja: É possível distinguir o ato analítico e o ato poético? Esta pergunta já mostrava que ela estava preocupada com essa questão da redução do romance a um significante mestre. Entendo que esta operação redução também se passa no dispositivo do passe.

Você propõe fazer um corte no saber suposto como o que há de essencial nesta operação de redução que acontece no dispositivo do passe. Você disse de uma outra maneira muito singela: redução do drama ao chiste. Aí já é preciso distinguir o que se passa na dimensão da análise e na dimensão do passe. Esta também é uma outra de minhas preocupações, porque afinal de contas, no passe não se trata de contar de novo o drama, de contar novamente o romance que já se contou ao analista. A menos que se seja um Jean-Paul Sartre, que conseguiu em *Les mots* contar toda a sua história em dois capítulos - um que se chama *Lire*, outro que se chama *Écrire* - de um modo ao mesmo tempo particular e universal. É isto que eu gostaria de chamar o passe de Sartre, embora saiba bem que Sartre não é um analista.

Queria, enfim, ocupar um minuto da atenção de vocês para depois formular a pergunta a Dominique. Vou ler um só parágrafo, talvez não o leia todo, porque *time is money*!:

"Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros. No escritório de meu avô havia-os por toda parte. Era proibido espaná-los exceto uma vez por ano, antes do reinício das aulas, em outubro. Eu ainda não sabia ler, e já reverenciava estas pedras erigidas, em pé ou inclinadas, apertadas como tijolos nas prateleiras da biblioteca, ou nobremente espacejadas em aléias de menires. Eu sentia que a prosperidade de nossa família dependia deles".

E assim ele conta toda a história de um homem com carência de pai: seu pai morrera imediatamente após seu nascimento e sua mãe, sem dinheiro nem profissão, decide voltar à casa dos pais. Ele vive com o seu avô, professor de alemão, em Paris, com a sua mãe e a sua avó. Passa toda a sua infância aí, restrito a esse ambiente de livros e se torna um escritor, um filósofo, talvez o último filósofo enciclopedista que tivemos. Lá na Bahia, eu pergunto aos meus amigos professores de

filosofia se Sartre era um literato, um escritor, e eles me dizem: é um filósofo, o último grande filósofo do século. O que me faz dizer que o traumatismo, neste caso a carência de pai, tal como ele começa a nos dizer em seu relato, é um empuxo ao êxito! É isto que Lacan chamou de *traumatisme*. O traumatismo é o que faz sintoma, neste caso, ser filósofo. O traumatismo é algo que fez Joyce, fez Sartre, fez Dominique Tatu (homofônico a *t'a tout*; tem tudo). É o que eu apreendo do que Dominique nos disse

Tenho um exemplo ao avesso: trata-se de uma mocinha que seus pais, por serem pessoas cultas, a chamaram de 'LUTIA'. Ela mudou a grafia de seu nome próprio porque ninguém sabia pronunciá-lo corretamente. Essa foi sua racionalização. Passou a chamar-se LUCIA e a partir desse ato a CIA tornou-se-lhe um Outro persecutório. Embora este Outro seja universal à psicose, há algo de particular aqui como se pode notar em sua raciocinação: meu nome estava escrito em uma língua morta. Creio que podemos deduzir que o traumatismo, que no caso de Sartre foi um empuxo ao êxito, no caso de Lucia pode ser considerado um empuxo ao fracasso.

Mas, ao dizer que se trata de fazer um corte no saber suposto, então eu lhe pergunto: O que se corta é o saber ou a suposição? Agradecer-lhe-ia se pudesse acrescentar ao nosso debate mais este detalhe.

Em seguida, Elizabeth Rocha Miranda traz um tema interessante e talvez por ser do Rio de Janeiro me evocou M.D. Magno. Magno Machado Dias foi, entre nós, o sujeito que mais brincou com os significantes. Só que o que ele pareceu – se vocês me permitem dizer – não entender, era que isto não era poema propriamente. Não se tratava de fazer poesia, de fazer substituir um significante por outro significante. E me parece que o que Elizabeth mostra aí neste "*dor de amar-ela*" que poderia ser confundida com uma dessas brincadeiras do Magno, é a dimensão, difícil de precisar, de gozo do significante. E eu lhe pediria para explorar um pouco mais esta dimensão, uma vez que não é a relação poética, não é a transposição do significante ao significado o que nos interessa.

Segundo Radiofonia, a metáfora opera um efeito de sentido (não de significação do significante) e uma vez posta a serviço do recalque, produz a condensação, que já não implica mais em arte poética mas em razões, em efeitos de linguagem, próprios à significância, ao significado rigoroso do sujeito.

Por sua vez a metonímia, que é como acho que devo apreender o deslizamento desse sintagma "*dor de amar-ela*", não joga com o efeito de sentido mas com o gozo no qual o sujeito se produz como corte e do qual se satisfaz. Lacan propôs tratar a barra que separa o significante do significado como uma barra real, de modo que, quando dizemos que a barra do sujeito é o efeito de sentido do significante, estamos apontando sua dimensão metafórica, e quando dizemos que a barra do sujeito é o efeito de gozo do objeto *a* (ou do $S_1$ isolado, do Um), estamos apontando sua dimensão metonímica.

Há ainda no trabalho de Elizabeth uma questão lateral que gostaria de explorar. Trata-se de dois sintagmas: desejo de passe e desejo de Escola. O que me pergunto é se é possível tratar o desejo de Escola e o desejo de passe como conceitos, isto é, se podemos tratá-los no mesmo sentido em que tratamos os sintagmas desejo

da mãe e desejo do analista. Dizer desejo de Escola supõe que a Escola seja um objeto desejável como a mãe e ainda no sentido do genitivo latino, respectivamente subjetivo e objetivo, ou seja, desejável pela mãe e pelo filho. Não creio que se possa dizer isto do conceito de Escola, que seja um objeto desejado pelo passante e que ao mesmo tempo o deseja. O mesmo para o desejo de passe. Seria tratar o passe como um objeto tal como o analista, como a causa do desejo do sujeito. E se é verdade que o passe é o passador, o sintagma desejo de passe suporia tratar o passador como a causa do desejo do passante. Para evitar essa confusão, talvez Lacan tenha preferido falar de demanda de passe, "esse lugar implica que se queira ocupá-lo: não se pode estar aí senão ao tê-lo demandado de fato, *sinon de forme*".

Poderia dizer coisas semelhantes a propósito da contribuição de Graciela Bessa, dado que ela propôs tratar o significante espi(rr)ar como um significante Um ($S_1$). que se deposita como aluvião e constitui o inconsciente, ou seja, *alíngua*. Neste caso se explora a pulsão escópica, ou melhor, seu deslizamento no corpo produzindo uma somatização: espirrar.

Trata-se da conjunção significante e gozo. Isso é difícil de entender se não se está atento ao fato de que essa metonímia espi(rr)ar se joga no nível que Freud denominou de processo primário, isto é, no nível em que a metonímia é posta a serviço do recalque e produz o deslocamento, isto é, a transferência de gozo ao significante d'*alíngua*. Trata-se do que Lacan chama de fazer passar o gozo ao inconsciente: "A metonímia é o que determina como operação de crédito (*Verschiebung, virement*, deslocamento, transferência) o mecanismo inconsciente de ingresso de gozo".

Em ambos os casos – "*dor de amar-ela*" e "*espi(rr)ar*" – não se trata de fato lingüístico, nem de fato poético, mas de sintoma. E creio que essa é uma diferença a fazer entre processo primário e secundário em Freud.

Poderia esquematizar dizendo que no processo primário essas operações – metáfora e metonímia – estão a serviço do recalque, e no processo secundário elas estão a serviço, por exemplo, da elisão, ou seja, do efeito retórico. Isto quer dizer que os exemplos de Elizabeth e Graciela – "*dor de amar-ela*" e "*espi(rr)ar*" – não estão jogando no mesmo nível do exemplo de Lewis Carroll – "*toque a campainha, também*". Estamos propondo que nos dois primeiros exemplos se trata da dimensão de gozo do significante, enquanto que no terceiro, no de Carroll, se trata da dimensão retórica do significante.

Faço estas racionalizações a fim de concluir que o traumatismo é o mal-entendido do significante e que isso faz sintoma, embora seja sempre difícil afirmar que estes significantes isolados sejam "palavras de passe", dado o fato de que, tal como acontece com os chistes, uma vez explicados eles perdem sua graça.

Passemos finalmente à contribuição de Sonia Magalhães, que diferentemente das três contribuições anteriores que foram de passantes, é a contribuição de uma secretária do dispositivo do passe, proposto na Escola Brasileira de Psicanálise como passe de entrada, como dobradiça da entrada na Escola.

Sonia destaca um enunciado de Lacan acerca da didática – "Uma psicanálise se constitui como didática pelo querer do sujeito e este deve ser advertido

de que a psicanálise questionará esse querer na medida em que se aproxime do desejo guardado em segredo". Ela observa que é função do secretário do passe decidir se o candidato deve dar continuidade ao procedimento. Sua proposta é arrojada na medida em que atribui ao secretário uma função que Lacan havia depositado nas mãos do próprio analista, a saber, questionar o querer do sujeito.

Ela ainda destaca a necessidade de diferenciarmos a qualificação da análise didática da candidatura à Escola. E nessa oportunidade também questiona o conceito de desejo de Escola. Faz seu questionamento equivaler àquele que Lacan introduziu a propósito do desejo de saber, dizendo que o saber não é um atributo que se possa desejar, que se possa tratar de modo transitivo. Desejar, no sentido analítico do termo, no sentido freudiano de *Wunschen*, no sentido de almejar, não pode ser um verbo transitivo, dado que o objeto do desejo é, como se sabe, um objeto de pura consistência lógica, é na verdade um semblante de um objeto real que como tal é inefável, aquilo que supõe de vazio uma demanda, um objeto de desejo que só pode se situar pela metonímia, um desejo que nenhum ser suporta.

É esse questionamento que Sonia equivale ao questionamento do desejo de saber, ao *Wisstrieb*, que não há por que esse saber ser limitado ao gozo insuficiente que constitui o falaser, e que há pouco quisera utilizar para questionar os conceitos de desejo de passe e desejo de Escola. Além de que, ela sugere que a proposição de diferenciar a qualificação da didática da candidatura à Escola, é uma forma de incluir os não-analistas na Escola.

Finalmente, sob o termo de clínica do passe, Sonia quer nos fazer entender que o candidato exprime um desejo de reconhecimento e que o secretário deve efetuar um reconhecimento do desejo. Ele precisa portanto de instrumentos adequados para fazer esse reconhecimento que não é, segundo sua opinião, de desejo do passe mas de desejo do analista. Digamos que ela sugere que o Secretário do passe deve efetuar o reconhecimento precoce do desejo do analista. Como já disse, é uma proposta arrojada querer que em uma ou duas entrevistas se proceda tal reconhecimento. Por isso ela se apóia na experiência da clínica médica assim como na experiência da própria clínica da psicose para estabelecer um argumento analógico. Sugere que é possível reconhecer os fenômenos elementares do desejo do analista tal como se pode reconhecer os fenômenos elementares de uma psicose antes mesmo de sua declaração e tal como se pode reconhecer os signos clínicos de uma doença antes do momento de *crisis*, do momento em que os sintomas estão claros para se fazer o diagnóstico.

**Marie-Jean** – O encontro de Sartre com Freud é um fracasso. E se Sartre colocou a questão do ato, ele colocou em termos que não são os nossos. Tem uma fórmula – eu acho que é da Sonia – que é: a função política do passe é subordinada à clínica do passe. Isso eu não vou comentar porque é uma frase que, por si só, me surpreende.

Eu me pergunto afinal se essa história do passe na entrada – talvez eu me engane – não é uma maneira de organizar uma Escola sem passe. A experiência

mostra que não funcionou assim. Mas, afinal, o que as pessoas esperavam? Entrar numa Escola sem passe? Simplesmente poder dizer: eu sou psicanalista da Escola. Será que não há, na verdade, um curto-circuito da questão da autorização? Eis então algumas questões.Uma sobre análise didática. É certo que o que diz Lacan: quando o desejo do analista é discernido no analisante, então o analista é confirmado como didata. Mas isso quer dizer o quê? Parece-me que isso quer dizer que o analisante foi conduzido até esse ponto graças à posição do analista. Mas nesse ponto o analisante escapa ao psicanalista. Ou seja, que sua análise não é o efeito de uma sugestão. É uma avaliação pelo avesso da psicanálise. Ou seja, é passando que ele escapa.

E é claro que podemos imaginar que alguns analistas podem ter temor dessa experiência. Mas talvez sejam os que acreditam que a análise é o fato de sua ação. Lacan diz, atenção! que só há um ato analítico, que é o passe do analisante numa análise. O que o analista pode fazer é não comprometer esse passe.

Bom, eu tinha outras questões sobre a exposição de Graciela, que é uma questão teórica da forclusão generalizada que, talvez, devesse ser reavaliada. Na exposição de Elizabeth tem um ponto que me interessa como questão que é a questão da pulsão que ela coloca. E na exposição de Dominique, sobre o fato de haver falha na transmissão. Não sei bem se foi Elizabeth ou Dominique que distinguiu um passador e outro, e a gente se pergunta: Na verdade, onde está a responsabilidade no fracasso da transmissão? E eu queria colocar uma questão: será que você não acredita que há um fracasso irredutível da transmissão e que o que nos chateia são todos os fracassos ligados a considerações imaginárias e secundárias . Vocês conhecem o livro de Agamben sobre o que sobra de Auschwitz? Agamben coloca a questão dos testemunhos de Auschwitz. Talves se possa dizer que a experiência do passe, de certa forma, lembra a experiência do holocausto.

**Jairo** – Eu queria propor uma questão rapidamente. Vamos supor que J.-A. Miller concorde com sua teoria, com seu conceito de Escola. E justamente o que estamos criticando é que, sob sua direção, apesar desse conceito, a experiência fracassou.

**Marie-Jean** – Com apenas uma palavra Miller freqüentemente fez uma teoria que nos pareceu exemplar. Talvez a gente precise, também, reavaliá-la, mas eu não estou de acordo que ele tenha a mesma teoria. E eu já tive ocasião de fazer observações sobre uma observação que ele fez. Miller me disse que ele propôs, no cartel do passe, nomear AE aqueles que resistem a ele, Miller, como teoria. Eu agradeço a Miller pela bela forma que peguei dele: que o sujeito é uma objeção ao saber. E vocês conseguem ver que não tem nada a ver o que eu chamo de objeção ao saber com o que Miller falou? Porque quando ele diz: eu nomeio AE aquele que me resiste, ele continua sendo o senhor, o dono da teoria. A fórmula de Elizabeth, ou o que tento dizer, é que estou pouco me lixando se ele acha que isso resiste a ele ou não. Mas eu sei que o que foi produzido como o mais particular de meu ser no final da minha análise, o meu ser no final da minha análise é irredutível à teoria de Miller, à de Lacan, e à de Freud também. Mesmo se me é preciso a teoria de Freud e de Lacan para me dar conta disso.

**Dominique Fingermann** – Em resposta a Jairo Gerbase, posso dizer que a meu ver a diferença entre a obra do Sartre – *As Palavras* – e um depoimento de passe é fundamental e radical. Isto não invalida de forma alguma a façanha literária nem o esforço de Sartre, isto é, a sua tentativa corajosa de testemunhar da sua história ou seja, do peso, do trauma da alienação ao Outro. O que pode acontecer na experiência do passe é algo às avessas do depoimento de Sartre, um depoimento de passe é além da queixa e da justificação, é uma demonstração de separação e não de alienação.

O que ocorre num depoimento de passe interessa à psicanálise e constitui uma condição da sua extensão, pois a psicanálise só pode perdurar se for sustentada num desejo inédito. Um desejo de psicanalista se funda no limite do Outro (a sua falha, o seu desejo, o seu pecado, S (Ⱥ)), não para se desculpar nem se conformar, mas para que a psicanálise produza algo além da neurose. A psicanálise, para sua extensão, necessita dar provas da sua eficácia, ou seja, do fato que ela vai além da neurose, e da neurose de transferência com a qual ela começa. O passe é para quem quiser, para quem quiser contribuir desta forma para a extensão da psicanálise e arriscar-se a fazer prova do desejo de analista enquanto emergência particular da diferença absoluta. Trata-se de fazer valer a emergência da alteridade absoluta, S (Ⱥ), que deixa o sujeito frente à sua solidão mas também à sua responsabilidade, que podemos considerar como um outro nome do desejo. O ato analítico não silencia o saber, mas silencia, corta a suposição de saber.

No caso, argumento de meu passe, a emergência da responsabilidade radical do sujeito em relação ao que ele fez da estrutura do significante silenciou, cortou a suposição de saber: "não tinha Outro..", e isto constituiu a emergência do desejo do analista. No começo da neurose, havia uma interpretação do nome próprio (impróprio por estrutura), como se fosse uma injunção fálica vinda de um Outro suposto, à qual se acrescentou a consistência imaginária dada ao intervalo significante. "Se fazer ser de..." era uma resposta alternativa à injunção fálica para tentar resolver a questão do ser faltante. O ato analítico corta na suposição de saber e na suposição de gozo.

O que Jairo está chamando de precário no dispositivo, me parece adequado para presentificar o silêncio do Outro, a ausência absoluta de garantia e o fato de que o que "*passa*", passa através dos furos do Outro, é por isso que eu chamei o passe de "*passoire*" ( coador).

**Elizabeth Miranda** – Eu queria primeiro agradecer a Marie-Jean que colocou a questão que eu mencionei, de forma bastante clara: apesar de não ter vindo a resposta, isso já não importava mais. Porque, enfim, é como eu disse: eu já me sentia parte dessa Escola e o dispositivo, esta experiência, essa experimentação, essa prova ultrapassa a questão da nomeação. Não que a nomeação não seja importante e não tenha seus efeitos, mas, a experiência ultrapassa esta questão. A questão da resposta, ela cai.

Quanto à questão da pulsão que também ao encontro do que Jairo perguntou, a questão da dor amarela, eu acho que o gozo nessa demanda ao Outro impedia, aí, o saber. O gozo do sujeito estava preso aos si[illegible]ificantes que vêm do

Outro. E o que há é uma mudança nessa demanda do ser amada ao amor. Ainda a respeito dessa questão da pulsão, o sintoma foi apaziguado, mas não basta saber, eu acho que teve que surgir num outro momento essa ressonância do significante que veio em um momento preciso em que, pelo ato do analista, o sujeito pôde ter, aí, uma tykê que muda a relação pulsão-demanda.

E quanto à questão do dispositivo, Jairo, você diz que Freud precisou de dois personagens, e eu fico pensando se seria assim, porque eu acho que ele precisou da comunidade. Ele teve vários interlocutores, ele permitiu a IPA, havia os analisantes dele, ele e todas aquelas reuniões onde isso era dividido e que talvez funcionasse, aí, como esse Outro necessário para esses processos, para que isso se pudesse fazer. E a Escola, o desejo de Escola? Como é que seria uma comunidade de analistas onde não houvesse um lugar em que se pudesse dar provas do ato analítico e da responsabilidade que isso implica? Enfim, essa minha pergunta é direcionada a você como uma resposta à sua.

**Graciela Bessa** – Como é que eu poderia resumir essa questão sobre a foraclusão generalizada que você traz e que Marie-Jean trouxe, de certa forma, você toca na sua exposição também? Eu começaria tentando matemizar isso lembrando um comentário de Jean Hypolite sobre a "*denegação*", o texto "A Denegação" de Freud, onde, ali, atento ao que Freud estava escrevendo, Hypolite pinça um ponto onde Freud diz que há uma *Ausstossung* primária. Para que possa ocorrer a *Bejahung* é preciso que haja uma expulsão primeira, quando Freud diz que antes há uma indiferenciação primeira, e que é só a partir dessa expulsão que algo se torna estranho ao eu. Estranho no sentido mesmo de nunca mais... de não ser recuperado.

Então, tomando a partir dessa lógica, tomando isso e retomando o que o senhor coloca – que há algo do qual o significante não toca e que isso é próprio do ser falante – então, foraclusão generalizada, no sentido mesmo de diferenciar o que é a foraclusão que define a estrutura do psicótico, é para definir isso que nos faz *seres falantes*, já que somos seres habitados pela linguagem e por sermos seres falantes estamos condenados a ficar sempre algo fora da linguagem. Não temos como apreender, eu acho que seria uma forma rápida de dizer o que estou chamando de foraclusão generalizada.

E quanto à pergunta que Jairo coloca para o senhor e que está no meu trabalho e que eu coloco como a invídia, tomo como isso que se passa, eu tomo por essa vertente, esse rancor que acontece entre uma mãe e uma filha, essa *invídia*. Interessante, eu estou me lembrando até de um texto de Bernard Nominé que está publicado na *La petite Girafe* – "*Os danos da mãe analista*" – onde ele também fala dessa inveja do pênis. Porque na verdade não é o pênis que a menina inveja enquanto órgão. Não é porque lhe falta algo que ela invejaria esse pedaço do qual ela estaria privada, mas isso remete à questão do gozo.

E o outro texto em que me apoiei para trazer isso é um texto do Jairo onde ele trabalha o insulto: "Fascinação e insulto". Ele também trabalha essa vertente da inveja do pênis como tocando essa questão desse gozo ao qual o significante não

toca. A invídia viria como um recobrimento, uma forma de dizer esse impossível. A invídia, tocando essa questão desse gozo indizível, e que diz respeito a essa devastação entre uma mãe e uma filha, muito mais no sentido de que é o gozo que devasta.

**Sônia Magalhães** – Quando me propus a escrever alguma coisa sobre o passe me intriguei muito com uma questão. Lacan dizia: "instituí o passe na minha Escola sem forçar ninguém a isso". Mas nós sabemos que por trás disso está a questão: o que faz alguém decidir passar de analisante a analista? Esta que, nós sabemos, e eu gosto muito de me lembrar desta entrevista de Lacan em Roma, quando ele vai trazer esta questão dos impossíveis. Quer dizer, sabemos que o que nós fazemos quando nos decidimos estar aí neste que eu chamo este ofício, é uma questão que nos lança em pesquisas como estas que estamos aqui fazendo. O que foi essa descoberta de Freud? O que, a partir daí, faz Lacan trazer seus dois dispositivos?

Eu creio que, tal como Marie-Jean falou, depois da psicanálise, ainda que do uso corrente, algo, por exemplo, como decidir: o que é um ato, o que é um *acting-out*, o que é uma passagem ao ato? O que é ato? que ato é esse que pode ser comprovado só depois? É ato. Eu creio que vale a pena fazer isso que estamos fazendo aqui, tentar ainda trazer de novo essa questão: que faz alguém querer ter este certificado de suportar estar aí, como Marie-Jean dizia, quer dizer, uma análise pode chegar até o fim e podemos até dizer que a partir daí há um didata, mas contanto que não crie obstáculos a isso. Então, suporte mais uma vez, no fim, cair.

Essas questões me fazem supor que não é de qualquer maneira que se diz, pelo menos eu acredito, quando escolhemos *Campo Lacaniano;* que com o *Campo Lacaniano,* e tomando essa questão dos discursos, poderia algo novo ser trazido aí, não só no impossível de analisar, mas no impossível de governar, no impossível de educar, em relação aos outros discursos. Então, eu continuo achando que vale a pena tentar, ainda que saibamos que retornar a Lacan não é tão simples assim. Esse retorno seria retornar, talvez, à possibilidade, como eu dizia a Quinet, quem sabe?, tudo bem, continuemos! Eu pelo menos achei bom quando ele me elucidou que ali onde havia o júri, então foi colocado o cartel. Por quê? Porque também o cartel traz a questão de descompletar. Então, alguma coisa nova Lacan nos trouxe. Talvez, a partir daí, possamos também trazer algo novo.

**Nilda Deiró** – É interessante perceber que em todas as instâncias do dispositivo do passe o desejo do analista está presente. E fiquei pensando, usando aquela figura de Dominique, que nesse dispositivo algo escoa e é isso que vai dando a passagem. E pelo que ouvi também do cartel do passe eu aprendi, posso estar errada, mas aprendi assim, que houve a barreira no cartel do passe para esse escoamento. E um ponto que proponho para refletirmos é justamente a posição dos analistas reconhecidos ao ocuparem essa função no cartel do passe. Resgato aqui um termo de Lacan – a verificação do desejo do analista. Então, quando pensamos em verificação, eu acho que o discurso do analista está circulando. Entretanto, se o cartel tomar o passe como

uma avaliação, eu penso que há uma saída do discurso analítico para o discurso do mestre. Isso é um ponto que eu quero refletir, foi algo que me causou nesses depoimentos e que quero continuar pensando.

**Graça Pamplona** – Bem, eu queria colocar algumas coisas a partir da mesa, na medida em que todos os trabalhos trouxeram pontos, para mim, importantes. Incluindo os comentários de Jairo quando ele fala de Sartre. Eu acho que quando ele nos traz, neste debate, sobre o passe, sobre essa experiência, que pudemos ter, ainda na AMP, o fato de hoje estarmos tentando buscar o que pôde se depositar disso tudo para nós, traduz uma responsabilidade que se compartilha. E eu me incluo nesta também, embora não tenha passado por nenhum dos lugares dos dispositivos.

Eu acho, de fato, muito bonito quando Sartre diz que começa a vida onde chegará a morte, que sua vida começa tal como a morte, entre livros. Eu acho que isso é muito bonito, é uma forma bela de trazer, e quando me tocou como belo, veio exatamente como belo em contraste com o que hoje eu vi nas mesas. E me parece que, em Sartre, o que aparece como belo poderia se dizer como o último véu antes do horror. Talvez este seja o contraste entre o escrito de Sartre e o que se pode chegar no passe, na medida em que, de algum modo, o vivente surge entre urina e fezes. Talvez seja disso que nos fala, também, Marie-Jean Sauret, ao tentar nos dizer que a experiência do passe é, de certa forma, a experiência do holocausto. O que acho que não fica diverso, podendo passar a alguma coisa de cômica, efetivamente, nessa comunicação onde uma *larga tixa espia* quando espirra, ou quando uma Dominique tem tudo, ou mesmo uma *rainha amarela.* Acho que isso nos traz uma certa dimensão do que hoje é possível transmitir, que é essa redução do drama, do trágico que, na arte, o belo vem recobrir, e que eu acho que na experiência possível da análise do passe se pode tentar chegar.

Daí eu poder passar ao que, a meu ver, é uma questão que nos atravessa– acho que a todos que estamos aqui – , que é: o que é essa comunidade? Qual é essa comunidade? Acho até que hoje já somos pequenos, no sentido de que estamos *small.* E acho que poder estar nesse *small*, para mim pelo menos coloca a questão de até onde vai esse *small* – que para mim está além de um recorte territorial, já há bastante tempo –, do que essa experiência que temos vivido desde o ano passado coloca pra mim, pelo menos hoje. Uma comunidade que inclui, onde estão presentes outros, para além do meu limite do Rio de Janeiro. E é nesse sentido que eu penso no que é essa comunidade hoje, de fato, para que possa vir a se estruturar efetivamente como uma comunidade de experiência. É nesse sentido que eu vejo que um debate como este de agora é um momento de construção.

A respeito do que Sônia Magalhães aponta, da necessidade que viu, a partir da experiência, de que se voltasse ao plano conceitual, talvez tenha ficado como o maior desvio e o maior foco das distorções, justamente, o ter escapado de qualquer plano conceitual pelo qual a gente não se responsabiliza mais e vale tudo.

Então só para registrar, quando me ocorreu essa expressão Passe sob

Transferência em substituição a Passe de Entrada – que me alegra ver hoje podendo funcionar como alguma coisa que move ao trabalho –, mesmo que não seja a melhor das expressões, foi no sentido de tentar retornar ao plano conceitual.

**Alba Abreu** – Eu vou tomar pelo final. Marie-Jean estava falando sobre o passe, falando que seria um tratamento do gozo contra a segregação. E pelo relato de Quinet ontem de noite, que deixou a todos nós um pouco assustados, vimos que o passe na Escola Brasileira de Psicanálise foi exatamente algo que não tratou muito bem disso. Como Jairo bem colocou hoje, sejamos humildes, o passe é precário. Depois de ontem à noite nós diríamos: precaríssimo. No entanto, depois dessa mesa composta de pessoas cujo trabalho a gente conhece, conhece a ética, conhece o desejo, fica-se pensando como é que daquela precariedade se pôde retirar tudo isso. É surpreendente. Por isso, Jairo, quando você fala – precisamos ver esse passe; por que é que Freud precisou de dois, Lacan precisou de onze –, eu não sei se a questão é onze ou dois, eu acho que você não está falando sério quando fala de dois ou três.

**Jairo Gerbase** – Seriíssimo. Três pessoas são suficientes para montar um dispositivo do passe, na minha opinião.

**Alba Abreu** – Então, depois a gente conversa. Retomo o que Graça fala, porque me tocou também o que Jairo disse "*small is beautifull*." Eu tenderia a lhe mostrar uma outra coisa, Jairo: Você diz a "nova ordem mundial" pra gente pensar contra os processos de universalização, de globalização, porque os analistas tenderiam a se globalizar? Eu vou lhe propor uma outra coisa. Será que nessa coisa fechada que você diz, nesse mundinho nosso – e aí eu me refiro muito a mim, especificamente, por vir de uma pequena cidade, de um pequeno Estado, sem esse espaço maior – e se a gente puder pensar que vai ter um outro, uma outra pessoa num outro lugar, com quem a gente pode trocar experiências, sabendo que tem outra pessoa trabalhando aquela questão? E como está trabalhando, isso não seria fazer um furo no círculo fechado? Pensar nessa tendência ao infinito como aquilo que a gente necessita, de ter sempre algo que escapa, que é difícil da gente fechar?

Enfim, eu fiquei pensando nisso, será que não seria uma boa experiência? Não a universalização, no sentido de toda a homogeneidade possível, mas no sentido de que sempre haverá alguém que está fazendo alguma outra coisa e que eu gostaria de saber. E aí, talvez, eu me sentisse até menor do que eu seria no meu Estado, na minha cidade, no meu grupo, como você diz, em torno dos mesmos. Por isso eu acredito em uma associação e até em uma internacional, nesse sentido. Nesse sentido de pensar o infinito como aquilo que introduz o espaço vazio. Bom, pra começo é isso.

**Clarice Gatto** – É, primeiro eu gostaria de fazer uma brincadeira com o Jairo, nessa história do *small*. Eu fiquei lembrando do "*Fashion Mall*" que é um nome de um shopping que temos lá no Rio de Janeiro. Eu me perguntei se a gente não poderia ser *fashion*. Aí a Eliane falou assim: Não, porque tem a ver com a moda. Então me

lembrei de uma entrevista recente a que assisti, do Yves Saint Laurent, e que achei interessante e que tem a ver, talvez, com o tema da próxima mesa: "A moda passa, mas o estilo fica". E ao que nós estamos assistindo aqui de novo é um pouco desse resgate do estilo, não é? Do passe, de uma tentativa, enfim, de estar relendo, estar retomando.

Eu já tinha escutado a Graciela, já tinha escutado a Beth lá no Rio de Janeiro, e teve uma questão que a Sônia trouxe que me fez perguntar, como tornar compatível – não sei se essa é a melhor palavra, isso é um paradoxo – essa questão de querer ser reconhecido com a proposta de se trazer um desejo inédito, algo novo. Isso me ficou como uma questão, porque eu não estive na EBP, eu assisti aos depoimentos. Como é que a gente pode sustentar esse paradoxo? Com os depoimentos, o que me deu um pouco a impressão é que tinha um fomento ao passe. Assim como se tem um fomento à pesquisa. Tinha um fomento ao passe. E um fomento à pesquisa implica um certo modelo. E eu fico pensando até que ponto esse modelo é inconsciente mesmo. Então, as pessoas começam a repetir a sua história, porque é uma con-dição de possibilidade. Esta é uma questão. Eu não tenho clareza sobre isso, é uma questão.

E hoje, para terminar, ouvindo a Dominique, uma das questões que eu me colocava era esta: ir além do drama, ir além da história pessoal, ir além do *Witz*, ir além das vivências. Como fazer isso, como esvaziar completamente essa história? Essa é uma questão. Eu, enfim, estou encontrando aí algumas estratégias.

E no que a Dominique trouxe, me chamou a atenção a quantidade de vezes que ela repetiu a palavra "explicação" no seu depoimento. Achei muito interessante o que ela trouxe, gostei da sua proposta teórica de pensar essa impossibilidade de transmissão. E aí me lembrei do texto de Freud, "Inibição, Sintoma e Angústia", onde ele vai exatamente dizer que o luto não é mais uma *Deutung*, uma significatividade, mas o luto é uma explicação que resta como uma angústia real. Fiquei com essa questão e um desafio: Por que não trabalhamos isso? Porque era essa a questão para mim: Como articular o que a gente experimenta com a teoria psicanalítica? Acho que esta é a questão.

**Luiz Carlos Nogueira** – Bom, primeiro eu quero dizer a vocês que estou muito contente de estar aqui, e agradeço a lembrança de Jairo e a Helena que também está me acompanhando. Eu acredito que do Campo Freudiano para o Campo Lacaniano há uma mudança grande. Eu conversei isso com o Marie-Jean Sauret em São Paulo e entendo que pra mim isso foi uma elaboração até agora com relação à saída da Escola. Quer dizer, acho que estamos fazendo um grande luto ainda – eu pelo menos estou – de termos trabalhado tanto tempo pra fazer essa Escola e a gente ter que distanciar de muitos amigos, muitos colegas e continuarmos lendo os textos de pessoas que se pautam pela ética da psicanálise.

Eu queria dizer que há uma questão que me persegue há muito tempo com relação ao passe, embora eu me sinta, assim, um pouco paralisado na "Proposição" de 67. E aproveitei muito da exposição de todos vocês aqui falando da própria experiência. Mas a questão que me persegue é a seguinte: O passe é uma verificação

ou é uma construção da Escola? Eu li, recentemente, um texto que foi publicado pelo grupo do Rio de Janeiro, com relação ao trabalho que foi feito na última reunião do Campo Lacaniano. Acho que é um artigo do Bernard Nominé, em que faz essa diferença entre o AE e o AME: o AME, que tem o reconhecimento da Escola, e o AE, que vai construir a Escola.

Eu entendo que a proposta de Lacan em 67 foi essa que alguns falaram, de que quem quisesse fazer o passe ia dar uma contribuição para o avanço da psicanálise. Então isso não pode ser verificado, a meu ver isso é uma contribuição. Quer dizer, isso significa que a pessoa já concluiu a sua análise, finalizou a sua análise e se autorizou como analista. Então essa autorização não vai poder ser superada por nada, porque o reconhecimento da Escola como AME é um reconhecimento objetivo, não é um reconhecimento da análise, é um reconhecimento do trabalho que o sujeito fez, do crédito que ele deu à análise, do trabalho clínico que ele representa. Acho que é uma posição, digamos, política, que todo grupo humano deve ter e que acho que nós também podemos ter. Mas o AE, eu acho que é um algo mais que depende de quem quiser e não de algo exigido pela Escola. E nem mesmo algo tomado como um critério, como uma condição pra ser analista. Isso é a questão que tem me perseguido.

E quando a Graça lembrou do fatídico dia em que foi aprovada a entrada na Escola pelo passe – que foi realmente uma coisa incrível, todo um manejo político que foi feito para que fosse unânime a votação – entendi que tínhamos mudado completamente a concepção de Lacan. E por isso acho que fiquei na "Proposição" de 67. Pode ser que, lendo outros trabalhos, a Nota aos italianos... ou vocês me convençam de outras coisas, mas eu entendo que é um algo mais.

Eu entendo que quem quer fazer o passe está dando uma contribuição, está fazendo uma tentativa como fizeram aí, de formalizar alguma coisa que é uma experiência original. Para mim, durante todo esse tempo de análise, a conclusão que cheguei é de que a psicanálise é uma experiência original. Então, nós não temos referências a outras experiências porque ela é original. E acho que é isso que o Lacan pensou ao propor, em 67, que o analista que tivesse finalizado a sua análise, quisesse realmente dizer sobre ela de uma maneira científica que pudesse dar um crescimento à própria análise.

Mas eu admito que temos que pensar, temos que ver outras idéias que possam estar realmente ajudando o crescimento da psicanálise. Entendo que isso que se propõe... e o dispositivo que ele propôs é bastante complexo, como o Jairo lembrou, parece trazer algumas contribuições. A gente conhece pessoas que fizeram o passe e que revelam realmente que deram alguma contribuição.

**Rainer Melo** – Primeiro eu quero falar sobre os trabalhos da mesa. Tive oportunidade de falar com a Sônia que achei ótimo o trabalho dela, porque era a única secretária entre vários passantes. Ela falou a partir de sua própria experiência e acho que deu uma contribuição muito grande para os avanços dos nossos trabalhos. E também, assim, através dos depoimentos e dos trabalhos foi possível verificar que o passe funcionou em detrimento da política partidária querendo sobrepor à clínica.

Ontem tive oportunidade de falar com o Jairo, quando o ouvi falar de três pessoas para o passe, eu acho que isso não funciona. Não tem condição. Hoje ainda perguntei ao Jairo se não estava brincando quando estava falando isso. Porque acho que não tem como, não tem condição colocar só um passante e um passador, com o outro como se fosse o analista para ouvir. Acho que isso aí vai prejudicar, vai derrubar tudo. Já é difícil com dois passadores e um cartel! Quanto à função do êxtimo, concordo que não tem necessidade de entrar nesse dispositivo.

**Jairo Gerbase** – Eu queria dar uma palavrinha. Uma só questão, isto é, a epistemologia científica. Porque o argumento verdadeiramente forte aqui é esse: apesar dos disfuncionamentos, o passe funciona. Me permitam levantar esta suposição: a epistemologia científica diz que esse argumento é de verificabilidade.

**Antonio Quinet** – Eu também só queria dizer e lembrar uma palavrinha que impressionou muito a Freud: *"Ça n'empeche pas d'exister."*

Associação Fóruns do Campo Lacaniano

# Associação Fóruns do Campo Lacaniano

O Campo Lacaniano, sintagma que inclui na psicanálise o campo do gozo,[1] dá o nome ao movimento que surgiu para apostar na possibilidade de psicanalistas se organizarem para fazer avançar a psicanálise, sem deixarem de levar em conta que o desejo é de cada um.

Fundada em 3 de outubro de 1999 em Belo Horizonte, a AFCL é uma associação genuinamente brasileira e coordena os Fóruns do Campo Lacaniano no Brasil, sem subordinar suas direções locais. Sua criação é conseqüência da organização desses Fóruns e do desejo de constituição de uma Escola para a psicanálise onde possa vigorar o Discurso do Analista inaugurado por Sigmund Freud e formalizado por Jacques Lacan.[2]

No âmbito internacional, a AFCL é membro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF), da qual também são membros os diversos Fóruns do Campo Lacaniano do Brasil.[3] *Stylus* surge, então, como primeiro periódico da AFCL que, em breve, também estará veiculando no Brasil o Boletim da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF).

Com este número inaugural, *Stylus* inscreve a marca de um estilo que é aquele da própria AFCL: o questionamento da experiência do trabalho de cada um na relação com a psicanálise, a colocação a céu aberto desse questionamento e o ensino que dele pode ser extraído. Além de promover a retomada do conceito de Escola criado por Jacques Lacan em 1964, esse estilo também tem como função verificar nosso trabalho no laço social com os psicanalistas, com suas instituições e no campo das conexões da psicanálise.

A AFCL agradece a Antonio Quinet, primeiro coordenador do Espaço Escola – instância desta associação – , a iniciativa do empreendimentro de *Stylus*, à equipe montada em Belo Horizonte pelo interesse e sustentação do trabalho.

*Sonia Alberti*
Diretora da AFCL

---

[1] Sintagma extraído por Colette Soler do ensino de Lacan.(LACAN, J. *O seminário*, livro 17: O avesso da psicanálise.

[2] cf. Preâmbulo do Estatuto da AFCL, neste número.

[3] Atualmente: Aracaju, Belo Horizonte, Campo Grande, Fortaleza, Juiz de Fora, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo

# A atualidade do cartel na Associação Fóruns do Campo Lacaniano[1]

*Clarice Gatto*

Nas "Jornadas sobre os Cartéis" em abril de 1975, no âmbito da *École Freudienne de Paris*, Lacan conclui haver confessado "o que há detrás desta espécie de proposição duvidosa que representa o cartel".[2]

Proposição duvidosa, talvez porque não pára de escrever as condições de incertezas, que ainda hoje nos leva a refletir sobre a estrutura, a função e o funcionamento do cartel no âmbito de uma Comunidade analítica, como a nossa, rumo a uma Escola de Psicanálise.

Em 1964, na famosa Ata de Fundação da EFP, ele escreve:

"Aqueles que vierem a esta Escola se comprometerão em realizar uma tarefa submetida a um controle interno e externo. Será a eles assegurado, em contrapartida, que nada se poupará para que tudo o que façam de valioso tenha a repercussão que merecer no lugar que lhe convenha. Para a execução desse trabalho adotaremos o princípio de uma elaboração baseada num pequeno grupo; cada um deles (e temos um nome para designar esses grupos) será composto por três pessoas, no mínimo, e por cinco, no máximo - quatro é a medida certa. Mais Uma (*Plus Une*), encarregada da seleção, da discussão e do destino reservado ao trabalho de cada um. Após um certo tempo de funcionamento, se proporá aos elementos de um grupo sua permutação para outro. O cargo de direção não constituirá um caciquismo cujo serviço prestado se capitalizaria pelo acesso a um grau superior, e ninguém deverá sentir-se rebaixado por entrar em nível de um trabalho de base".[3]

Em 1980, em D' Écolage, Lacan, após a dissolução de sua Escola, funda a "Causa Freudiana" como Campo - onde cada um terá liberdade de demonstrar o que faz com o saber que a experiência decanta. Nessa nova empreitada ele retoma o cartel, como órgão de base de sua Escola, para aprimorar sua formalização e propor novamente, agora de modo diferente:

"Primeiro - quatro se escolhem para levar a cabo um trabalho que deve ter seu produto. Preciso: um produto próprio de cada um e não coletivo.

Segundo - A conjunção dos quatro se faz ao redor de um Mais-Um (*Plus-Un*) que, se é qualquer um, deve ser alguém. Será encarregado de velar pelos efeitos internos do empreendimento e de provocar sua elaboração.

Terceiro - Para prevenir o efeito "*de colle*", deve-se realizar a permutação no prazo estabelecido de um ano, no máximo dois.

Quarto - Não se espera outro progresso senão o de uma periódica exposição dos resultados, assim como das crises do trabalho.

---

[1] Gostaria de agradecer a Sonia Alberti pela leitura prévia desse trabalho e suas valiosas contribuições. Agradeço também a Olympio Xavier pela sugestão do título desse trabalho.

[2] Lacan, Jacques, "Jornadas sobre Cartéis" (1975), *Letra Freudiana*. Número 0. Rio de Janeiro, 1987.

[3] Lacan, Jacques, "Ata de Fundação da E.F.P.", *Letra Freudiana*, *op.cit.*.

Quinto - O sorteio assegurará a renovação regular dos limites demarcados com o fim de vetorizar o conjunto".[4]

O que muda entre a primeira e a segunda proposição de Lacan sobre esse pequeno grupo nomeado cartel?

Muda muita coisa! Nessas mudanças encontramos material suficiente para nos evocar de novo, provocando-nos novas reflexões. Afinal, o novo não está "no acontecimento de seu retorno",[5] como nos lembra Michel Foucault?

Se na primeira proposição, a composição do cartel vacila entre três ou quatro pessoas Mais Uma, no máximo cinco, na segunda, a composição passa a ser de quatro Mais-Um, "podendo ser até seis"[6]. Se na primeira se trata de Mais Uma pessoa, na segunda, trata-se de Mais-Um, que se é qualquer um, deve ser alguém. Se na primeira o tempo de trabalho é aberto, na segunda esse tempo implica uma duração estabelecida entre um ano, no máximo dois. Se na primeira o princípio era o da escolha também para reagrupar-se em novos cartéis, na segunda é o sorteio o critério para a permutação com o fim de vetorizar o conjunto.

Porém, desde "As Jornadas de 1975", Lacan desejava que a entrada em sua Escola fosse não a título individual, mas a título de um cartel. "Seria evidentemente esperável ver realizar-se daqui por diante – e é, o repito –, não pode doravante ser definido como sendo uma condição, mas seria esperável... "

Se não pode ser uma condição *sine qua non* de entrada, era esperado por Lacan, daí o caráter de proposição desse pequeno grupo nomeado cartel. Pequeno grupo porque se distingue do agrupamento nas instituições psicanalíticas, como escreve John Rickman em "Reflexões sobre a função e a organização de uma sociedade psicanalítica", 1951[7]. Lacan bebeu dessas águas, sabemos disso, para recolher o que interessava à transmissão da Psicanálise: estabelecer distinções para refletirmos sobre nossos funcionamentos. Para Rickman, "o grupo se estrutura entre três e cinco" - numa divertida alusão à estrutura do complexo de Édipo, aproximando, como Lacan, "os princípios da psicanálise aos próprios meios de apreendê-la"[8]. Além de cinco, brinca, começa a *multibody psychology*!

À pergunta "o que pode ser a função do chefe em um grupo científico de troca de idéias?", Rickman responde que no grupo psicanalítico - diversamente dos grupos organizados da Igreja e do Exército tal qual define Freud - a palavra é o mestre "condutor". As modalidades de funcionamento dessa palavra exercem a produção de um "trabalho de pensamento". Utilizando-se da expressão "a tradição oral da psicanálise" ele – comenta Jacqueline Poulain-Colombier – demarcava que "aquele que fala faz uma parte de seu 'trabalho de pensamento' enquanto fala. Ele avança em

---

[4] Lacan, Jacques, "D'écolage", *Letra Freudiana*, *op.cit*.

[5] Foucault, Michel, *L' ordre du discours*, Gallimard, 1971.

[6] Conferir as reflexões de Lacan sobre a composição do cartel e as aproximações que faz com o nó borromeano durante as "Jornadas sobre Cartéis" (1975), *Letra Freudiana*, *op.cit*.

[7] Rickman, John, "Reflexões sobre a função e a organização de uma sociedade psicanalítica" [in *Selected Contributions to Psycho-Analysis*, Londres, Hogarth Press, 1957], citado por Jaqueline Poulain-Colombier, "Dé-supposer le savoir", *Littoral*. Número 15/16, Paris, Eres, 1985.

[8] Quinet, Antonio, "Prefácio", *O cartel. Conceito e funcionamento na Escola de Lacan*, São Paulo, Campus, 1995.

seu pensamento ao falar, endereçando-se ao público que ali está. A palavra, quando ela avança com o pensamento, toma em seu movimento aquele que escuta e é ativa no laço que ela estabelece com ele. Aquele que está sobre o tablado não tem mais poder sobre essa empreitada e sobre esse trabalho da palavra do que aquele que escuta, e a validade de um argumento só poderia ser apoiada sobre uma posição estatutária, de um lado como do outro dessa linha fictícia que é a tribuna"[9].

Essa "tradição oral da psicanálise", como nos demonstra o ensino de Lacan, convoca o sujeito "a pensar" em sua cisão, seja através das modalidades de trabalho que inscrevem o objeto - *a petit* - da Psicanálise, seja relançando-o na incompletude evocada pelo "recalcamento originário" (*Urverdrängung*).

Nessa perspectiva, Lacan inventa e nos propõe essa possibilidade de encontro genial onde cada um, desde que queira, possa "se expor" compartilhadamente com outros – a partir de problemas que lhe suscita a vivência da experiência psicanalítica inaugurada por Freud. Se o cartel é um pequeno grupo para estudar, ele porém o é especialmente *a posteriori* quando seu produto - um escrito, por exemplo - sustenta a Psicanálise a partir de elaborações próprias endereçadas a um controle interno e externo através das vias de publicações (Jornadas, Boletins, Revistas, Congressos, etc.). Se Lacan insiste em formalizar o cartel, contudo ele não impõe funcionamentos, ele propõe. Suas reflexões perante os parceiros de *camp*[10], conforme costumava dizer, assinalam a marca, sempre provisória, dos embaraços presentes nos encontros humanos.

## A atualidade dos cartéis em nossa Associação Fóruns do Campo Lacaniano

A atualidade dos cartéis em nosso agrupamento, com certeza, é passar por essa experiência que nos incita Lacan. E, no decorrer, trabalharmos sobre ela, para posteriormente testemunharmos sobre isso que foi feito e do jeito que foi feito, e assim demonstrarmos o "saber que a experiência decanta".

O cartel é um lugar de encontro, de elaborações compartilhadas ainda que solitárias, de surpresas sobre o que ainda nos intriga na experiência psicanalítica. Se é um lugar de elaborações compartilhadas, é também um lugar por onde a libido faz sua entrada! Será essa a razão de tantos fracassos nos cartéis? Será por isso que Lacan se preocupou em dizer grudem-se, trabalhem, e depois desgrudem-se?

Convidamos, então, aqueles que a Psicanálise intriga para que nos enviem suas propostas de trabalho em cartéis e/ou suas elaborações individuais. A Associação Fóruns do Campo Lacaniano se compromete em criar uma periódica exposição desses resultados. Uma das formas é nossa Rede de Fóruns; as demais, em breve serão divulgadas através da "equipe de cartéis".

---

[9] Poulain-Colombier, Jaqueline, *op.cit*.

[10] Lacan, Jacques, *Problèmes cruciaux pour la psychanalyse*, aula de 6 de janeiro de 1965, *mimeo*.

# ESTATUTO

## Preâmbulo

Os Fóruns do Campo Lacaniano no Brasil se originaram da cisão de 1998 da Escola Brasileira de Psicanálise, inserindo-se no movimento internacional lançado em julho de 1998 em Barcelona, que visava analisar os impasses institucionais criados frente ao discurso analítico. Eles se constituem como um lugar de debate e crítica do movimento psicanalítico, privilegiando o retorno aos fundamentos da Escola de Lacan.

A Associação Fóruns do Campo Lacaniano é um campo que prepara uma Escola inspirando-se na proposta institucional de Lacan após a dissolução da Escola Freudiana de Paris em 1980. Para tal finalidade propõe o trabalho em cartel e a discussão sobre o passe, independentes da hierarquia associativa. Os Fóruns do Campo Lacaniano congregam aqueles que querem constituir uma Escola para a Psicanálise onde possa vigorar o Discurso do Analista inaugurado por Sigmund Freud e formalizado por Jacques Lacan. Por não ser Escola, não propõe dispositivos e garantia analítica, ou seja, não reconhece nem garante a formação de analista. Apesar de não conferir o *gradus* de analista a seus membros, considera, no entanto, este um tema fundamental de debate que já se encontra em andamento, sobretudo no que diz respeito ao passe como verificação da passagem de analisante a analista no interior de uma análise.

A Associação Fóruns do Campo Lacaniano é uma associação de coordenação dos Fóruns que não pretende subordinar os Fóruns locais à sua direção, os quais permanecem com sua gestão e seu programa independentes de qualquer ingerência. Seus membros são os responsáveis pela orientação do Fórum de sua cidade.

A Associação Fóruns do Campo Lacaniano articula-se com outros Fóruns do Campo Lacaniano com os quais mantém intercâmbio e partilha a mesma orientação: constituir uma comunidade de Escola de acordo com as indicações de Jacques Lacan. Os Fóruns são do Campo Lacaniano, nome que evoca o conceito de Jacques Lacan do campo do gozo estruturado pelos discursos como laços sociais.

### CAPÍTULO I - Da Denominação, Sede, Objetivos e Duração.

**Art. 1º.** Sob a denominação de Associação Fóruns do Campo Lacaniano – AFCL, fica constituída, a partir do dia 03 de outubro de 1999, uma sociedade civil, sem fins lucrativos. Fundada na cidade de Belo Horizonte, onde tem sede e foro iniciais, podendo estes ser eventualmente transferidos a cada ano, por decisão de Assembléia Geral. A Associação terá duração indeterminada e seu exercício financeiro coincidirá com o ano civil.

**Art. 2º.** A Associação se inscreve sob a égide do significante Campo Lacaniano, tendo as seguintes finalidades:

a) Promover o estudo, o ensino e a pesquisa em psicanálise, conforme o estabelecido no Artigo 3º;
b) Desenvolver no Brasil uma comunidade de trabalho orientada pela obra de Sigmund Freud e o ensino de Jacques Lacan;
c) Congregar os Fóruns do Campo Lacaniano existentes em várias cidades do Brasil, propiciando uma organização de âmbito nacional e possibilitando o intercâmbio entre seus associados;
d) Coordenar os trabalhos nacionais dos Fóruns do Campo Lacaniano de modo a chegar a uma experiência de Escola compatível com os princípios de Jacques Lacan, em conexão com os outros Fóruns do Campo Lacaniano, em nível internacional;
e) Estimular, coordenar e estruturar o trabalho em cartel entre seus associados;
f) Manter discussão permanente acerca do movimento psicanalítico, do passe e do cartel, sustentando-se na ética da psicanálise.

**§ 1º.** Os cartéis da AFCL serão redeclarados para a Escola no momento de sua fundação.

**§ 2º.** AFCL não interfere na autonomia dos Fóruns locais.

**CAPÍTULO II - Dos Meios**

**Art. 3º.** A fim de cumprir os objetivos supracitados, a AFCL tem como meios:

a) Promover encontros, Seminários, Congressos, Fóruns e Reuniões de Trabalho;

b) Publicação (revista, boletim, etc.);

c) Home-page, correio eletrônico e outros meios de comunicação.

**Art. 4º. Recursos.** A AFCL mantém-se da contribuição anual de seus membros, de patrocínios e de doações de toda espécie permitida por lei. O valor da contribuição anual é proposto pela Comissão de Gestão e aprovado pela Assembléia Geral, podendo esta última fixar outro valor.

**CAPÍTULO III – Da Constituição Social**

**Art. 5º.** A Associação compõe-se de um número ilimitado de membros, que se propõem a aderir, um a um, a este estatuto. Eles se engajam na participação dos trabalhos, contribuem para a consecução dos objetivos da Associação.

**Art. 6º.** A admissão na Associação é feita na qualidade de membro. O pedido de adesão é pessoal e deverá ser endereçado por escrito à Comissão de Acolhimento e Intercâmbio (CAI) que o examinará. Uma vez aceita a demanda de adesão o novo membro deverá pagar imediatamente sua cotização anual. Cabe à CAI manter o Secretário da Comissão de Gestão mensalmente informado sobre a admissão de novos associados.

**Parágrafo único.** Os primeiros membros admitidos na AFCL são aqueles que aderiram a seus estatutos no ato de sua constituição.

**Art. 7º.** São direitos dos membros:

a) Participar das Assembléias Gerais nas quais têm voz e voto;

b) Participar dos Fóruns do Campo Lacaniano locais;

c) Eleger e ser eleito no Fórum do Campo Lacaniano local do qual participe (de acordo com as regras nele estabelecidas) para representá-lo na CAI e em quaisquer outras instâncias da AFCL;

d) Eleger e ser eleito para a Comissão de Gestão;

e) Eleger e ser eleito para a Coordenação do Espaço Escola e quaisquer outros cargos;

f) Compor comissões e equipes.

**Art. 8º.** São deveres dos membros:

a) Cumprir e fazer cumprir o Estatuto Social, resoluções e regimentos da Associação;

b) Respeitar as decisões da Assembléia Geral;

c) Colaborar com as atividades da Associação;

d) Pagar a anuidade;

e) Manter atualizados os dados cadastrais especialmente no que toca ao endereço residencial e ou comercial para fins de convocação às assembléias gerais.

**Art. 9º.** Perde-se a qualidade de membro:

a) Em caso de desligamento voluntário;

b) Em caso do não pagamento da quota anual, após a tolerância de três meses de atraso do pagamento;

c) Motivo grave devidamente apreciado pela CAI e como tal concluído pela Assembléia.

**CAPÍTULO IV - Da Administração**

**Art. 10.** A Associação é gerida por uma Comissão de Gestão, com a duração de um (1) ano, podendo ser reconduzida por mais um ano, mediante nova candidatura.

**Parágrafo único**. Após findar o segundo ano consecutivo de mandato na Comissão de Gestão, nenhum membro poderá a ela ser reconduzido por período igual ao que dela participou (2 anos).

**Art. 11.** A Comissão de Gestão é composta por um Diretor, um Secretário e um Tesoureiro, eleitos em Assembléia Geral mediante candidatura em chapa.

**Parágrafo único** - Só poderão integrar a Comissão de Gestão os membros da AFCL que estiverem em dia com as contribuições anuais.

**Art. 12.** A eleição da Comissão de Gestão dar-se-á anualmente na AGO, convocada para esse fim.

**§1º.** O Associado que desejar compor chapa terá seu nome incluído em apenas uma única chapa.

**§2º.** A eleição da chapa dar-se-á mediante escrutínio fechado, pela maioria simples dos votantes à assembléia geral respectiva.

**Art. 13.** Constituem atribuições da Comissão de Gestão:

a) Cumprir e fazer cumprir os dispositivos estatutários;

b) Propor, para aprovação da Assembléia, o valor de quotização anual para os membros, fixar data e modalidade de pagamento;

c) Apresentar anualmente em Assembléia Geral o relatório dos trabalhos da Associação, os balanços e contas do exercício anterior e o orçamento para o exercício seguinte;

d) Resolver os casos omissos deste estatuto, sempre que possível, com a Comissão de Acolhimento e Intercâmbio;

e) Instituir comissões e equipes de trabalho que se fizerem necessárias ao cumprimento das tarefas;

f) Coordenar as equipes de cartéis, publicação e home-page.

**Parágrafo único.** A Comissão de Gestão e a Comissão de Acolhimento e Intercâmbio serão responsáveis pela elaboração de um conjunto de indicativos que norteiam a escolha dos membros que irão compor as equipes de Cartéis, Publicação e Home-Page.

**Art. 14.** Atribuições do Diretor:

a) Representar a Associação ativa e passivamente em Juízo ou fora dele;

b) Convocar e presidir as reuniões da Comissão de Gestão;

c) Convocar e presidir as Assembléias;

d) Representar a Associação junto com o Tesoureiro perante os bancos e instituições financeiras;

e) Assinar a correspondência oficial da Associação;

f) Autorizar o pagamento das despesas;

g) Coordenar o intercâmbio da Associação com os Fóruns do Campo Lacaniano no nível nacional e internacional;

h) Acompanhar e zelar pelos trabalhos da Comissão de Acolhimento e Intercâmbio;

i) Acompanhar e estimular os trabalhos do Espaço Escola, enquanto o mesmo existir;

j) Escolher os membros que irão integrar as equipes de cartéis, publicação, home-page, conforme parágrafo único do artigo 13.

**Art. 15.** Atribuições do Secretário:

a) Substituir o Diretor em caso de ausência em todas as ocasiões em que esta ocorrer, e assumir a Diretoria em caso de vacância;

b) Secretariar as reuniões da Comissão de Gestão, zelando pelo registro das atas e divulgação das comunicações desta Comissão;

c) Acompanhar e zelar pelo funcionamento da CAI e das equipes responsáveis pelos cartéis, home-page e publicação;

d) Manter atualizada a lista dos membros da Associação e informar ao Tesoureiro.

**Art. 16.** Constituem atribuições do Tesoureiro:

a) Arrecadar e ter sob sua guarda e responsabilidade todo o dinheiro e valores da Associação, depositando-os em estabelecimento bancário idôneo;

b) Emitir recibos das contribuições anuais;

c) Representar a Associação juntamente com o Diretor perante os estabelecimentos bancários;

d) Visar os documentos de despesas da tesouraria;

e) Pagar todas as despesas autorizadas pelo Diretor;

f) Apresentar à Comissão de Gestão, semestralmente, o balancete da receita e despesas da Associação e no fim de cada ano em Assembléia Geral o balanço geral das suas contas;

g) Superintender toda a contabilidade da Associação, bem como todos os trabalhos da tesouraria;

h) Visar as notas de despesas de administração da Associação antes de remetê-las ao Diretor.

## CAPÍTULO V - Da Comissão de Acolhimento e Intercâmbio

**Art. 17.** A Comissão de Acolhimento e Intercâmbio é composta pelos representantes dos Fóruns do Campo Lacaniano locais, sendo um de cada Fórum. Eles são eleitos nos Fóruns locais dentre os membros da AFCL participantes daquele Fórum, mediante candidaturas.

**§1º**. Só poderão candidatar-se para integrar a CAI os membros da AFCL que estejam quites com suas cotizações.

**§2º.** Cada representante é eleito por um ano podendo ser reconduzido por mais um ano. Após dois anos de mandato, nenhum representante será reelegível nos dois anos consecutivos.

**Art. 18.** Constituem atribuições da CAI:

a) Acolher candidaturas de novos membros procedendo sua admissão;

b) Promover o intercâmbio entre os fóruns locais;

c) Assumir temporariamente a gestão da AFCL na hipótese de vacância do cargo de Diretor da Associação e convocar AG para eleição de novo Diretor, no prazo de 30 dias;

d) Informar mensalmente o Secretário da Comissão de Gestão sobre o ingresso de novos membros;

e) Apreciar os casos de motivo grave de desligamento e encaminhá-los à Assembléia.

**CAPÍTULO VI - Da Assembléia**

**Art. 19.** A Assembléia é composta por todos os membros da Associação que estejam quites com as cotizações.

**Art. 20.** Os membros se reunirão pelo menos uma vez por ano em Assembléia Geral Ordinária e, excepcionalmente, em sessão extraordinária, sempre que for justificável.

**Art. 21.** Atribuições da Assembléia Geral Ordinária e Extraordinária:

a) Acolher e debater os relatórios e as informações oriundas da Comissão de Gestão e das Comissões ao final de cada período;

b) Eleger a Comissão de Gestão;

c) Aprovar e/ou modificar a prestação de contas da Tesouraria;

d) Debater os assuntos em pauta;

e) Homologar o valor da cotização anual proposta pela Comissão de Gestão;

f) Proceder as votações previstas pela pauta;

g) Eleger membros do Conselho Fiscal.

**Art. 22.** As Assembléias Gerais Ordinárias e Extraordinárias serão convocadas por edital enviado através de carta registrada a todos os membros com antecedência mínima de 30 dias e publicação em jornal de circulação nacional.

**Art. 23.** As Assembléias Gerais Ordinárias e Extraordinárias serão realizadas em primeira convocação, desde que estejam presentes 2/3 (dois terços) dos membros, ou em 2ª convocação, trinta minutos após, com qualquer número dos membros. A votação se fará por maioria simples com exceção dos casos previstos pelo estatuto.

**§ 1º.** Admitir-se-á o voto por procuração, limitando-se a uma procuração por membro presente à Assembléia Geral.

**§ 2º.** 1/3 de seus membros poderá convocar uma assembléia extraordinária.

**§ 3º.** A convocação de Assembléia Extraordinária de que trata o parágrafo anterior, deverá observar os prazos e publicação tratado no artigo 22º deste estatuto, sendo que a carta registrada, convocatória, deverá vir acompanhada de cópia da ata que deliberou pela convocação, com as assinaturas dos membros respectivos.

**CAPÍTULO VII - Das Disposições Gerais**

**Art. 24.** A Associação só se responsabiliza como um todo, nos casos previstos neste estatuto, reservando-se o direito de não se responsabilizar por quaisquer atos de seus membros mesmo quando for invocado o nome da Associação.

**Art. 25.** Os membros não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais da Associação.

**Art. 26.** Um Conselho Fiscal composto por três membros, dentre os associados, será eleito pela Assembléia Geral, obedecendo-se aos mesmos critérios adotados para a eleição da Comissão de Gestão.

**Parágrafo único** - O Conselho Fiscal, se julgar necessário, poderá se valer, para cumprimento de seu papel institucional, da assessoria de técnicos com conhecimento na área jurídico/contábil.

**Art. 27. Da Dissolução** No caso de dissolução:

a) Para fins de se efetivar a dissolução da AFCL, será indicada e votada, pela Assembléia Geral, uma comissão específica composta por três membros associados;
b) Em caso de dissolução o Patrimônio Social terá o destino que for aprovado e indicado pela Assembléia Geral;
c) A Associação poderá ser dissolvida, quando da criação da Escola, ou por motivos outros que tornem inviável a sua existência conforme deliberação da Assembléia Geral Extraordinária, em *quorum* especial para esse fim, com mínimo de 2/3 dos votos.

**Art. 28.** Os membros da Comissão de Gestão e os membros das demais Comissões e equipes não serão remunerados.

**CAPÍTULO VIII - Das Disposições Transitórias**

**Art. 29. Sobre o Espaço Escola.** Fica constituído o Espaço Escola - EE que visará a elaboração e a produção de textos que apresentem propostas concretas, depositadas em escritos, sobre "A Escola que queremos".

**Parágrafo único.** O Espaço Escola será dissolvido no momento da fundação da Escola.

**Art. 30.** O Espaço Escola é constituído por Seminários Escola e Comissões Específicas sobre Política Institucional que visem extrair propostas, comentários e estudos escritos objetivando a futura Escola. Compõem o EE:

a) Seminários de Escola da AFCL;
b) Seminários dos Fóruns do Campo Lacaniano sobre o tema definido no artigo anterior;
c) A Comissão Crítica do Passe – CCP.

**§ 1º.** Cada Seminário e a CCP são responsáveis pela produção de escritos que reflitam suas elaborações.

**§ 2º.** Os escritos produzidos pelos Seminários e CCP devem ser encaminhados pelo responsável de cada Seminário ao Coordenador do Espaço Escola e lançados na rede da Internet "Espace-École", visando o debate internacional.

**§ 3º.** As propostas para esses Seminários e Comissões Específicas sobre Política Institucional da AFCL devem ser encaminhadas ao Coordenador do EE para avaliação e aprovação.

**Art. 31. Da Coordenação do Espaço Escola.** O Espaço Escola é coordenado por um membro da Associação, eleito anualmente em AGO, mediante candidatura, podendo ser reeleito por um ano. As atribuições do Coordenador do Espaço Escola são:

a) Coordenar os trabalhos do Espaço Escola no Brasil;

b) Acolher os trabalhos a serem enviados para a rede de correio eletrônico internacional Espace-École;

c) Favorecer o intercâmbio e a difusão dos trabalhos dos diversos Seminários de Escola;

d) Informar ao Diretor sobre os trabalhos do Espaço Escola.

**Parágrafo único** - Após o segundo ano de exercício da função de Coordenador do Espaço Escola, o membro torna-se inelegível para a mesma função por dois anos consecutivos.

**Art. 32. Da Comissão Crítica do Passe.** Fica constituída uma Comissão integrada pelos membros da AFCL que atravessaram a experiência do dispositivo do passe como passantes, passadores, membros do cartel ou do secretariado do passe. Sua duração é transitória e ela deve findar-se a partir da conclusão dos trabalhos para os quais ela foi proposta e que se especificam em suas atribuições e objetivos.

**Art. 33.** Atribuições da Comissão Crítica do Passe:

1. Efetuar a análise crítica da experiência do passe;
2. Transmitir o resultado da experiência no que concerne;
   2.1. O funcionamento e os desfuncionamentos do dispositivo;
   2.2. A clínica que pôde ser extraída;
3. Coordenar um seminário de Escola.

**Art. 34.** São objetivos da Comissão Crítica do Passe:

a) Elaborar propostas sobre o dispositivo do passe a ser implantado na futura Escola, apresentando-as para debate;

b) Promover junto à Associação Fóruns do Campo Lacaniano uma ampla discussão nacional sobre o passe.

**Art. 35.** A Assembléia Geral poderá rever este Estatuto a qualquer momento e deverá revê-lo quando da fundação da Escola

**SONIA ALBERTI**

Diretora

# Seminários do Espaço Escola da Associação Fóruns do Campo Lacaniano

Os Seminários Escola com seu estudo, elaboração de saber e produção de textos constituem o espaço onde se expõem e se trocam idéias, se debate e se prepara a Escola de psicanálise que a comunidade analítica que se reúne nos Fóruns do Campo Lacaniano se propõe a constituir. Eis o Espaço Escola, instância da AFCL, que conta atualmente com dez seminários cada qual com suas características e particularidades e todos orientados, nesse conjunto, pelos textos de Lacan.

Os textos produzidos e endereçados à lista eletrônica do Espaço Escola devem ser encaminhados para: quinet@openlink.com.br

Antonio Quinet
Coordenador do Espaço Escola

**Comissão Crítica do passe**

Esse seminário é o único fechado; seus componentes participaram do dispositivo do passe em uma Escola de psicanálise e juntos discutem e refletem sobre essa experiência. O produto de cada um é individual e tem sido divulgado na medida de sua produção escrita. Participam deste seminário: Angélia Teixeira, Antonio Quinet, Dominique Finguermann, Elisabeth Saporiti, Elizabeth da Rocha Miranda, Graciela Bessa, Fátima Pereira, Jairo Gerbase, Maria Anita Carneiro Ribeiro, Nilda Deiró, Rainer Melo, Roseli Rodella de Oliveira e Sônia CamposMagalhães.

Seminário Escola I
Tema: "Atualidade do passe"
Coordenador: Jairo Gerbase

Tendo questionado a autorização outorgada ao analista didata na IPA, Jacques Lacan propôs um dispositivo para verificar a auto-autorização do analista em sua Escola. Será que o passe recupera no dispositivo a função do didata? Permanece aberta a questão de como homologar a autorização do analista. Esperamos poder inventar uma resposta a essa questão.

**ARACAJU**

Seminário Escola II
Tema: "Questões de Escola"
Coordenação: Angela Maria de Almeida Dias e Tereza Cristina Rollemberg

Programação:
07/02/00 - Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista em 1956 - J. Lacan
Apresentação: Angela Maria de Almeida Dias

13/03/00 - Ata de Fundação da Escola Freudiana de Paris - J. Lacan
Apresentação: Heloísa Andrade Prudente

03/04/00 - Proposição de 09 de outubro de 1967 - 1ª versão - J. Lacan
Apresentação: Tereza Cristina Rollemberg

08/05/00 - Proposição de 09 de outubro de 1967 - J. Lacan
Apresentação: Marcia Regina Polido

Nota Italiana - J. Lacan
Apresentação: Alba Abreu Lima

**BELO HORIZONTE**

Seminário Escola III
Tema: "Por que alguns fizeram e fazem "Escola"?
Coordenador: Rosângela Corgosinho

Proposta de trabalho:

Através de um espaço que, por uma sugestão da colega Graciela Bessa, será considerado como uma "Oficina de Psicanálise", pretendo trabalhar neste Seminário, com os colegas que se inscreverem, o conceito de Escola, a partir de uma formulação mais ampla até o cunho particular que lhe dá Lacan em sua Escola de analistas. Assim, teremos a oportunidade de estudar as "Escolas" da filosofia, da literatura, das artes em geral, e até mesmo as "Escolas" de Psicanálise que antecederam Lacan. Poderemos, quem sabe, tentar responder à interessante questão: "Por que alguns fizeram e fazem "Escola"?

Sem dúvida alguma, Freud fez "Escola". De certa forma, Melanie Klein, Spitz e outros autores também. "Escola" enquanto algo de um autor que se transmite, ou seja, estaríamos aqui na vertente de um estilo.

Mas é de Lacan que extraímos as maiores conseqüências do conceito de Escola. Se ele, naturalmente, partiu do conceito de Escola em sua versão de escola de um mestre, ele também o retoma na sua singularidade, ao fazer uma subversão que incide na destituição do mestre. Sua Escola é uma escola de analistas, de analisantes que se defrontaram com o particular do seu gozo e disso é que fizeram a sua transmissão. O estilo de um sujeito, autor feito no um a um.

As conseqüências de tal ato é que a Escola, que queremos, será construída por um conjunto de sujeitos diretamente implicados, já que é desde cada um que um estilo vai sendo construído.

Método de trabalho:

Cada um dos participantes deste Seminário será responsável pela apresentação de um seminário, a partir do ponto que lhe interessar desenvolver. A cada encontro haverá esta apresentação seguida de um debate. Todos os textos criados, tanto pelos responsáveis por um seminário quanto aqueles extraídos dos debates, serão repassados ao Espaço Escola.

Local: Auditório da Clínica Médica Ambulatorial do Servidor Municipal - PBH
Rua Paraíba, 890 - Savassi - 2º andar
Telefone: (31)277-9526
Informações e Inscrições: (31)284-3384

Seminário Escola IV

Tema: "O passe e o desejo do analista"

Coordenação: Angela Diniz Costa e Graciela Bessa

Tomaremos como ponto de partida a asserção: "há analista", mas, isso não é o bastante porque nos resta ainda saber de que modo há analistas. Colocar a questão da formação do analista nesses termos nos mostra que, em termos lógicos, a resolução do problema não está no predicado e sim na questão da existência.

Há, pelo menos, duas vias que podem ser tomadas. Uma delas diz respeito ao desejo do analista que não é o desejo de ser analista. Um analista advém quando nos momentos críticos da análise, nesses pontos de mudança subjetiva, o "desejo do analista vem responder a essa necessidade de fazer o desejo do sujeito como desejo do Outro, ou seja, fazer-se causa desse desejo". Ao colocá-lo como furo, Lacan impossibilita-o não só de ser analisável como também de localizá-lo, porque a possibilidade de sua articulação está ali onde a demanda do neurótico o coloca como não articulável.

Conceituado dessa forma não se confunde com o desejo de saber porque desse desejo, como nos diz Lacan, não há o mínimo. Embora tenha sido sob a pena de Freud que nos chegou o desejo de saber, é no amor que ele vai fundamentar a mola mestra da análise que é a transferência sem, contudo, deixar de nos advertir para o fato de que esse amor, em dado momento, opera como fechamento do inconsciente. Temos aí o ponto em que se verifica que a paixão maior do ser falante é a ignorância, o horror ao saber. O saber do psicanalista não está ancorado aí.

A outra via seria a do ato que institui o analista. Este ato, ao mesmo tempo que causa o des-ser do analista, instala o analisando a operar como causa para um outro, ou seja, ele sai desse lugar de sujeito ($) para fazer semblante de objeto *a* para um outro. O ato, como sabemos, é um dizer, ou seja, diz algo e está suportado no fato de que há um saber que se sabe e não se sabe que se sabe. É por essa razão que não há sujeito do ato e que só *a posteriori* o sujeito é convocado para falar dele. Portanto, do desejo do analista não há nada a dizer, mas do ato analítico, por ser um dizer, o sujeito diz de seus efeitos.

Esta oficina de psicanálise tem como objetivo trabalhar os pontos de conjunção e disjunção desses dois sintagmas, desejo do analista e ato analítico, no que diz respeito à tentativa de formalização de um saber que venha responder à questão: de que modo há analistas, e se no procedimento do passe há possibilidade de verificação disso.

Local: Rua Caldas, 221 - Sion

Dia: início 31/3 - quinzenalmente

Horário: 16h30 às 18h

Seminário Escola V

Tema: "Psicanálise, ética e política: a economia do gozo em questão"

Coordenação: Bárbara Guatimosim

A proposta deste seminário é a produção de trabalhos e discussões, pela via da enunciação, na escritura e na transmissão oral, que visem extrair da teoria psicanalítica, de seus conceitos fundamentais, da ética da experiência analítica e da prática clínica, uma Política Psicanalítica que considere e possibilite o trabalho com o real. Este que, em sua insurgência, constatadamente descompleta os agrupamentos humanos, mesmo nos pretendidos sistemas totalitários. Se o discurso analítico causa mais impacto que pacto social, como pode

convocar uma Escola? E, interrogando nas interfaces, outros discursos e outros saberes, o que pode a psicanálise trazer de inédito para os enlaces sociais?

Tema de abertura: "Psicanálise e Cidade"
Apresentadores: Regina Teixeira da Costa (psicanalista, integrante do Pórtico-MG) e Reginaldo Luiz Cardoso (psicólogo, mestre em Ciências Políticas pela UFMG).
Coordenação: Sueli Miranda, psicanalista, Fórum Campo Lacaniano-BH, mestranda em Estudos Literários pela UFMG.
Abertura dos trabalhos: Bárbara Guatimosim.

Início: 30 de março de 2000 - Quinta-feira - seminário mensal
Local: Escola de Medicina - UFMG, Av. Alfredo Balena, 190
Hora: 20h30
Informações: (31) 223-5704, (31) 9956-9493

**JUIZ DE FORA**

Seminário Escola VI
Tema: "Os fundamentos da Escola de Lacan"
Coordenação: Rainer Melo

Tendo iniciado suas atividades em setembro de 1998, o Fórum do Campo Lacaniano em Juiz de Fora se reúne quinzenalmente para estudar e debater temas pertinentes à comunidade analítica, à formação do psicanalista e à Escola de Lacan. Já tivemos vários convidados de outros Fóruns, assim como teremos outros dentro de nossa programação.

Programação:
25/02/00: A situação do psicanalista e a formação do psicanalista. (LACAN, J. 1956)
Apresentação: Leopoldo Lanna, Sonia Knopp e Waldir Silva

17/03/00: Do *Trieb* de Freud e do desejo do psicanalista (LACAN, J. 1964)
Apresentação: Márcio Brandão e Ana Paula Farias

31/03/00: Proposição de 9 de Outubro (Lacan, J. 1967)
Apresentação: Graça Loures, Maria Tereza Tostes e Norma Salomão

14/04/00: O Cartel e a Escola: trabalho singular
Apresentação: Sueli Miranda (convidada do FCL/BH)
28/04/00: Um procedimento para o passe.
Apresentação: Alexandra Albane, Geraldo Muzzi e Flávia Lima

12/05/00: Carta aos Italianos
Apresentação: Ana Rita Magalhães e Elza Bertolo

26/05/00: Política e Instituição: a questão da segregação.
Apresentação: Clícia Magalhães (convidada do FCL/BH)

09/06/00: O Passe e a Escola de Lacan
Apresentação: Rainer Melo e Gilcemar Sales.

26/06/00: A formação do psicanalista a partir do ensino de Lacan
Apresentação: Angela Diniz (convidada do FCL/BH)

Local: Av. Barão do Rio Branco, 2555 - S/1103 - Tel: (32) 217-1138
Dia: Sextas-feiras (quinzenalmente).
Hora: 19h

**RIO DE JANEIRO**

Seminário Escola VII
Tema: "A Escola e suas conexões"
Coordenação: Maria Anita Carneiro Ribeiro

O Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro retoma sua programação neste primeiro semestre do ano 2000 participando das questões que orientam nossos debates rumo à Escola que queremos e das sugestões levantadas no último Fórum de dezembro passado. Propomos então um programa centralizado na interlocução da psicanálise com outras áreas do saber, uma vez que a Escola que queremos é certamente uma Escola participante e atuante, em permanente abertura e troca com o *socius* e em intercâmbio com os vários discursos.

Programação:
23/03/00 - mesa-redonda "O que é o passe hoje?", presidida por Sonia Alberti com os trabalhos de Antonio Quinet e Maria Anita Carneiro Ribeiro que serão debatidos por Tereza Nazar (Escola Lacaniana) e Nestor Lobo Lima Vaz (Letra Freudiana)

13/4/00 - "A psicanálise e a política": hierarquia e poder na Escola
Apresentação: Vera Pollo - debatedora: Maria Anita Carneiro Ribeiro

27/4/00 - "A psicanálise e a filosofia": a questão do UM
Apresentação: Guy van de Beuque (matemático) - debatedor: Antonio Quinet

11/05/00 - "A psicanálise e o laço social"
Apresentação: Rainer Melo - debatedora: Rosane Melo

25/05/00 - "A psicanálise e a religião": Freud e o judaísmo
Apresentação: Betty Fuks - debatedora: Elizabeth Rocha Miranda

8/06/00 - "A psicanálise e a arte"
Apresentação: (a confirmar) - debatedora: Graça Pamplona

Local: Rua Muniz Barreto, 730 - Auditório da Aliança Francesa de Botafogo, a partir do dia 13/04.
Hora: 21h às 23h

Seminário Escola VIII
Tema: "Saber e poder: o que quer dizer isso?
Coordenação: Clarice Gatto, Eliane Schermann, Graça Pamplona e OlympioXavier

Um desejo, isso não se diz; um desejo se circunscreve. Um desejo, o da construção de uma Escola, buscamos circunscrevê-lo através deste Seminário. Seu tema, "Saber e poder: o que quer dizer isso?", interroga-nos, – da crítica assídua do movimento analítico à elaboração de propostas fundamentadas nos textos e na crítica da experiência – em direção à "Escola que queremos".

Programação (sempre às terças-feiras):
28/03/00 - Apresentação do tema e acolhimento de sugestões.
25/04/00 - O poder e os exercícios do desejo

Partiremos de O mal-estar na cultura (Freud,1929) e de duas questões: o mal-estar "está" na civilização em razão do sexual entre os seres falantes, e "a formação dos analistas" (via Lacan) é fonte de mal-estar porque reedita a contradição entre a novidade desejante da experiência e a antigüidade do método de seleção e de reconhecimento oficial nas instituições de psicanálise. Em pauta: a formação dos analistas e a candidatura à Escola, os critérios de seleção dos analistas e que garantias "pode saber" uma Escola.

30/05/00 - *Der Wissen*, o saber

O ato analítico (Lacan,1967-1968) demarca algumas distinções entre: 1. "uma pessoa que sabe" (no lugar do ideal) de "o sujeito suposto saber" (no lugar do desejo). 2. A transferência - como endereçamento ao saber, em "A" -, e o amor-de-transferência - como lugar de causa de desejo, em *a*. Por essa via podemos encontrar a série autorização-nomeação-garantia.

20/06/00 - O real é *ob-scene*

Na acepção latina da palavra *obscene* encontramos tanto o sentido "indecente", usado pela língua corrente, quanto o sentido próprio, augural, de "sinistro". "Ob", em latim, é também o que é "raro", o que está "diante de", o que é "contra". Essa é a via, tomar a palavra à letra nos "exercícios - éticos - do desejo" perante o real em jogo!

29/08/00 - Antígona de Sófocles

Pensamos Antígona como um mito fundamental da psicanálise. Seu herói, entre duas mortes, apresenta o sujeito dividido entre dois significantes, a insistir no seu desejo até o limite, um desejo puro de morte, contrário à lei da pólis. O analista, por saber que no real a segunda morte antecede a primeira, pode sustentar esse desejo do sujeito como um objeto causa. Um desejo impuro, parcial, o caracteriza: desejo de saber, de haver isso.

A questão se refere ao poder na psicanálise, capaz de impulsionar a cena, e aos saberes que advêm do encontro com a *Até*. Como pensar poder e saber sem perdermos a dimensão trágica do sujeito, no risco de nos aprisionarmos nas grades do delírio daquele que sabe e por isso atua sem querer saber d'isso.? Como considerar o mal-estar que provoca o real em jogo?

26/09/00 - Elaboração de propostas.

31/10/00 - Encerramento.

Hora: 21h15

Local: Rua Maria Eugênia, 123 - Humaitá

**SÃO PAULO**

Seminário Escola IX

Tema: "In-passes na experiência analítica"

Coordenação: Luiz Carlos Nogueira, Elisabeth Saporiti, David Wilson, Ana Claudia Fossen, Gilberto Gobbato e Dominique Fingermann

Este seminário mensal visa a reflexão, o debate e a produção de textos no intuito de poder dividir nossas discussões e elaborações com os outros colegas do Espaço Escola da AFCL e com os demais Seminários Escola de todos os Fóruns ligados à Internacional dos Fóruns. A coordenação do Seminário está a cargo do cartel formado pela Comissão de Gestão do FCL-SP e atualmente estuda a questão do passe.

Início: 21 de março 2000

Intervenção de Gilberto Gobbato sobre o tema "Passe é transmissão"

Hora: 21h

**SALVADOR**

Seminário Escola X

Tema: "O passe e a formação do analista"

Coordenação: Angélia Teixeira

Este seminário Escola se propõe a fomentar um debate sobre o passe na perspectiva das condições atuais da formação do analista.

Datas: o debate será realizado nos dias 15/3; 12/4; 10/5; 7/6; 2 e 30/8;27/9 e 25/10.

Local: sede das Formações Clínicas do Campo Lacaniano - Salvador.

# Secretaria Municipal de Desenvolvimento (do laço) Social
# Programas e Projetos da Prefeitura de Belo Horizonte

# Secretaria Municipal de Desenvolvimento ( do laço) Social
## Programas e Projetos da Prefeitura de Belo Horizonte

*Rosana Baccarini*

Belo Horizonte, já há muito tempo, principalmente durante as duas últimas gestões da Prefeitura de Belo Horizonte, tem, na comunidade analítica, colaboradores em várias áreas e níveis da administração do município: na saúde, saúde mental, nas políticas sociais, e, até, no que diz respeito à política mesma. O saber que a Psicanálise constrói serve de aporte e subsídio para o enfrentamento de muitas questões que surgem nesta - como também na nossa - tarefa impossível: a de governar.

Aqui, membros de várias instituições psicanalíticas participam de programas desenvolvidos pela Prefeitura, o que também contribui, em contrapartida, para o avanço do movimento psicanalítico, propiciando o debate a céu aberto sobre a prática e os rumos da psicanálise, que é chamada a opinar e a se posicionar diante dos problemas sociais cada vez mais graves, principalmente nas grandes cidades.

O discurso capitalista, dominante na contemporaneidade, produz efeitos que, nas camadas mais pobres da população, parecem ser ainda mais avassaladores. Intervir nessa realidade com programas e projetos que não levem em conta esta dimensão tem por efeito produzir pouco ou nenhum resultado, sobretudo quando as questões a serem tratadas apresentam outros agravantes além da miséria - ainda que esta propicie seu aparecimento -, como nos casos de delinqüência, violência, uso abusivo e tráfico de drogas, alcoolismo, enfim, quando está em questão o esgarçamento do tecido social, onde irrompe o real do gozo, com suas incidências na comunidade e em seus grupos.

Ao direcionar para um público-alvo uma política social - população de rua, famílias que vitimizam suas crianças, adolescentes em conflito com a lei, meninos de rua...-, é preciso que se leve em conta também o particular, o caso a caso - aquela família, e cada um de seus integrantes, este menino que está na rua, aquele adolescente que praticou um ato infracional -, pois o ingresso em um programa, voluntária ou compulsoriamente, se faz um a um. Além de cuidar da dimensão macroeconômica, política ou social, o cotidiano de grande parte desses programas e ações, no que se refere ao trabalho de ponta, na linha de frente, requer, então, no trabalho caso a caso com os integrantes desses públicos-alvo, algo que empresta o saber fazer da clínica.

Pode-se dizer que o grande mérito da PBH, sobretudo a partir do período mencionado, foi considerar os problemas sociais nessa perspectiva mais ampla, que inclui a dimensão do singular, do um a um, o que aponta, também, para a dimensão de processos, percursos - onde cabe a repetição, o retorno à situação anterior, o fracasso e o recomeço, possibilitado pela introdução de um agente que se proponha a estabelecer um laço estável com quem se dispor a ingressar nesses programas e ações.

Assim, programas dirigidos a adolescentes com trajetória de rua ou que praticaram atos infracionais, a crianças vítimas de abuso sexual e violência doméstica, à população de rua, dentre outros, estruturam-se levando em conta esta dimensão, o que tem por conseqüência apresentar resultados bem satisfatórios, além de possibilitar a construção de parâmetros e indicadores para avaliação dessas políticas e ações mais adequados, o que permite a desidealização e desimaginarização quanto aos resultados que se pretende obter.

Seguindo esta linha de trabalho, através de parcerias e de forma integrada com diferentes órgãos municipais, a SMDS coordena e supervisiona programas a cargo de equipes interdisciplinares, que trabalham de forma articulada, nas seguintes áreas:

-Atendimento à criança de 0 a 6 anos - educação infantil;

-Atendimento à criança de 7 a 14 aos - socialização Infanto-Juvenil;

-Abrigos para crianças vítimas de violência doméstica, abusos e abandono;

-Atendimento a crianças e adolescentes com trajetória de rua (Programa Miguilim);

-Formação Profissional, Geração de Trabalho e Renda;

-Atendimento à 3a idade e ao idoso;

-Atendimento aos portadores de deficiência;

-Apoio e orientação sóciofamiliar - Programa de Famílias;

-Assistência social básica ou atendimento emergencial;

-Programas voltados para a população de rua.

Destes, destacamos, por apresentarem esta especificidade, a de lidar necessariamente com a dimensão do particular de cada caso:

**Programa Miguilim**

Dirigido a crianças e adolescentes com trajetória de vida na rua, estrutura-se enquanto um fluxo, um pano de fundo, um trajeto para o qual a criança e o adolescente são convidados a trilhar - e, com a oferta pretende-se criar a demanda de algo mais que o atendimento de necessidades imediatas, e estabelecer um laço mais estável com um educador de referência, que passa a acompanhá-los nesse percurso - da abordagem feita na rua (com a oferta, cria-se a demanda) ao encaminhamento a centros de passagem (casas onde residem até 12 adolescentes, por um período de três meses), quando se realiza o estudo de caso e são avaliadas as possibilidades de retorno à família ou ingresso em alguma casa mantida por entidades conveniadas à PBH. Mesmo depois de feito esse encaminhamento, a probabilidade de retorno à rua, com rompimento desses laços recém-restabelecidos ou criados é muito alta, e está prevista nesse percurso, podendo-se dizer, talvez, que são nas passagens pelo programa repetidas vezes que um laço mais consistente vai sendo construído, e é o que favorece o êxito do programa, que visa acolher, um a um, esses meninos e meninas organizados em bandos. O Miguilim já existe há vários anos, e apesar de resultados nem sempre visíveis facilmente na cidade - pois o capitalismo não cessa de excluir e propiciar o rompimento dos laços familiares de número sempre crescente de crianças e adolescentes -, conseguiu a estabilização do fluxo de meninos e meninas na rua, que gira em torno de 100 (cem).

**Programa de Famílias**

O Programa de Famílias é a retaguarda na aplicação de medidas definidas pelos Conselhos Tutelares (Conselhos que zelam pelo cumprimento do Estatuto da Criança e Adolescente) para famílias com episódios de violações aos direitos da criança e do adolescente, como a violência doméstica, inclusive sexual. Constatada a ocorrência de violência doméstica contra a criança ou o adolescente, o Conselho Tutelar pode, por lei, aplicar a medida de apoio e orientação sociofamiliar. Nesses casos, a família é encaminhada ao programa que atende todo o núcleo familiar. Após a aplicação da medida pelos Conselhos Tutelares, a equipe técnica do Programa é acionada.

A participação da família não é facultativa, mas o programa realiza um acompanhamento mais próximo da realidade de cada caso e no ambiente privado dos envolvidos.

Aplicada a medida, uma vez cumpridas as ações do programa e na ausência de reincidência, as famílias retornam ao Conselho Tutelar, o que marca o encerramento de um ciclo de trabalho.

Para o Programa de Famílias, este estágio do trabalho significa o início de um acompanhamento mais amplo para a construção de formas de convivência doméstica e comunitária em que a violência seja cada vez menor.

**Programa de Liberdade Assistida**

Dirigido a jovens de 12 a 18 anos que cometeram atos infracionais e por isso encaminhados pelo juiz da vara de infância e juventude para o cumprimento desta medida socioeducativa, que visa ao acompanhamento do adolescente sem retirá-lo do convívio da comunidade a que pertence. A comunidade é chamada a participar e assistir os jovens através de uma rede de atendimento regionalizada, formada por técnicos da PBH, orientadores sociais voluntários e organizações não-governamentais. Aqui também se privilegia o caso a caso, e a noção de percurso, acompanhamento e vínculo, sendo construída uma ponte entre quem se oferece como referência ética para o adolescente - um membro da comunidade - e técnicos da PBH. Iniciado em abril de 1998, atendeu, até o momento, a 425 adolescentes.

**Programa População de Rua**

Dirigido a moradores de rua que habitam as vias públicas, praças e baixios de viadutos, conta com uma equipe de abordagem que atua nas regiões da cidade onde se concentram em maior número. A partir dessa relação inicial, busca-se o encaminhamento para a rede de serviços e unidades de atendimento de saúde,

documentação e geração de renda que o município mantém diretamente ou através de convênios. O programa conta ainda com um albergue noturno que oferece atendimento social com pernoite, café da manhã, banho, e com uma república, que funciona em regime de pensão para homens solteiros, com tempo máximo de permanência de seis meses. A Prefeitura vem desenvolvendo, também, um projeto com os moradores que habitam os baixios de viadutos, geralmente famílias, em que são encaminhados para barracões escolhidos por eles e alugados pelo município durante um ano, período em que as famílias são acompanhadas por técnicos do programa. Após um ano, obtendo-se sucesso neste percurso de integração, essas famílias ou núcleos serão incorporadas ao Programa de Assentamento de Moradores de Áreas de Risco - PROAS - desenvolvido pela PBH, destinado a habitantes de áreas de risco ou de intervenções realizadas pela Administração Municipal, podendo construir ou adquirir moradia própria, continuando, ainda, em acompanhamento pelos técnicos da SMDS por mais dois anos.

O principal diferencial desses programas é o aqui chamado acompanhamento realizado pelos técnicos da Prefeitura, que trabalham no sentido de, juntamente com quem vem se integrar a estes, criar condições para que possam se implicar nas circunstâncias que atravessam, ou que atravessam suas vidas, buscando alternativas, também, para o enfrentamento de problemas tais como alcoolismo, drogas, mendicância e outros, ligados à saúde mental, e, então, construir um projeto que permita sua inserção de forma mais digna no mal-estar da cultura.

EPFCL
Fórum do Campo Lacaniano - SP
Biblioteca Luiz Carlos Nogueira
20 OUT. 2009
TOMBO Nº 000626

Impresso na Gráfica da
Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
Abril de 2000

*Stylus* em grego significa instrumento pontiagudo de metal, punção que serve para furar ou gravar. É de onde se origina o termo estilo que nos indica sua característica de risco, furo, corte que marca o estilo do analista cujos escritos esperamos aqui publicar.

Associação Fóruns do Campo Lacaniano

